

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

JUREMA ANDREOLLA

**A FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL:
DIÁLOGO ENTRE A REVELAÇÃO NA TEOLOGIA DE
BRUNO FORTE E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA *INTERNET***

PORTO ALEGRE

2012

JUREMA ANDREOLLA

**A FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL:
DIÁLOGO ENTRE A REVELAÇÃO NA TEOLOGIA DE
BRUNO FORTE E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA *INTERNET***

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Professor Orientador: Pe. Dr. Leomar Antonio Brustolin

Porto Alegre

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A559f Andreolla, Jurema

A Fé Cristã na Era Digital: diálogo entre a revelação, na Teologia de Bruno Forte, e a experiência religiosa na internet/Jurema Andreolla; orientação Leomar Antonio Brustolin. – Porto Alegre, PPGTEO/PUCRS, 2012.

102 p.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Teologia. Porto Alegre, 2012.

1.Teologia 2.Revelação 3.Tecnologia 4.Bruno Forte I. Brustolin, Leomar Antonio. II. Título.

CDU 236:004.738.5

Catalogação na Fonte realizada pela Bibliotecária Lizandra Brasil Estabel –

CRB10/1405

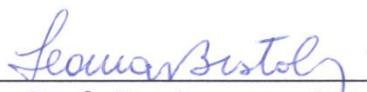
JUREMA ANDREOLLA

**A FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL:
DIÁLOGO ENTRE A REVELAÇÃO NA TEOLOGIA DE
BRUNO FORTE E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NA INTERNET**

Dissertação apresentada como registro parcial para obtenção do grau de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 14 de março de 2012, pela Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Leomar Antonio Brustolin
(Orientador)



Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann



Prof. Dr. Júlio César Adam

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, possibilitaram a realização deste trabalho.

Aos Professores, funcionários e colegas da faculdade de Teologia da PUCRS, pelos recursos fornecidos.

Agradeço aos meus irmãos e irmãs, à congregação das irmãs Paulinas, pela possibilidade concedida para a realização dos estudos, e a todas as pessoas que me ajudaram.

Dirijo especial agradecimento ao professor Dr. Leomar Brustolin, pela orientação na busca incansável do núcleo mais profundo que o conhecimento pode oferecer.

Finalizo, agradecendo a Deus, por sua Revelação a cada pessoa, na dinâmica do êxodo, que se mistura com o advento e se faz relação, força inovadora. Desejo crescer na humildade, nesse peregrinar, a fim de que haja cada vez mais a aproximação do Mistério.

RESUMO

Novas possibilidades são oferecidas à religião na sociedade atual, marcada pela cultura da informação, da *mídia* digital e da virtualidade. Diante disso, cabe a interrogação: *será possível fazer uma experiência de escuta e diálogo com Deus, por meio da nova ambiência da fé criada pela Internet?* À luz do pensamento teológico de Bruno Forte, a dissertação parte da Revelação cristã, para demonstrar em que poderia consistir o diálogo mediado pela fé experimentada na Era Digital. Para isso, utilizam-se as categorias êxodo e advento, a fim de demonstrar como o autor desenvolve o pensamento sobre a situação do ser humano em relação a Deus e ao próximo no plano da fé. A seguir, identificam-se como as pessoas procuram a experiência de Deus nas mídias da comunicação, especialmente nas novas redes sociais da *Internet*. Verificam-se, ao longo do trabalho, possíveis direcionamentos para as questões: *É possível encontrar-se com Deus no espaço virtual? Uma comunidade de fé virtual pode ser considerada um espaço de evangelização e vivência comunitária?* Finalmente, por meio de uma pesquisa qualitativa, identificam-se categorias que expressam a experiência religiosa de cristãos que usam a *Internet* para esse fim. Conclui-se, estabelecendo um diálogo entre Teologia e Comunicação, valendo-se da obra de Bruno Forte, confrontada com o resultado das entrevistas.

Palavras-chave: Teologia. Revelação. Comunicação. *Internet*. Bruno Forte.

ABSTRACT

New possibilities are offered to religion in the society now, which is marked by information culture, digital media and virtuality. Thus, we asked: is it possible to make a hearing experience and to maintain a dialogue with God through the new ambience of faith, created by the Internet? In the light of Brono Forte's theological ideas, the current study is part of the Christian Revelation that was carried out to demonstrate what is the dialogue that is mediated by faith, experienced in Digital Era. Therefore, we used exodus and advent categories, in order to demonstrate how the author develops his conception of the situation of man, considering God and neighbor in the plan of faith. After that, we identified how people look for experience with God in media of communication, particularly in the new social networking sites. We verified that some questions arise, through the development of the present study: Is it possible to find God in virtual space? Can a community of face be considered a space of evangelization and community of experience? Finally, through a qualitative research, we identified categories that express a Christian religious experience that use internet with this purpose. We concluded that there is dialogue between Theology and Communication, if we consider Bruno Forte's ideas, confronted to the results of the interviews.

Key-words: Theology. Revelation. Communication. Internet. Bruno Forte.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A REVELAÇÃO COMO ÊXODO E ADVENTO EM BRUNO FORTE.....	13
1.1 A REVELAÇÃO ENTRE SILÊNCIO E PALAVRA.....	18
1.1.1 Silêncio, palavra e Encontro	20
1.1.2 Silêncio: morada da Palavra.....	22
1.1.3 O Encontro	25
1.2 A INQUIETAÇÃO DA PERGUNTA.....	27
1.2.1 O êxodo	29
1.2.2 O advento	31
1.3 A TRINDADE: CAMINHO DA REALIZAÇÃO DO HUMANO	33
1.3.1 O Pai – a fonte de amor.....	36
1.3.2 O Filho: Palavra amorosa do Pai	37
1.3.3 O Espírito Santo: encontro entre o amado e o amante	40
1.4 A PÁTRIA TRINITÁRIA	44
2 A FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL	48
2.1 O CONCEITO DE FÉ	49
2.1.1 A fé na Bíblia.....	50
2.1.2 A fé na Teologia Patrística	52
2.1.3 A fé nos períodos Medieval e Moderno	53
2.1.4 A fé no Concílio Vaticano II e no Catecismo da Igreja.....	54
2.2 FÉ E ERA DIGITAL.....	56
2.2.1 Cultura Digital e Cristianismo	58
2.2.2 Lógica midiática e fé cristã	60
2.2.3 O kerigma e a mídia	62

3 A EXPERIÊNCIA DE DEUS NA ERA DIGITAL: A PESQUISA	66
3.1 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS	67
3.2 OS DADOS DA TEOLOGIA E DA ENTREVISTA EM DIÁLOGO	72
3.2.1 Experiência de Deus	72
3.2.2 Discernimento	75
3.2.3 Atualização	80
3.2.4 Relação.....	84
3.2.5 Considerações finais da pesquisa de campo	86
CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS	93
ANEXO A - Questionário	99
ANEXO B – Parecer do CEP	100
ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	101

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como ponto de partida a pesquisa da fé proclamada, vivida e testemunhada pela Igreja, confrontando-a com as novas formas de linguagem disponíveis na mídia contemporânea. Descobrir Deus na História e proclamar a fé devem ser o empenho de todo fiel cristão. No desenrolar dos acontecimentos históricos, o povo da Bíblia acolheu a Revelação de Deus que se comunica na vida das pessoas e na comunidade. E, apesar das muitas experiências religiosas, o ser humano continua a sua busca, pois tem sede de transcendência. A História tem uma espessura e uma profundidade que escapam ao domínio da compreensão humana. Além disso, a Revelação cristã expressa a presença do Deus que se mostra, mas que, ao mesmo tempo, se esconde, enquanto continua se revelando. É a própria autocomunicação de Deus que se faz relação com o humano. Essa relação interativa e relacional é aprofundada pelo teólogo Bruno Forte, por meio das categorias *Êxodo, Advento, Palavra, Silêncio e Encontro*.

Esta dissertação se propõe, portanto, a refletir a relação entre Teologia e Comunicação, verificando a possibilidade de diálogo entre a fé experimentada na Era Digital e a Revelação cristã na teologia de Bruno Forte. Trata-se de estudar uma questão que a sociedade da informação apresenta como desafio à Igreja, não só para a pastoral e evangelização, como também para a Teologia. Vive-se um período de muitas transformações que visam ao diferente, à inovação, à interação e à pluralidade. Também se observa certa banalização do conhecimento e da comunicação; inclusive religiosa. Consta-se que a sociedade atual dispõe de novas ferramentas, linguagens e relacionamentos que ocorrem no espaço virtual, criado pela tecnologia de comunicação. Isso originou a cibercultura, ou seja, a cultura da comunicação, do diálogo, do encontro, da troca de opiniões e de amizades em espaços virtuais.

Há novos paradigmas que marcam o tempo atual, nitidamente influenciado pelas formas de intercomunicação mediadas pelas tecnologias. Diante dessa evolução e dessas novas possibilidades, a religião também é influenciada e transformada. Mudam as formas como os fiéis alimentam a fé, o modo como as pessoas se relacionam com o transcendente e como comunicam as suas experiências religiosas. Para as instituições evangelizadoras, surgem novas perspectivas e novos desafios. São novas fronteiras de evangelização, porque, na verdade, estamos em um mundo sem fronteiras.

A relevância dessa pesquisa consiste em assinalar, para a prática pastoral e evangelizadora atual, a importância de conhecer e caracterizar a relação entre a Revelação e a comunicação virtual, amplamente utilizada pelos fiéis. Assim se conseguirá pontuar os limites e as possibilidades desse novo contexto, para o anúncio da Verdade cristã. Será preciso, também, perceber os novos desafios que a realidade propõe para a autocompreensão da fé. A época atual caracteriza-se por uma hipercomplexidade da realidade, que provoca a pessoa e o sentido de sua vida. O empobrecimento, a crise existencial do homem moderno e as questões a respeito da sobrevivência humana no planeta desafiam a reflexão teológica do século XXI. Com Bruno Forte, é preciso perceber como os desafios dos novos contextos histórico-sociais podem ser vistos, enquanto lugares teológicos.

Entre os meios mais propagados como ferramentas de construção de redes sociais destaca-se, no momento, a *Internet*, vastamente utilizada como meio de comunicação interpessoal. E, dado que as mudanças de época são profundamente marcantes e interpelam o ser humano para novas vivências da fé, surge a questão central desta dissertação: *É possível fazer a experiência de escutar e falar com Deus, através da nova ambiência da fé que é a Internet?*

Para responder a essa questão, partimos do presente pressuposto de que a influência da *Internet* nas relações interpessoais repercute também nas suas relações com o divino. E vamos utilizar três âmbitos de investigação que se inter-relacionam: a pesquisa bibliográfica sobre a Teologia da Revelação na obra de Bruno Forte, seguida da abordagem sobre a fé cristã na Era Digital, em uma perspectiva da Comunicação, e, finalmente, a pesquisa qualitativa com estudantes de Teologia do Rio Grande do Sul. Na interface entre Teologia e Comunicação, na pesquisa de campo serão verificados os dados teóricos a partir da experiência constatada nas entrevistas.

A escolha de Bruno Forte deve-se ao fato de o teólogo italiano desenvolver a sua reflexão dialogando com a realidade pluralista do nosso tempo. Ele viveu o período de transição do Concílio Vaticano II, que marcou o seu labor teológico. Como base para aprofundar a Teologia da Revelação em Bruno Forte, utilizamos a obra: *Teologia da História: ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação*.¹ Nesse livro, Forte pensa teologicamente de maneira trinitária e estabelece um diálogo com a Filosofia, especialmente a moderna e a contemporânea, enquanto aprofunda os três níveis, entre si inseparáveis, do Silêncio, da Palavra e do Encontro, que, na história da salvação, correspondem à obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo. À luz desse seu pensar, são propostas a teologia trinitária da criação e das criaturas.

Sua reflexão, assim, permite ter um olhar aberto e dinâmico, a exemplo do diálogo que ele teve com os ateus, instigando à abertura ao diferente, ao novo, frente aos sinais dos tempos. Para Bruno Forte, a História e a Trindade são duas chaves hermenêuticas, nas quais se constrói a Teologia. Seu pensamento é de caráter científico, com uma forte carga de espiritualidade. O enfoque histórico, dado à Teologia, a faz crítica em relação ao presente e, ao mesmo tempo, profética em vista de uma realidade maior – o Reino escatológico. Atenta à História, com seu dinamismo e transições, a Teologia de Bruno Forte é consciente de uma missão eclesial, portanto é uma reflexão de um povo a caminho. A Trindade é um modelo de comunhão e comunicação, participativa relacional e ética. É a Trindade que estabelece a unidade entre os tempos da História. Ela unifica o passado, o presente e o futuro da humanidade. A sua teologia é peregrina, não é estática nem absoluta, mas apresenta a *Pátria trinitária* como espaço da revelação da esperança definitiva. Em seu itinerário, é acompanhada pela memória, companhia e profecia do Ressuscitado.

Em relação à atual cultura da comunicação, este trabalho valeu-se da visão de Pierre Lévy, ao tratar da realidade virtual, das tecnologias da inteligência e da cibercultura. Ele caracteriza a cibercultura como um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensar e valores atuantes no mundo da *Internet*.² O autor tem um olhar de futuro na dimensão digital e tenta compreender a criatividade que, a seu ver, vai mover a sociedade. Visando a entender a sociedade em rede, pesquisou-se Manuel Castells que

¹ FORTE, Bruno. *Teologia da história: ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulinas, 1995.

² LÉVY, P. *Cibercultura*, p. 125ss.

analisa os *nós* que a rede virtual proporciona nas conectividades e parcerias que oferece.³ Seguiram-se também escritos de autoras que conciliam Jornalismo e Teologia, como: Joana Puntel⁴ e Maria Clara Bingemer.⁵ Igualmente se investigou o pensamento de Lúcia Santaella que evidencia uma série de novos conhecimentos e espaços por onde a religião também se expressa nos dias atuais.⁶

A pesquisa de campo seguiu as orientações da obra: *Pesquisa qualitativa com o texto, imagem e som de Martin*, de W. Bauer e George Gaskell.⁷ Segundo esses autores, a pesquisa qualitativa refere-se à entrevista semiestruturada. É uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada e que ajuda a realizar a pesquisa com a qualidade esperada. Optamos pelo método qualitativo, por ser mais pertinente para a identificação do fenômeno religioso que nos propomos analisar, posto que a sua metodologia favorece o conhecimento antropológico-social dos entrevistados. A pesquisa qualitativa permite que a pessoa fale sobre o que é importante para ela e como pensa suas ações e as dos outros. É uma pesquisa que beneficia mais conhecimento e maior profundidade. É evidenciado que a pesquisa qualitativa possibilita um olhar para as pluralidades dentro da sociedade. Com base na mudança que marca a contemporaneidade, fez-se a pesquisa com a pretensão de investigar a relação do humano com o divino, especificamente no uso dos recursos de informação, contidos na rede virtual da *Internet* que caracteriza a Era Digital.

O objetivo das entrevistas foi identificar o fenômeno cada vez mais visível da fé experimentada em ambientes digitais. O foco da pesquisa foi a relação *falar e escutar* Deus no mundo contemporâneo. As entrevistas foram realizadas com estudantes de Teologia de três instituições: Faculdade de Teologia da PUC de Porto Alegre, Curso de Teologia da Unilassalle de Canoas e curso de Teologia da ESTEF (Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana) de Porto Alegre. Os entrevistados são de diferentes partes do Brasil, com idade entre 20 e 40 anos, e, na sua maioria, são seminaristas, porém há religiosos e alguns leigos. No conjunto, há 12 homens e 5 mulheres, totalizando 17 entrevistas.

³ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

⁴ PUNTEL, Joana. *Comunicação: Diálogo dos saberes na cultura midiática*. São Paulo: Paulinas, 2010.

⁵ BINGEMER, Maria Clara. *Comunicação*. Disponível em: <<http://www.muticom.com.Bingemer>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

⁶ SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

⁷ MARTIN, W. Bauer; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com o texto, imagem e som de Martin*. Petrópolis: Vozes, 2008.

A dissertação “A Teologia da Revelação de Bruno Forte e a Fé Cristã na Era Digital” estão estruturadas em três seções. Na primeira, desenvolve-se o referencial teórico de Bruno Forte, a partir das categorias *êxodo* e *advento*, *silêncio*, *palavra* e *encontro*. Na segunda, apresenta-se o que se denomina “Era Digital” e as características da cultura midiática atual, com suas implicações essenciais sobre a vivência da fé. Na terceira, assinala-se a experiência de Deus na Era Digital e a pesquisa. Evidencia-se a salvaguarda da verdade e da objetividade dos conteúdos, a pertença a uma comunidade eclesial e o necessário aprofundamento que leva à vivência cotidiana da experiência de fé realizada no encontro com Deus. Ainda se explicita o resultado da pesquisa qualitativa feita a base de entrevistas com pessoas católicas que utilizam meios virtuais para rezar, refletir e conhecer melhor a fé. Em seguida, aprofundam-se algumas categorias evidenciadas como resultado da pesquisa de campo e discute-se sobre a questão da validade e da legitimidade dos novos modelos e linguagens para a evangelização. Essa relação entre Teologia e Comunicação é mediada pelo confronto entre a categorização da pesquisa de campo e a reflexão teológica de Bruno Forte.

A dissertação não pretendeu encontrar soluções conclusivas para a problemática que abordou, tanto por não ser este o seu alcance, como também pela natureza complexa, nova e até imprevisível das mídias digitais e das relações humanas inauguradas por elas. O estudo, entretanto, permite refletir sobre o uso dos espaços virtuais como possibilidades de evangelização na atualidade.

1 A REVELAÇÃO COMO ÊXODO E ADVENTO EM BRUNO FORTE

O teólogo Bruno Forte, autor da obra *Teologia da História: ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação*, referencial para este trabalho, nasceu em Nápoles em 1949. A Itália, naquele período, vivia uma situação muito difícil econômica e politicamente em consequência do governo ditatorial de Mussolini e a sua aproximação com Hitler. O autor foi ordenado sacerdote em 1973, concluiu o mestrado em 1974 e o doutorado em 1977.⁸ Desde então, foi professor de Teologia Dogmática na Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional até 2004, quando foi ordenado bispo da Arquidiocese de Chieti-Vasto, na Itália. Foi membro da Comissão Teológica Internacional e é membro do Pontifício Conselho para a Cultura, do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, sendo também pesquisador nas universidades de Paris e de Tubinga.

Bruno Forte recebeu da comunidade Parisiense e da Alemanha a influência de uma teologia eclesial, reflexão da tradição viva da fé, bem como da exigente abertura teológica aos problemas do próprio tempo e o diálogo com as culturas. A elaboração teológica de Tubinga foi um marco de grande valia, e o diálogo de Bruno Forte, com os teólogos evangélicos, especialmente Junges Moltmann e Eberhard Jüngel, que lhes deram percepção de como a forma histórica do pensar teológico, não pode realizar-se à margem da emergente questão ecumênica. A sua vida foi fortemente influenciada pelo contato e pela aproximação com a teologia de Paris, com os grandes precursores da renovação conciliar. O voltar às fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas foi marco assumido na “nova teologia”, que tanto influenciaram e prepararam a renovação empreendida pelo Vaticano II.

Outro marco é o próprio Concílio Vaticano II, quando adolescente, viveu a apenas duzentos quilômetros de Roma, o epicentro da grande “virada” que o Concílio gerou. Logo, a sua teologia é enraizada nas propostas do último Concílio Ecumênico. Sobre isso, ele publicou extensa bibliografia e estudos, especialmente no início de sua carreira de teólogo. Entre suas obras mais significativas, estão as coleções *Simbólica Ecclesiale*, com oito volumes, dos quais alguns foram traduzidos para o português; e a *Dialógica*, em quatro volumes. Além de diversos escritos de espiritualidade. “A teologia de Bruno Forte é caracterizada pelo forte aspecto histórico, marcada pela tradição italiana, pelo pensamento e reflexão sobre a história, conforme é apresentada por Giambattista Vico e, propriamente na área teológica, Joaquim de

⁸ FORTE, Bruno. *A teologia como companhia, memória e profecia*. São Paulo: Paulinas, 1987.

Fiore, Tomás de Aquino e Afonso de Ligório”.⁹ Forte é um pensador de destaque sobre o peregrinar da Igreja na Teologia e na História.

Uma das preocupações constantes de Bruno Forte é o diálogo com as religiões, com os ateus, com os estudiosos das mais diversas áreas e com o homem de hoje, e uma característica marcante do seu pensamento é a paixão pela pergunta e pela verdade. Ele se apresenta como alguém à procura, a caminho, em busca do horizonte único, na companhia de muitos outros.

Foi influenciado pelos teólogos de Paris, dentre os quais: Marie Dominique Chenu, Yves Congar e Henri de Lubac, grandes precursores da renovação conciliar e do retorno às fontes empreendidas pela *nova teologia*, que tanta influência teve no Concílio. Com estes mestres, Forte aprofundou o sentido da História que marca a sua teologia e o seu diálogo ecumênico, atento ao mundo plural, problemático e desafiador. “Nápoli, Tübingen e Paris, os meus itinerários de pensamentos, que estão unidos entre si sob o sinal da fé e da história”.¹⁰

Forte é um teólogo que se confessa apaixonadamente cristão, conforme afirma: A teologia não é um aristocrático amor pela sabedoria reservado a poucos adeptos do trabalho, ela é muito mais ‘a sabedoria’ do amor: o esforço de levar à palavra o vivido pela caridade. A teologia cristã deve ‘dizer’ o amor; e porque o Amor se disse a nós na vida de Jesus de Nazaré, Senhor e Cristo, a teologia cristã deve narrar o amor, narrando o mistério da Páscoa, o evento pascal. Acho profundamente verdadeira a expressão de Eberhard Jungel, quando diz que a tarefa do teólogo é falar de Deus, narrando o amor.¹¹

É esse amor reconhecido pelo teólogo que está presente no processo da fé teológica acolhida, encarnada e experienciada.

Podem ser identificadas duas fases no pensamento teológico de Bruno Forte. A primeira foi caracterizada pela Escola de Heidelberg, do círculo histórico alemão. Aqui se destaca a obra de Bruno Forte: *A Trindade como História*. Obra com uma tentativa de pensar

⁹ “La teologia di Bruno Forte è caratterizzata dal forte aspetto storico, segnata dalla tradizione italiana, dal pensiero e riflessione sulla storia, secondo viene presentata da Giambattista Vico e, propriamente nell’area teologica, Giocchino di Fiore, Tommaso d’Aquino e Alfonso de’ Liguori” (MONDIN, B. *Dizionario dei Teologia*, p. 244).

¹⁰ “Nápoli, Tübingen e Parigi, i miei itinerari di pensiero, che sono uniti fra di loro sotto il segno della fede e della storia” (Cf. FORTE, B. *Teologia Viatorum*. In: SARTORI, L. *Essere Teologi*, p. 77).

¹¹ “La teologia non è un amore aristocratico per la sapienza riservato a pochi addetti del lavoro, essa è molto più “la sapienza” dell’amore: lo sforzo di portare alla parola la vivenza della carità. La teologia cristiana deve “dire” l’amore; e perché l’ Amore si disse a noi nella vita di Gesù di Nazareth, Signore e Cristo, la teologia cristiana deve narrare l’amore, narrando il mistero della Pasqua, l’evento pasquale. Credo profondamente vera l’espressione di Eberhard Jungel, quando dice che il compito del teologo è parlare di Dio raccontando l’amore.” (FORTE, B. *La Trinità: storia di Dio nella storia dell’uomo*. In: AA.VV. *Trinità. Via di Dio progetto dell’UOMO*, p. 108).

historicamente a Trindade e perscrutar a maravilha, o dinamismo do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É o Deus cristão que se apresenta, assim, como o Deus vivo no amor, capaz de dar sentido, força e esperança ao agir e à existência humana.¹² A Teologia é vista como companhia, memória e profecia. Obra que procura respostas às três perguntas: que sentido tem fazer teologia hoje? Como se fez teologia na história? Como fazer teologia hoje?¹³ O livro se empenha em introduzir o pensamento da companhia de vida, ao homem do cotidiano, com as suas perguntas, esperanças, conquistas, verdades truncadas, no diálogo com a companhia da fé, que é a comunidade da Igreja, colhida pelo advento do Deus vivo e santo. E percorre os caminhos da memória, no sentido de perceber as formas em que se apresentou, no tempo, a reflexão crente em relação às diversas situações históricas do cristianismo. Em resposta à terceira pergunta, o livro ensaia as veredas da profecia, traçando a linha de forma teológica e a oferecer um projeto à vivência cristã no contexto histórico de hoje. Em síntese, faz-se uma teologia que seja companhia, memória e profecia, sendo audição do tempo, recordação cheia de riscos da Palavra de Deus e orientação antecipadora do futuro. Nela está se propondo uma História de circularidade viva, em que o que se diz seja vivido no ato. A reflexão se solda com a experiência e introduz, tanto quanto possível, no sentido e no método da teologia como História. *Jesus de Nazaré: História de Deus, Deus da História: ensaio de uma cristologia como história*. Nela identificam-se três aspectos: o eclesial, o científico e a abertura aos problemas do tempo. Bruno Forte apresenta uma cristologia de considerável interesse sistemático e, ao mesmo tempo, em consonância profunda com a vida concreta da Igreja. É uma cristologia verdadeiramente ecumênica, porque não se limita apenas a escutar os teólogos pertencentes às diversas Igrejas, mas funda solidamente em Cristo, homem e Deus¹⁴.

Quanto ao seu pensar, este se desenvolveu em três dimensões. A dimensão *histórica*, que sempre tem um ponto concreto, real, que conecta os fatos à realidade, à objetividade, à experiência e à encarnação. A sua teologia é compreendida, como memória, companhia e profecia. A dimensão *transcendental*, pois a dimensão histórica não fica presa em si, nem termina em si mesma, mas vai além, transcende. Não aprisiona a verdade total em relação ao ser humano, mas toca o outro, e os outros, até o Outro. Aí está a verdade aberta que não é posse de alguém, pois está em relação e, por isto, sua linguagem é poética, enfim a dimensão

¹² FORTE, Bruno. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

¹³ Idem. *A teologia como companhia, memória e profecia*, p. 5.

¹⁴ Idem. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985.

relacional. Nela está presente o processo contínuo do objetivar-se e do transcender-se. Identifica-se a verdade que reside, mora e habita na relação. Pode-se dizer que tudo está em relação. Nada é solitário, nada se compreende a partir de si mesmo, mas só nas intrincadas e sempre novas conexões, nos laços estabelecidos, por meio das relações que transcendem o ser em si. Tudo, porém, realiza-se na História, no tempo e na matéria.

Atenção especial deve ser dada à relação que Bruno Forte faz de si mesmo com a tradição teológica italiana, especialmente a meridional. Ele se declara várias vezes herdeiro desse pensamento e diz:

[...] na tradição do pensamento histórico, sobretudo meridional: na herança de Joaquim de Fiori e de Tomás de Aquino, de Tommaso Campanella e de Giordano Bruno, de Giambattista Vico e de Afonso de Ligúrio, até o iluminismo napolitano e a escola teológica do séc. XIX [...] esforça-se por pensar o encontro do mundo de Deus com o dos homens, que se consuma na história humana e nos é densamente revelado em Jesus Cristo¹⁵.

Entende-se que Forte não está se colocando ingenuamente no caminho do abade calabrés, Joaquim de Fiore. Forte, tem um discurso claramente ortodoxo, não no sentido de conformação passiva a um dogma, mas, no desejo de servir concretamente o ser humano, por meio de sua teologia, descobrindo as implicações concretas de uma imagem de Deus.

A reflexão teológica de Bruno Forte é sempre fundamentada trinitariamente e aponta para uma práxis relacional de comunhão que tem como ponto de partida a Trindade revelada na História. A sua preocupação consiste em perceber os pontos da encarnação da Verdade em determinada realidade, o que faz com que, para ele, o lugar teológico possa ser a História. Nessa reflexão sobre a encarnação, núcleo central das várias dimensões da fé, superam-se as dicotomias clássicas e as dualistas da filosofia greco-helenista. Inserido no contexto do final do milênio, o seu conteúdo hermenêutico é o homem do fim do segundo milênio cristão, que vive todas as fragilidades de uma mudança de época:

Nos umbrais do terceiro milênio, reemerge com vigor a pergunta sobre o homem: ela volta a se impor a partir da infinita história do sofrimento e do desejo indelével de cada um e das massas de dar sentido e valor à vida e à história comum. Se alguém pensasse que, com o ocaso das ideologias, se exauriu a carga de esperança utópica e de expectativa revolucionária a que elas tinham pretensão de dar corpo e voz, enganar-se-ia perigosamente. Superadas as respostas presunçosas e totais, o problema que é o 'homem' continua em toda a dramática urgência¹⁶.

¹⁵ FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 6.

¹⁶ Idem. *Para onde vai o cristianismo?*, p. 97.

Bruno Forte tem grande preocupação com o ser humano de hoje, com seus problemas, inquietações e perguntas. Para ele, é necessário compreender a atualidade do mundo e do sujeito histórico deste tempo, para com ele entrar em relação e diálogo e perceber a quem busca. Aí o teólogo se revela com alma de bom Pastor, preocupando-se com o outro, especialmente os outros no mundo.

A ocupação com o humano, acompanhada pela tensão entre fé e vida, faz com que Forte proponha uma teologia para ser vivenciada e, para isso, encarnada, comprometida, companheira, profética e alicerçada nos fundamentos da práxis cristã. Vê-se, ao longo de seus escritos, características fundamentais de apelo à encarnação, à comunhão trinitária e à dimensão da Cruz com o Crucificado Ressuscitado.

A segunda fase do pensamento teológico de Bruno Forte pode ser identificada em sua obra *A Porta da Beleza: uma meditação sobre o belo na qual ele procura contribuições em Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Kierkegaard, Dostoievski, Evdokimov e Urs Von Balthasar para conseguir o que chama de uma “experiência da beleza”*.¹⁷

É de Hans Urs Von Balthasar que ele mais se aproxima e com quem percebe a relevância atual do belo como caminho para recuperar a verdade e o bem. Mas é uma época tentada pela renúncia aos horizontes capazes de dar fundamentação e sentido ao próprio existir. O seu pensamento é instigante e pode ser assim resumido: “Belo é o oferecer-se do Todo no fragmento, o evento de uma doação que supera a distância infinita. Mas, pode o infinito habitar naquilo que é mínimo? Pode o Eterno reduzir-se sem se anular? Ou o imenso contrair-se sem se negar?”.¹⁸ São perguntas que Bruno Forte se faz para entender a salvação humana. Ele tem consciência que ela passa pela via da Beleza. É expressão de uma doação gratuita. Nela o Todo se oferece no fragmento, o infinito se diminui naquilo que é mínimo: “Na rocha do Calvário se ergue a Cruz da Beleza: o Verbo se diz neste mundo por via de sua *Kénosis*, esvaziamento. Ao diminuir-se, o grande se deixou conter pelo infinitamente pequeno, para que o esplendor eterno viesse oferecer-se na noite do mundo”.¹⁹ Isto é, o Todo se manifesta como movimento que surge no íntimo e abre uma janela na direção do ilimitado, de tal modo que o mínimo aparece como *Kénosis e abreviação* da eternidade no tempo, do infinito no finito. Forte deixa entender que a beleza crucificada - supremo ato de amor e dom de si - remete à Beleza finalmente vitoriosa. Pode-se dizer que além das inúmeras palavras do

¹⁷ FORTE, B. *A porta da beleza. Por uma estética teológica*, p. 6-7.

¹⁸ *Ibid.*, p. 5.

¹⁹ *Idem. A essência do cristianismo*, p. 168.

tempo, a Beleza permanece oculta, mas no final ela será tudo em todas as coisas e o mundo inteiro será sua Pátria.

Estar em face desta beleza última – objeto da esperança teologal e da visão prometida – eis o dom e o desafio oferecido ao olhar de quem tem fé, contanto que olhe para Aquele em quem foi transposto de uma vez por todas o limiar: Cristo, o Bom Pastor, abandonado e ressuscitado, penhor e antecipação da gloriosa Beleza precisamente em sua carne crucificada e entregue.²⁰

A relevância atual do belo como caminho para a recuperação da verdade e do bem é assim proposta por Bruno Forte: “O Verbo se diz neste mundo pelo caminho da *Kénosis* suprema, graças ao ato pelo qual - em nada obrigado pelo infinitamente grande – o Filho se deixou conter pelo infinitamente pequeno. Verdadeiramente divino é este contrair-se.²¹ Ele reconhece no êxtase divino do tempo o mais alto apelo que se possa conceber ao êxtase do mundo: “O Verbo eterno revela a beleza como mínimo infinito”.²² Olhar para a Beleza crucificada não é negar a dignidade da beleza desse mundo que passa e que o Filho assumiu quando se fez carne, se fez humano com os humanos a quem, com a sua entrega total, veio resgatar e salvar, revelando-se a cada um em qualquer momento.

Visto que o pensamento de Bruno Forte é bastante complexo e extenso, para o presente trabalho, recortaremos a parte que nos ajuda a responder às perguntas de nossa pesquisa de campo, quais sejam: Como escutar Deus e comunicar-se com Ele na linguagem da cibercultura e das redes sociais virtuais? Que Deus o homem atual está desejando e buscando? Nesse sentido, importa-nos fundamentalmente a reflexão de Bruno Forte sobre a Revelação²³ no peregrinar humano da fé e no entender o Mistério que se revela como Silêncio e Palavra.

1.1 A REVELAÇÃO ENTRE SILÊNCIO E PALAVRA

Bruno Forte define a Revelação no Cristianismo a partir do termo grego *apocalipsis*, que no latim se traduz como *revelatio*. Revelação aparece com duplo sentido: *re-velação* é o tirar o véu que cobre, mas também um novamente velar, um novo escondimento. Esse

²⁰ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 168-169.

²¹ Idem. *A porta da beleza. Por uma estética teológica*, p. 6.

²² Ibid., p. 5-6.

²³ A palavra Revelação é a expressão usada na Teologia, especialmente a partir dos séculos XVIII-XIX, para designar a aproximação de Deus em relação ao homem, seu conhecimento e como isso tudo se dá. Também a palavra Revelação apresenta-se com muitas outras definições, como por exemplo: 1) ato ou efeito de revelar-se, 2) divulgação de um segredo, uma confidência; 3) informação que se presta com o intuito de fazer outrem conhecer alguma coisa desconhecida, ignorada; 4) descoberta que revela um atributo ou vocação em alguém, etc. Porém, no sentido teológico, Revelação significa ato pelo qual Deus fez saber aos homens os seus mistérios, sua vontade. (Cf. NEGRO, Mauro. A Teologia da revelação a partir da Escritura na Igreja. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo: IESP/PFTNSA, v. 17, n. 68, p. 41-63, jul./dez. 2009).

movimento é identificado por Forte como a dialética de abertura e de escondimento, contida no termo da *Revelação*; como o termo grego *apo*, que tem tanto o sentido de repetição da mesma coisa, quanto o sentido de passagem à condição oposta. É a Revelação de Deus que vem retirar o véu que o esconde, mas traz também um mais forte escondimento. É a comunicação de si mesmo, mas, ao mesmo tempo, um novo esconder-se.

Bruno Forte distingue o termo *revelatio* do termo *Offenbarung*, palavra alemã que se origina em Hegel para expressar o conceito de Revelação. *Offenbarung* também foi o termo escolhido por Martinho Lutero em seus trabalhos teológicos e que, segundo Bruno Forte, percorre a Filosofia dos últimos séculos.

Para Hegel, *offenbarung* significa abertura total, manifestação total. Ou seja, Deus se diz totalmente, se manifesta, se comunica sem reservas: “O Cristianismo na interpretação hegeliana, torna-se a total comunicação do absoluto na História, o puramente desvelar-se do Eterno no tempo”.²⁴ Isso é uma característica lógica da sua ideia de Deus como Espírito. Deus manifesta-se totalmente porque o Espírito é exatamente o que se manifesta e não pode omitir sua ação de manifestar-se. Diz o teólogo:

Se a religião cristã é a religião do manifestar-se de Deus, e Deus é aquele que se manifesta, Deus é Espírito por excelência, porque o Espírito é o manifestar-se, o tornar-se objetivo. Onde não há um manifestar-se, onde não se atinge o dia luminoso da presencialidade da consciência, não há Espírito, mas só o duro cepo da matéria. Aonde chega o Espírito, aí chega a manifestação: a *offenbarung* atinge a si mesma.²⁵

A concepção hegeliana constitui o problema de fundo para Bruno Forte no que diz respeito à Revelação. O seu interesse maior é especulativo, científico. Sem desmerecer o conhecimento e a ciência, Forte vive a preocupação para um maior entendimento com o sentido da Revelação do Deus do Cristianismo. E o termo *revelatio*, ajuda a uma maior compreensão no pensar de Forte. A condição de dialética do termo *revelatio*, analogamente ao grego *apokálypsis*, permite uma aproximação entre Teologia e História e coloca Forte diante das correntes teológicas do pós-guerra que buscam entender e refletir a teologia da história, no intuito de ‘resolver’ a questão de Deus na contingência do tempo e do espaço, salvaguardando a transcendência. Diante delas e da Filosofia da Revelação de Hegel, ele compromete-se a elaborar uma Teologia da Revelação, para resgatar o sentido da Revelação na História, que significa libertar o humano e todo o ser criado.

²⁴ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 53.

²⁵ Idem. *A escuta do outro: filosofia e revelação*, p. 15.

Para compreender a concepção fortiana da Revelação, faz-se necessário conseguir a compreensão de alguns conceitos: *Silêncio, Palavra, Êxodo, Advento, Encontro, Pátria, Trindade*. Compreendidos estes termos e a relação entre eles, temos o entendimento da sua Teologia da Revelação, que pode se sintetizado em um movimento tríplice definido por três palavras densas de conteúdo teológico e antropológico: Silêncio, Palavra e Encontro.

1.1.1 Silêncio, Palavra e Encontro

É pelo Silêncio da origem, e pela Escuta, que se completa o milagre do advento: Deus fala. A Palavra revelada vem dar sentido à História na vida do ser humano. Na conexão que se dá do advento divino com o êxodo humano, encontra-se o sentido do próprio existir humano.

O Pai é o Silêncio amoroso e misterioso, absolutamente transcendente, de onde a Palavra tem sua origem para que exista e aconteça na História. “Desta forma o *Primum et novissimum* do conhecimento vem se manifestar como *secundum*: o Filho nos remete ao Pai; a Palavra ao Silêncio; o Revelado no ocultamento, ao Oculto na Revelação”.²⁶ O duplo significado de *re-velatio* vem aqui à tona com toda a sua grandeza: no tirar o véu há um colocar o véu; no mostrar-se, um retrair-se; no velar-se, um ocultar-se. A escuta daquele que crê encontra o Revelado para, graças a Ele e através d’Ele, caminhar para o Oculto. A obediência de fé tende para aquilo que está por detrás, sob a Palavra (*upo*, isto é, debaixo, mais além, por detrás). A *obedientia* é escuta voltada inteiramente para outra parte, para mais além do que foi dito (*ob*, quer dizer “para,” indicando movimento rumo a outro lugar, além de apontar para o objetivo, a destinação).

A Palavra é a mediação, o Silêncio é a outra margem, as profundezas ocultas do que foi dito, a meta e a pátria da obediência da fé no Verbo. Sem a Palavra não haveria acesso ao Silêncio; por outro lado, sem o Silêncio a Palavra seria apenas o ‘aberto’ deste mundo, uma *offenbarung* (manifestação) que não nos remeteria a outro mundo e a outra pátria, porque no ‘aberto’ não há mais nada oculto, tudo está diluído na manifestação plenamente realizada. Remetendo-nos para o Silêncio, exige a obediência da fé; comunicando-se mediante a Palavra, o ‘mais além do dito’ se torna acessível e provoca a resposta da decisão intencional

²⁶ “Il ‘*primum et novissimum*’ della conoscenza della fede viene così a manifestarsi come ‘*secundum*’: il Figlio rimanda al Padre, la Parola al Silenzio, il Rivelato nel nascondimento al Nascosto nella rivelazione” (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’ inizio e il compimento*, p. 63).

daquele que crê como abertura do coração do humano para as insondáveis profundezas de Deus.²⁷

Deus continua se revelando pela Palavra, mas continua existindo o Silêncio divino, ‘mais além’. Isso, Bruno Forte define como Silêncio, afirmando que o verdadeiro acolhimento da Palavra de Cristo é a escuta do Silêncio que se supera e dela provêm. O Silêncio divino define-se antes de tudo como a não-palavra, a ulterioridade misteriosa e primordial da qual a Palavra provêm e junto à qual a Palavra estava e ainda está na história eterna de Deus, que no Novo Testamento assim se expressa:

O princípio era a Palavra e a Palavra estava em Deus e a Palavra era Deus (*Jo* 1,1). O texto grego deste versículo sublinha com o artigo definido as duas vezes que ocorre nele a palavra Deus: a Palavra estava com Deus’- a Palavra era ‘o Deus’. Este sublinhar com o artigo indica a mútua pertença da Palavra e Daquele que é Deus, a comunhão de ambos no ser da divindade. E, ao mesmo tempo, a distinção entre Deus, com o qual a Palavra estava, e a própria Palavra, também de condição divina. A Não-Palavra, o Silêncio do Princípio é, portanto, Deus, aquele que no Novo Testamento é identificado como Pai de Jesus, enquanto a Palavra, o Verbo, é aquele que – existindo desde todo sempre com o Pai, como Deus - se fez carne, ressoando na história (cf. *Jo* 1,14).²⁸

E pode-se dizer que o lugar e a origem da Palavra é o Silêncio. O Silêncio cura e faz o humano penetrar em seu íntimo mais secreto. É onde a comunicação se dá por excelência, é o espaço de interlocução divina. Em Jesus o Filho, que é a Palavra amorosa do Pai, o Silêncio reflete a luz. É pela encarnação daquele que é a centralidade das relações que a certeza da salvação se realiza a cada momento no ser humano, em seu processo de peregrinação. E as relações podem ser identificadas como encontro íntimo. O Silêncio se expressa como linguagem que no Evangelho é identificado como ‘Pai’. O Pai gera a Palavra: o Filho. A

²⁷ “*La Parola è la mediazione, il Silenzio è l'altra sponda, la profondità nascosta del detto, la meta e la patria dell'obbedienza della fede nel Verbo. Senza la Parola non si darebbe accesso al Silenzio; ma senza il Silenzio la Parola sarebbe soltanto l' "aperto" di questo mondo, una "Offenbarung" (manifestazione, che non rinvierebbe a un altro mondo e a un'altra pátria, perché nell' "aperto" nulla è più nascosto, tutto è risolto nello svelamento pienamente compiuto. Solo rinviando al Silenzio la Parola esige l'obbedienza della fede; solo comunicandosi nella Parola l'al di là del detto è accessibile e provoca la risposta dell'intenzionalità credente, come apertura del cuore dell'uomo verso le insondabili profondità di Dio*” (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l' inizio e il compimento*, p. 63).

²⁸ “*In principio era la Parola e la Parola era presso Dio e la Parola era Dio*” (*Gv* 1,1) *Il testo Greco di questo versetto distingue mediante l'articolo le due volte in cui ricorre in esso il termine Dio: la Parola era “presso il Dio” – la Parola era Dio. Questa distinzione dice la comune appartenenza della Parola e di Colui che e il Dio al mondo divino, la loro comunione nell'essere della divinità, ed insieme la distinzione fra il Dio presso cui la Parola era e la Parola stessa nella condizione divina. La Non-Parola, il Silenzio del principio, è dunque il Dio, quello che nel Nuovo Testamento è identificato col Padre di Gesù Cristo, mentre la Parola, il Verbo, è quello che – esistendo da sempre presso il Padre come Dio – si è fatto carne, risuonando nella storia* (cfr. *Gv* 1,14) (Cf. *ibid.*, p. 56).

Palavra acolhida será para o ser humano a porta e a via. E escutada, deve ser transcendida para o Silêncio da Origem e do Fim.

Obedecer a Palavra, deixada pela Tradição, é compreender o processo dinâmico que não se extingue na letra, mas, empreende para penetrar nas veredas do Silêncio. Por isso, nunca se deve pronunciar a Palavra sem antes ter longamente peregrinado nas veredas do Silêncio. Isso nos ensina e diz a Revelação cristã: Deus é Palavra, Deus é Silêncio. A Palavra é e permanece o único acesso ao Silêncio da divindade. A Palavra só poderá ser amada e escutada verdadeiramente quando for transcendida rumo às profundidades do Silêncio. É nessa dinamicidade que se torna: comunidade, comunhão e transformação no *já*. Mas, que ainda não na totalidade do humano. Mas sim é por Ela e Nela que o ser humano torna-se um espaço sagrado de encontro da criação com Deus.

1.1.2 Silêncio: morada da Palavra

O Silêncio²⁹ é o lugar, a origem da Palavra. A Palavra só é possível porque existe o Silêncio. No Novo Testamento, ele é identificado como o Pai, aquele que gera a Palavra: o Filho. É pelo seu estar no Pai, Palavra amorosa, que o Filho se dá, por um amor maior, no mistério da Salvação. Nesse ato de doação de Jesus Cristo, o Crucificado Ressuscitado, Bruno Forte expressa o sentido do Deus transcendente, que busca o espaço mais respeitoso no ser criado por Ele, o humano. E a sua relação do Deus - Trindade com a pessoa e com a criação. A Encarnação traz em si o mistério destes opostos (divino, humano) que, mais que ruptura, são a unidade-continuidade da Aliança estabelecida com um povo, com todo o ser humano e com toda a criação saudosa (mesmo que inconscientemente) da Pátria: “O Silêncio do princípio, é então o Deus que, no Novo Testamento como o Pai de Jesus Cristo, enquanto Palavra, o Verbo, é aquele que - existindo desde sempre com o Pai, com Deus – se fez carne, ressoando na história (cf. *Jo*, 1,14)”.³⁰

Pode-se, então, compreender o Silêncio no qual vive e ressoa em nós a Palavra que se fez carne no seio da Virgem Mãe, seja a sombra do Espírito, o êxtase de Deus, a sua viva memória (cf. *Jo* 14, 26), a permanente atualização do Verbo. Assim a Palavra é comunicação para a humanidade na História, entre dois Silêncios. Forte coloca a Palavra entre o Silêncio da

²⁹ O uso do vocábulo “*Silêncio*,” em maiúsculo, indica Deus Pai, presença divina.

³⁰ “*Il Silenzio del principio, è dunque il Dio, quello che nel Nuovo Testamento è identificato col Padre di Gesù Cristo, mentre la Parola, il Verbo, è quello che – esistendo da sempre presso il Padre come Dio – si è fatto carne, risuonando nella storia (cfr. Gv 1,14)*” (FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’ inizio e il compimento*, p. 56).

origem e o Silêncio do destino, o Pai e o Espírito Santo. Entre esses dois Silêncios – os ‘*altissima silentia Dei*’ – está a morada do Verbo, o seu esplendor, a sua quenose.³¹ Está morada, está quenose, é a vida humana, a História, a peregrinação terrena que Ele assumiu ao se fazer um de nós.

O Silêncio é o seio fecundo do advento, o cenário em que ressoa a Palavra, o espaço do último dia. No Silêncio da Revelação ressoa o eco de um outro Silêncio, no qual o mistério foi envolvido por séculos (cf. *Rm* 16,25). Desse procede a Palavra na eternidade e no tempo. Ao Silêncio Divino corresponde um silêncio humano: entretanto, o primeiro Silêncio é a Nascente pura do Verbo, a Origem sem origem e o Princípio sem princípio da divindade, silencioso início de tudo o que existe na absoluta gratuidade do ato criador. Para Forte, o silêncio da criatura é a marca do Outro, ou seja, do divino Silêncio. Pode-se dizer: início do êxodo, disponibilidade e acolhimento na inquietação da existência. O silêncio da criatura é morada feita para ser habitada pelo Outro. O Filho que procede do Silêncio, pois o Deus do Silêncio é o mesmo Deus da Aliança do povo de Israel e é o Deus do *Abba* de Jesus Cristo, no Novo Testamento: “O silêncio terreno é apenas a preparação, o acolhimento, o espaço aberto para o surpreendente, novo início”.³² Essa é a maneira mais profunda de Deus se comunicar como ser humano. Assim o Verbo, a Palavra de Deus, revela ao homem quem é Deus e quem é o ser humano na história e na eternidade: Filhos no Filho, nascidos, também toda a criação, do Silêncio do Pai e do Espírito.

Tendo como pano de fundo este Silêncio divino, o Verbo que vem na carne se oferece como a luz nas trevas, a Revelação do amor eterno efetuada na *entrega* de si mesmo até o fim, o Filho que nos faz filhos abrindo-nos ao mistério do Pai, Silêncio da origem e da Pátria final. No *tempo intermediário* que está entre o primeiro e o último Silêncio, situa-se a vinda da Palavra, coeterna na eternidade, embora gerada e determinada temporalmente na história do ser humano. Precisamente, porém, por estar *inscrita* no Silêncio, a Palavra é meditação sua, remissão às profundezas silenciosas que constituem a providência e o advir de sua vinda, no tempo e na eternidade.³³

A encarnação da Palavra chama atenção de Bruno Forte, especialmente no prólogo do evangelho de João, devido “à radicalidade da antítese e à profundidade da síntese que aí são propostas”³⁴ e o Verbo se fez carne e colocou sua tenda no meio de nós humanos. Ele procura

³¹ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 52.

³² “*Il silenzio terreno è soltanto preparazione, destinatario, accoglienza, spazio aperto per il sorprendente nuovo inizio*” (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’ inizio e il compimento*, p. 93).

³³ Idem. *A essência do cristianismo*, p. 50-51.

³⁴ “*La radicalità dell’antitesi e la profondità della sintesi, che vi sono proposte*” (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’ inizio e il compimento*, p. 101).

fundamentar a relação paradoxal: Verbo e carne. Sua resposta definitiva parece ser encontrada na definição do Concílio de Calcedônia: as duas naturezas do Verbo Encarnado que apresentam a relação de descontinuidade e continuidade na unidade profunda da concepção de Pessoa. Esse evento é testemunhado pelo próprio evangelista que se vê envolvido no encontro com o Verbo Encarnado e na experiência de salvação produzida pela sua presença.

O paradoxo da autocomunicação de Deus, testemunhado por João especialmente no versículo 14 do primeiro capítulo do seu evangelho, será sempre uma espécie de Luz em meio às trevas (*treva luminosa*³⁵), o *Logos* se apresenta em pessoa, toma “carne” (en-carna-ção), se faz simples homem (cf. *Gl* 4,4); tema que retorna em outros momentos em passagens importantes como no Novo Testamento (cf. *Rm* 1,3; 8,3; *1Tm* 3,16). Arma a ‘tenda onde manifesta sua glória’. Não como no templo feito por homens: então a nuvem cobriu a tenda do encontro e a glória do Senhor encheu o santuário (cf. *Ex.* 40,34-35; *IRs* 8,11; *Ez* 44,4), mas como Filho único do Pai.³⁶ Logo, a Palavra é Deus, é o *Logos* que se encarna, se faz homem, no entanto, a Transcendência não pode ser dissolvida na linguagem humana.

No plano dos conteúdos da mensagem revelada, contudo, se diz que o Filho procede do Pai e é enviado por Ele a este mundo, assim do ponto de vista da forma da Revelação, se pode dizer que a Palavra procede eternamente do Silêncio divino e dele sai para ser enviada aos homens em vista da salvação.³⁷

A meditação do Silêncio, e da Palavra revela-se como acolhida ativa. O milagre da Revelação leva o Outro mundo neste mundo: a encarnação do Verbo faz ressoar no tempo a Palavra eterna nas palavras do tempo.

Portanto, é partindo da Revelação do Filho que chega-se ao Pai; identificando que esta Revelação é a da Palavra eterna proferida na História, por ela chega-se ao divino Silêncio, do

³⁵ Bruno Forte cita Heidegger e Gadamer para tentar compreender a Palavra na linguagem humana, sua forma e conteúdo, e chega à conclusão de que a concepção cristã de revelação que coloca em jogo a identidade da alteridade relacional contribui também para a filosofia da linguagem: “é assim que a história do conceito de linguagem termina por recuperar o altíssimo valor da concepção revelativa da linguagem própria da doutrina cristã da encarnação da Palavra: somente se a linguagem diz a coisa sem esgotá-la, o Verbo eterno poderá se dizer na carne sem se reduzir a ela [...]. Nesta concepção revelativa da linguagem se abre a surpreendente possibilidade de que nas palavras humanas a Palavra eterna possa se dizer, e no silêncio além da linguagem possa oferecer-se o Silêncio fecundo da Origem divina do Verbo e de todas as coisas” (FORTE, B. *Teologia da história ensaio sobre a revelação o início e a consumação*, p. 120-125).

³⁶ Cf. Evangelho de João cap. 1, 14 nota da *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2546.

³⁷ “Come sul piano dei contenuti del messaggio rivelato si dice che il Figlio procede dal Padre ed è da Lui inviato in questo mondo, così dal punto di vista della forma della rivelazione si può dire che la Parola procede eternamente dal Silenzio divino e ne esce per essere inviata agli uomini in vista della loro salvezza” (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’ inizio e il compimento*, p. 57-58).

qual ela provém e nela se dá a unificação e a distinção.³⁸ É a unidade com a diversidade entre: Silêncio, Palavra e Encontro.

1.1.3 O Encontro

Sobre a categoria encontro, pode-se dizer que Bruno Forte a compreende como a presença do Espírito de Deus que entre o advento da Palavra e o êxodo do ser humano, rumo a consumação da história em Deus, está a missão do Espírito. O Espírito não é a Palavra, mas torna possível e vivificante o encontro com ela. É pelo Espírito que se torna possível e acessível a escuta da palavra e do Silêncio. A Palavra sai do Silêncio e vem ressoar no Silêncio: da mesma forma que a Palavra provém da silenciosa origem, assim também a Palavra tem destino, seu futuro, como lugar do seu advento. Esse futuro da palavra é denominado no Novo Testamento como o Espírito Santo, o Espírito da verdade: (*Jo* 16,7. 13). Também o Espírito é em certo sentido, Silêncio: ele segue à Palavra, assim como a Palavra segue ao primeiro Silêncio. Mas o Espírito não é o silêncio da Origem, o Silêncio da saída; ele é o Silêncio no qual, na eternidade de Deus repousa a Palavra saída do fecundo Silêncio saído do Pai: é a Paz entre o Amante e o Amado, o vínculo entre o Verbo e aquele que o pronuncia, o nós no qual o Silêncio e a palavra se tornam diálogo eterno.³⁹

Logo, o encontro é entendido como intrínseco à Revelação trinitária. Entre o Silêncio e a Palavra, isto é entre o Pai e o Filho, o Espírito é concebido como *Encontro*. Pode-se dizer em outras palavras, que entre o Silêncio e a Palavra, entre o Amado e o Amante, o Espírito é a ponte, a conexão, a união: Se o Espírito é descoberto como nexa da união entre o Amante e o Amado na distinção baseada na reciprocidade das relações, pode-se afirmar, analogicamente dele, que é o vínculo da Palavra e do Silêncio, a ligação de ambos em Pessoa. Este vínculo

³⁸ FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l' inizio e il compimento*, p. 57-58.

³⁹ “*La Parola esce dal Silenzio e viene a risuonare nel Silenzio: come c'è una provenienza della Parola dalla silenziosa Origine, così c'è una destinazione della Parola, un suo 'avvenire', come luogo del suo avvento. Questo "avvenire" della Parola è chiamato nel Nuovo Testamento lo Spirito Santo, lo Spirito della verità: (Gv 16, 7.13). Anche lo Spirito è, in certo senso, Silenzio: egli segue alla Parola, così come la Parola segue al primo Silenzio. Ma lo Spirito non è il Silenzio dell'origine, il Silenzio dell'uscita: Egli è il Silenzio della destinazione, il Silenzio del ritorno. Egli è il Silenzio in cui nell'eternità di Dio riposa la Parola uscita dal fecondo silenzio del Padre: è la pace dell'Amante e dell'Amato, il vincolo del Verbo e di Colui che lo dice, il 'noi' in cui Silenzio e Parola si fanno dialogo eterno*” (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l' inizio e il compimento*, p. 57).

personificado, que exprime a comunhão na incansável distinção das Pessoas, pode ser apresentado mediante a categoria encontro.⁴⁰

O Espírito Santo, além de ser o elo entre o Pai e o Filho, é dom, é vínculo personificado entre o Pai e o Filho, é também aquele que torna possível à criatura a realizar o encontro vivificador com a Palavra e com o Silêncio. Logo, sem o Espírito, a própria Revelação permaneceria sem voz: O envio do Verbo continuaria mudo se não existisse o dom do Espírito, que não somente é recordação viva da Palavra, a atualização de Cristo no tempo, mas também, graças a este seu papel e mediante ele é quem vos conduzirá à verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras (*Jo 16,13*).⁴¹

Uma outra perspectiva do encontro é nos remeter à ação do Espírito, enquanto ele revela, pela Palavra encarnada, o sentido último da existência humana, escondido no Silêncio da Pátria: Pode-se dizer que o Espírito é o outro Silêncio, não o Silêncio da Origem da Palavra, mas aquele em que a Palavra proferida na eternidade e no tempo vem ressoar e repousar, para ir recolher-se no Silêncio da Pátria, nos silêncios profundos e sublimes de Deus, depois de ter percorrido o caminho para o qual fora enviada.⁴²

O Encontro é, portanto, aliança de alteridades entre o êxodo humano e o advento divino. E privilegia o encontro do *já* da existência com o *ainda não* do sentido último da Pátria, escondidos no Silêncio da Origem.

Bruno Forte entende que a relação entre êxodo e advento revela o destino comum de ambas as categorias que se tornam o encontro, a comunicação:

O encontro é celebração da aliança, autodestinação de Deus ao homem, a que corresponde – mesmo em maneira assimétrica – a ativa autodestinação humana ao Deus vivo. A experiência cristã da salvação apresenta então dois aspectos inseparáveis: por um lado, ela é autêntica experiência humana da autocomunicação

⁴⁰ “*Se lo spirito viene colto come il nesso di unità fra l’Amante e l’Amato nella distinzione personale fondata sulla reciprocità delle relazioni, si può affermare analogamente di Lui che è il vincolo della Parola e del Silenzio, il loro legame in persona. Questo legame personale, che esprime la comunione nell’incancellabile distinzione delle persone, può essere reso con la categoria dell’incontro*” (Cf. *ibid.*, p. 155).

⁴¹ “*La missione del Verbo resterebbe muta se non ci fosse quella del Paraclito, che non solo è la vivente memoria della Parola, l’attualizzazione di Cristo nel tempo, ma grazie a questo suo ruolo e attraverso di esso è Colui che ‘guiderà alla verità tutta intera, perché non parlerà da sé, ma dirà tutto ciò che avrà udito e vi annunzierà le cose future’ (Gv 116,13)*” (FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’inizio e il compimento*, p. 151).

⁴² “*Si potrebbe dire che lo Spirito è l’altro Silenzio, non il Silenzio dell’Origine della Parola, ma quello in cui la Parola proferita nell’eternità e nel tempo viene a risuonare e a riposare, per andare a raccogliersi nel Silenzio della Patria, negli alti silenzi di Dio, dopo aver percorso il cammino per cui è stata inviata*” (*Ibid.*, p. 151).

divina; por outro, é evento sacramental, fragmento de história em que o divino vem morar e comunicar-se aos homens.⁴³

No processo comunicacional aqui realizado, a pessoa humana, caracterizada como peregrina em contínuo êxodo de si, encontra-se com o abraço acolhedor do Totalmente Outro que vem em sua primordial e sublime alteridade. Na busca pelo sentido da existência, desejoso por encontrar a verdadeira Pátria, o ser humano, em sua liberdade, é seio também acolhedor de um possível advento da Palavra e do Silêncio divinos.

No evento da Revelação, o encontro é aliança, advento que abraça o êxodo, e êxodo que acolhe o advento. É por isso que o humano e o divino são inseparáveis no evento do encontro: a forma humana do Verbo de Deus na Revelação eleva à condição divina o ser humano, fruto da ação do Espírito Santo. A alteridade humana encontra-se com a sublime alteridade divina que assume e diviniza a condição humana. Assim Bruno Forte entende que a Revelação é encontro realizado, mas não ainda em plenitude, por isso é definido como escatologia.⁴⁴ É por esse caminho que o peregrinar humano encontra no Deus Trindade da fé cristã, mais que transcendência a ser adorada, servida e glorificada. Depara-se com a disponibilidade e a iniciativa do encontro; a saída amorosa de Si que é comunicação sem ruído, concreta e transformadora.

1.2 A INQUIETAÇÃO DA PERGUNTA

A teologia de Bruno Forte parte de um pressuposto antropológico que compreende o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, sendo *capax Dei*, no sentido de ter abertura radical ao mistério e conseqüentemente, para o outro. Esse elemento fundamental da natureza humana é responsável pelo desejo e a sede do infinito que acompanha o itinerário humano na história. A procura que o ser humano experimenta é uma abertura que o revela a si mesmo como incompleto, como ser de necessidade. E é nessa relação, nesse processo, nessa

⁴³ “L’incontro è celebrazione dell’alleanza, autodestinazione di Dio all’uomo, a cui corrisponde – anche se in modo asimétrico – l’attiva autodestinazione umana al Dio vivo. L’esperienza cristiana della salvezza presenta dunque, due aspetti inseparabili: da una parte, essa è autentica esperienza umana dell’autocomunicazione divina; dall’altra, è evento sacramentale, frammento di storia in cui il divino viene a prendere dimora e comunicarsi agli uomini” (FORTE, B. L’Esperienza di Dio in Gesù Cristo. *Concilium*, v. 31, p. 94).

⁴⁴ “L’escatologia cristiana parla di Cristo e del suo futuro. Il suo linguaggio è il linguaggio della promessa. Essa intende la storia come realtà inaugurata dalla promessa. Nella promessa e nella speranza presente, il futuro della promessa che ancora non ha realizzato, si trova in contraddizione con la realtà, sulla linea del fronte di battaglia che separa il presente del futuro che è stato promesso. La storia, con le sue possibilità e pericoli estremi, ci viene rivelata attraverso l’evento promettente della resurrezione e della croce di Cristo” (MOLTMANN, J. *Teologia della speranza*, p. 229).

necessidade que o humano abre-se ao outro e ao Outro (Deus). O desejo de comunhão e de comunicação com o Transcendente se manifesta no ser humano como procura, pergunta e inquietação. E o coração torna-se um lugar teológico onde se realiza o encontro do Silêncio e da Palavra. Mediante a uma pergunta, como chamado radical à vida, estimulado pela ameaça da morte, é que mantém o ser humano em estado pensante, em constante inquietude que é movimento de vida, que apresenta-se como saudade do rosto do outro, do Outro.

No mais fundo do coração toma vulto uma indestrutível nostalgia da face de Alguém que possa acolher a nossa dor e as nossas lágrimas, que resgate a infinita dor do tempo. Quando nos encontramos sós ou desesperados, quando ninguém parece nos querer mais nós mesmos temos razões para nos desprezarmos ou nos entristecemos conosco, eis que se perfila em nós a nostalgia de um Outro que possa acolher-nos e fazer-nos amados além de tudo, apesar de tudo, vencendo o último inimigo que é a morte.⁴⁵

A inquietação frente à última pergunta, a morte é o estímulo para que o ser humano seja mais ele mesmo, para que saia de si e se lance ao encontro do outro, movimento este que acompanha aos valores fundamentais. O cotidiano é também um estímulo à procura de Deus para se compreender e realizar a sua própria existência no encontro e na comunicação com os outros. Para Bruno Forte o humano verdadeiro é aquele que se deixa inquietar pelas perguntas, que se desinstala e se coloca a procura. A pergunta não se resolve com o imediatismo nem é satisfeita completamente com uma resposta, sempre contingente. Ao contrário, a pergunta, sinal da procura, é a possibilidade do encontro, das relações verdadeiras. É ela que abre o 'eu' para a existência do 'outro-Outro' e, ao sair de si, o ser humano encontra a si mesmo e realiza a comunicação com Deus que o transcende.

Assim, através das perguntas, é possível pensar o próprio ser interrogante e o seu Deus. O ser humano que pergunta expressa a sua *abertura* ao outro, aos outros e ao Outro: Neste sentido a Bíblia, é a Palavra onde o Outro nos encontrou, nos falou. Ela pode ser um sinal claro para todos - crentes e não crentes -, pode levar-nos a reconhecer que nós somos um todo, que todos temos necessidade uns dos outros, porque todos aspiramos por critérios para discernir e construir uma sociedade mais respeitosa do diferente e do outro. Logo, a reflexão de Forte é estimulada, fundamentada e sustentada por um autêntico interesse pelo ser humano, oriundo da necessidade do encontro, da necessidade do Outro.

Tal questão antropológica e teológica inquieta o coração de Bruno Forte e ele aprofunda a reflexão sobre a pergunta até chegar à questão última: a indagação que a morte

⁴⁵ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 24-25.

coloca diante da existência humana. A morte é a pergunta das perguntas. Ela apavora o homem e, ao mesmo tempo, o estimula a ir além, a transcender sempre o limite do horizonte penúltimo. É no confronto com a morte que o ser humano sente o quanto é um ser de necessidade: necessita ser amado, valorizado e reconhecido, necessita se encontrar com o outro, necessita, acima de tudo, ser acolhido e profundamente amado pelo Outro por excelência. É esta necessidade inerente à sua natureza que move a pessoa para a procura constante de algo maior, que ela, muitas vezes, nem consegue compreender ou definir. Só a luz da fé, com a acolhida da Revelação, poderá desvelar para ela o verdadeiro movente de sua inquietação existencial.

Forte diz que somente através da pergunta- e das perguntas- é possível se refletir sobre o fundamentalmente essencial da vida, a morte: a luta contra a morte se perfila nas questões que nascem dentro do coração como feridas lancinantes [...].⁴⁶ A morte é a ameaça à vida e ao sentido da vida.

1.2.1 O êxodo

As perguntas fazem dos seres humanos peregrinos uma pessoa em constante busca. E nas palavras de Bruno Forte, o ser humano é um ser exodal. A categoria êxodo é entendida como o sair de si em busca do sentido e do horizonte último da existência: O mundo da temporalidade, do humano, antropológico é o andar que se abre ao futuro na Fé. Já o exodal é a condição humana, é a abertura que rompe com a identidade absoluta, é a peregrinação, que atravessa as profundezas do nada humano em direção à pátria entrevista na promessa mesmo que ainda não possuída na verdade.⁴⁷

O ser humano quando assume sua responsabilidade por si e pelo outro, abre-se para o Outro e para os outros, na consciência de êxodo e de advento, transformando a história humana em história de liberdade.⁴⁸ A condição humana é a condição de êxodo em busca do encontro com o Transcendente que é inerente à condição de criatura.⁴⁹

⁴⁶ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 24.

⁴⁷ “*Il mondo della temporalità, dell’umano, antropologico è il piano che si apre al futuro nella Fede. Intanto l’esodale è la condizione umana, è l’apertura finisce con l’identità assoluta, è il pellegrinaggio che attraversa le profondità del niente umano verso la patria intravista nella promessa anche se ancora non posseduta in verità*” (Cf. FORTE, B. *L’eternità nel tempo: saggio di antropologia ed etica sacramenale*, p. 29).

⁴⁸ Idem. *A teologia como companhia, memória e profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história*, p. 19.

⁴⁹ Ibid., p. 36.

Para Bruno Forte, o ser humano traz em si a nostalgia da ânsia pelo sentido. Busca razões para vencer a tragicidade da limitação última: a morte; procurando o sentido para o viver e para o morrer. É essa condição histórica humana que ele define como lugar do *êxodo*, um movimento de autotranscendência que atravessa a vida e a orienta em direção ao horizonte do sentido último, que é Deus. É o *novum*,⁵⁰ que se vislumbra no Totalmente Outro⁵¹, na Pátria, na qual o ser humano encontra o horizonte de sentido. Evidencia-se na relação existente entre Deus e o ser humano que o Absoluto não é *esgotado* na História, mas é possibilidade nova, aberta para o que virá. Dessa forma, o *novum* não é uma condição passageira, temporal, mas uma constante *esperança é vida e renovação*.

Se biblicamente, o ser humano é reconhecido e compreendido como sujeito ativo da aliança com Deus, isto se dá no reconhecimento da liberdade - aqui aparece o êxodo como caminho de liberdade. Perante Deus e com Ele, o ser humano decide pôr-se, ou não, no horizonte do tempo da eternidade através da fé.⁵²

Para Bruno Forte, o êxodo está intimamente determinado pelo movimento do advento de Deus. Pois, o êxodo humano não pode acontecer senão como dom recebido da livre iniciativa divina por um lado, e como livre resposta do ser humano, por outro lado. E a categoria transcendental é a que exprime a fusão dos dois horizontes.⁵³

Abrir-se ao advento é, para o ser humano, a possibilidade de encontrar o sentido e a liberdade diante da existência histórica, marcada pela angústia do sofrimento, da morte e do nada. Ao abrir-se, acolhendo o Eterno, o ser humano depara-se com Aquele que é a fonte, o caminho e o próprio fim da liberdade em seu peregrinar.

⁵⁰ *Novum* = novidade que não envelhece, é eterna, é boa nova, permanente surpresa.

⁵¹ A expressão “Totalmente Outro” faz referência a Deus. Sua origem próxima, como compreendem os “teólogos dialéticos”, remete à “diferença qualitativa infinita” que separa o homem e Deus, segundo Kierkegaard. No entanto, as origens da expressão são longínquas referindo-se sempre à transcendência de Deus ou do Uno como o “outro” (*thatéron* em Plotino) ou “totalmente outro” (*aliudvalde* em Agostinho). Em 1917 no seu livro intitulado *O Sagrado*, o filósofo neo-kantiano Rudolf Otto resgata a expressão que será utilizada absolutamente pela “Teologia da Crise” do jovem Barh e de seus amigos. (Totalmente outro. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas - Loyola, 2004, p. 1737).

⁵² ELIADE, M. *II Mito dell’ eterno ritorno*, p. 162: Salienta a noção do Sagrado. “o horizonte dos arquétipos e da repetição foi pela primeira vez superado pelo judeu-cristianismo, que introduziu na experiência religiosa uma nova categoria: a fé (...) A fé significa a emancipação absoluta de toda espécie de ‘lei’ natural e, portanto, a mais alta liberdade que o homem possa imaginar: a de poder intervir sobre o mesmo estado ontológico do universo (...) Somente tal liberdade é capaz de proteger o homem moderno do terror da história: liberdade que tem a sua fonte, encontra sua garantia e o seu apoio em Deus. Toda outra liberdade moderna, por quantas satisfações possa dar a quem a possui, não justifica a história, e isso, para cada homem”.

⁵³ “La categoria di trascendentale è quella che esprime la fusione dei due orizzonti” (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’ inizio e il compimento*, p. 164).

1.2.2 O advento

Como movimento contrário ao êxodo, esse abrir-se do ser humano à transcendência para encontrar o sentido e a liberdade na existência, Forte concebe o advento como “o mundo da eternidade enquanto se volta ao ser humano e o visita. É o livre autodestinar-se de Deus à criatura e o gratuito dom da autocomunicação divina”.⁵⁴ Nessa autocomunicação livre, Deus apresenta-se como Pai, Filho e Espírito Santo e insere-se na História para transformá-la e dar-lhe qualidade sem, contudo, ser aprisionado nas malhas da limitada compreensão humana. Ao contrário, Deus mantém-se transcendente e continua sendo o horizonte maior desse mundo, apenas se autocomunica ao coração humano, passando a fazer parte da História, sem diluir-se nela nem aniquilar o mundo em sua majestade divina.

Se Deus se manifestasse totalmente na História, se a Palavra em que ele se expressa o traduzisse perfeitamente, se verificaria uma de duas possibilidades: ou o mundo divino se reduziria às medidas do mundo criado ao qual ele se comunica, ou a criação simplesmente seria engolida pela luz deslumbrante e ofuscante do Absoluto.⁵⁵ No entanto, a Revelação não faz diferença entre os dois mundos: Deus continua sendo Deus e o mundo continua sendo o mundo, mesmo que Deus passe a fazer parte da história humana e seja oferecido ao humano o dom de fazer parte da história divina.

O Mistério da eternidade no tempo revela o advento que se cumpre no êxodo humano. É na dialética do advento que Deus, saindo de si, vem ao encontro da criatura que peregrina fragilmente no rumo do Mistério. A Revelação de Deus se manifesta e se realiza. É no movimento de se *abaixar* do divino, *no esvaziar-se*, que se dá a realização do advento. Ele acolhe, assume e eleva o êxodo humano. É entre as dores e questionamentos do coração humano, na angustiante possibilidade do nada e do trágico fim, que irrompe a novidade: *Deus vem*.

O “Deus da fé hebraico-cristã é o Deus do advento, o Eterno que tem tempo para o homem. Entretanto, na história Ele abre caminho, acende o desejo, oferece uma promessa sempre maior do cumprimento realizado”.⁵⁶ O advento é a própria Revelação de Deus, é o

⁵⁴ “*Il mondo dell’eternità mentre si rivolge all’essere umano e lo visita. È il libero autodestinarsi di Dio alla creatura e il dono gratuito dell’autocomunicazione divina*” (Cf. FORTE, B. *L’eternità nel tempo: saggio di antropologia ed etica sacramentale*, p. 29).

⁵⁵ FORTE, Bruno. *Fede e Ragione, tra Parola e Silenzio. Humanitas*, n. 54, p. 393, 1999/3.

⁵⁶ “*Il Dio della fede ebraico-cristiana è il Dio dell’avvento, l’Eterno che ha tempo per l’uomo. Intanto, nella storia Egli apre strada, accende il desiderio, offre una promessa sempre più grande del compimento realizzato*” (Cf. FORTE, B. *La parola della fede: introduzione alla simbolica ecclesiale*, p. 18).

mundo da eternidade enquanto se volta para o mundo criado e para a criatura humana e a visita. “É o livre autodesignar-se gratuito, o dom da autocomunicação do Criador à criatura”.⁵⁷ Em seu itinerário, Forte parte das categorias êxodo e advento, através das quais elabora a teologia, articulando os dados da fé e da História. Ele concebe o Advento que é o mundo da eternidade enquanto se volta ao ser humano e o visita. Portanto, no evento da Revelação é indispensável conservar a dialética entre transcendência e imanência: só assim Deus não será diluído no mundo, nem o mundo será aniquilado em Deus.

É graças ao advento que a autotranscendência exodal encontra-se com a autocomunicação divina. O advento é o início - uma vez que a iniciativa do encontro é sempre divina - e fim, enquanto horizonte último:

O Deus de todo testemunho bíblico é um Deus em êxodo de si mesmo, um Deus que encontrou tempo para o ser humano e, vindo à história, estabeleceu uma aliança com ele, abrindo o caminho de seu povo rumo ao Reino prometido sempre maior do que qualquer realização já consumada.⁵⁸

Os conceitos de êxodo e de advento são, pois, complementares e tornam o evento da Revelação uma dialética entre transcendência e imanência. Bruno Forte em sua obra *Teologia da História: ensaio sobre a Revelação* descreve que o êxodo acontece quando o ser humano se põe diante daquele que é a inaudita novidade para o mundo: o livre e gratuito oferecimento para o Eterno. Assim, o advento do Deus vivo visita o êxodo da condição histórica e o abre na fé e na esperança a um sentido possível e sempre novo: o amor. O movimento do amor é condicionado pela limitação humana, pelo mal e pela morte, mas não cessa de provocar no ser que vive essa condição exodal, o dinamismo da busca e da esperança. Se de um lado o ser humano se afronta com a angústia, a ausência e as interrogações da existência; por outro pode abrir-se Àquele que é sempre disponível, sempre à espera, sempre maior. O êxodo exprime, em última análise, o caráter peregrino do ser humano. Logo, o lugar do encontro com o Mistério se dá “onde a existência como êxodo se disponha à escuta de um possível advento do Outro no horizonte do tempo”.⁵⁹ O êxodo é um impulso que parte de *baixo* que se movimenta ao encontro da Palavra e do Silêncio da Revelação. No seu peregrinar, o ser humano abre-se ao escatológico e, na fé vai em busca de uma Pátria. A fé o faz entender que Deus não está

⁵⁷ “È il libero autodesignarsi gratuito, il dono dell’autocomunicazione del Creatore con la creatura” (Idem. *L’eternità nel tempo: saggio di antropologia ed etica sacramentale*, p. 28).

⁵⁸ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 49.

⁵⁹ “Dove l’esistenza come esodo si disponga all’ascolto di un possibile avvento dell’Altro nell’orizzonte del tempo” (Cf. FORTE, B. *La parola della fede: introduzione alla simbolica ecclesiale*, p. 15).

acima da História, mas na História, agindo nela e transformando-a, dando qualidade a ela pela Palavra no Silêncio com o Encontro.

1.3 A TRINDADE: CAMINHO DA REALIZAÇÃO DO HUMANO

É na Trindade que o ser humano encontra o sentido da vida e da própria história: “A história divina do amor pode ser proposta à humana labuta do viver, como luz capaz de aclarar o caminho, de sustentar a marcha, de comunicar a esperança”.⁶⁰ Portanto, para Bruno Forte, o lugar da Revelação da Trindade é a História, e é na experiência mística da comunicação com o Deus de Jesus Cristo, ponto e confissão de fé no Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O Deus da fé cristã é um Deus solidário, trino e comunitário. Pode-se dizer que hoje o ser humano em meio a diferentes movimentos culturais, só encontrará o verdadeiro sentido da existência se voltar aos valores essenciais da vida, encontrando-os através de uma mística trinitária.

Falar de um Deus em Três Pessoas torna-se tarefa difícil.⁶¹ Identifica Bruno Forte, que a superação do exílio da Trindade na concepção dos que creem, a volta à ‘pátria trinitária’ passa, portanto, pela volta à história da revelação. É por meio da história revelada que pode-se discorrer menos infielmente sobre o mistério divino. Os eventos e as palavras intimamente relacionados entre si, por meio dos quais Deus narrou em nossa história a sua história (a ‘economia’, como a denominava os Padres, a dispensação do dom do alto que nos salva).⁶² A Trindade como é em si (imanente) se dá a conhecer na Trindade como é para nós (econômica): um e o mesmo é o Deus em si e o Deus que se revela, o Pai pelo Filho no Espírito Santo. Ele evidencia o evento pascal no qual Revela a unidade da Trindade aberta para nós no amor, e por isso é oferecimento de salvação na participação da vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A Trindade, história trinitária de Deus revelada na Páscoa, é história de salvação, história nossa.⁶³ É a partir do Ressuscitado, da sua vida e das suas obras testemunhadas pela fé pascal, singularidade e pedra de toque do fundamento de toda a doutrina sobre Deus! Portanto, a história da revelação exige continuamente ser pensada e narrada: e isso se realiza pela teologia econômica da salvação. Pois, sem a mesma, poderia

⁶⁰ FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 6.

⁶¹ MARTINEZ-DIEZ, F. *Teologia da comunicação*, p. 132. Falar de Deus em três pessoas nem sempre foi uma tarefa fácil, o problema básico que se apresenta para a teologia trinitária é a harmonização entre a unidade de natureza e a Trindade das pessoas. Em muitos casos a confissão da fé torna-se objeto das mais variadas reflexões teológicas, algumas, inclusive, com inúmeros equívocos.

⁶² FORTE, B. *A Trindade como história*, p. 16.

⁶³ Idem. *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 236.

emudecer. Logo, pensar a Trindade identifica-se a econômica que é a Trindade imanente. Uma parte remete às profundezas de Deus, a outra à experiência atual do mistério. Pois discorrer sobre Deus têm o encargo de transpor esse limiar em ambas as direções, para perscrutar no *Deus revelatus* o *Deus absconditus* e contar, assim, na história dos homens a história de Deus.⁶⁴ Lidar com a revelação da Trindade é lidar com a história eterna de amor divino, é entrar nela. E é na correspondência entre a economia e a imanência do mistério, que a trindade se oferece como realidade de salvação e experiência de graça. Conclui-se que a história de Cristo com Deus e de Deus com Cristo se torna, mediante o Espírito Santo, a história de Deus conosco e, deste modo, a nossa história com Deus.

Fica evidente no pensamento de Bruno Forte que a Revelação trinitária não se dá apenas no *conteúdo* da Revelação, mas também na própria *forma* ou estrutura em que ela acontece. Ele está consciente de que não é fácil manter a correspondência entre *conteúdo* e *forma* da Revelação – entre a Revelação e quem revela – e, por outro lado, manter a transcendência, para salvar a liberdade e a gratuidade do Deus que se manifesta. O teólogo italiano usa as categorias: Silêncio, Palavra e Encontro para definir a *forma* da Revelação do Deus Trindade, em que cada uma das três pessoas divinas se manifesta com a sua particularidade. O Pai é o Silêncio amoroso que gera a Palavra de amor que, no encontro do Amante e do Amado, revela-se como plenitude de Amor: o Espírito.

O conteúdo da Revelação caracteriza no Novo Testamento também a forma dessa Revelação: se o ato de se revelar é auto-comunicação do Deus trinitário; as Pessoas divinas intervêm nesse ato cada uma com a própria especificidade. Neste sentido a Revelação é história trinitária que se empenha de modo diverso e característico o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O modo de se colocar de cada um dos três e o seu relacionar-se recíproco neste evento, além da relação que vem a se esclarecer com a história dos homens no ato da auto-comunicação trinitária, constituem o conjunto complexo e vivo a que se pode dar o nome de “forma” ou “estrutura” ou “dinamismo constitutivo” da Revelação. Esta forma é trinitária: no evento da Revelação a modalidade corresponde ao que é comunicado, a forma ao conteúdo da fé revelada.⁶⁵

⁶⁴ FORTE, B. *Jesus de Nazaré: história de Deus, Deus da história*, p. 17.

⁶⁵ “*Il contenuto della rivelazione caratterizza nel Nuovo Testamento anche la forma di essa: se l’atto del rivelarsi è autocomunicazione del Dio trinitario, le Persone divine vi intervengono ciascuna secondo la propria specificità. La rivelazione è, in tal senso, storia trinitaria, evento che impegna in maniera diversa e caratterizzante il Padre, il Figlio e lo Spirito Santo. Il modo di porsi di ciascuno dei Tre e il loro relazionarsi reciproco in questo evento, oltre che il rapporto che viene a stabilirsi con la storia degli uomini nell’atto dell’autocomunicazione trinitaria, costituiscono l’insieme complesso e vivente, cui si può dare il nome di ‘forma’ o ‘struttura’ o ‘dinamismo*

Bruno Forte entende que a melhor maneira de falar de Deus é a narração: a História e os conceitos, de alguma forma, se tornam mais *concretos*, mais compreensíveis e mais verdadeiros, uma vez que as analogias da narração suscitam outras analogias e outras narrações, outras descobertas, intuições, pois “Deus se ‘narrou’ e esta santa narração é a história da salvação. Portanto, quem quiser falar deste Deus de Jesus Cristo de maneira menos inadequada deverá narrá-lo, isto é, rememorar suas maravilhas, a fim de que a narração suscite histórias sempre novas de fé e de amor”.⁶⁶

Ao expressar tal certeza Forte evidencia “a Trindade no horizonte da história”, que, por sua vez, “reconduz a história ao horizonte da Trindade”,⁶⁷ porque o ser humano precisa de algo mais que a exatidão das experiências limitadas da história. O limite inerente à experiência humana: a prisão do imanente, do semelhante, do interesse penúltimo, suscita no humano a sede de uma palavra que supere o silêncio da morte, que alimente a esperança, e é então que o ser humano se volta para o Deus que se fez homem. Deus se manifesta na história da humanidade. Perceber essa realidade que se revela torna o ser humano mais humano e mais próximo e semelhante ao Deus que o criou.

Sai do lugar comum da reflexão teológica do ocidente tradicional é importante para Bruno Forte, porque, em seu entender, os teólogos do ocidente, partem da *unidade* trinitária, enquanto as Igrejas do Oriente usam outro método que recupera valores contidos na distinção das pessoas divinas. Para Bruno Forte, assim, está resolvida a questão que atualmente preocupa vários teólogos acerca da definição das pessoas na Santíssima Trindade. As discussões em torno do dogma trinitário aconteceram desde o Concílio de Nicéia (325) até o de Calcedônia (451) e passaram por Boécio, chegando até Tomás de Aquino.

Forte, referindo-se à primeira tese sobre a questão teológica antiga chamada *Filioque*, durante o Congresso da Associação Teológica Italiana de 1983 diz: “Quando se fala da Trindade, ‘*res nostra agitur*’, é mister que a teologia trinitária ligue a Trindade à vivência, pessoal e coletiva, e esta à Trindade”.⁶⁸ Tal sensibilidade estará presente em todos os seus escritos e discursos. Ele evidencia sempre a importância da Trindade na vida das pessoas e dos grupos humanos, lendo a realidade humana e o intrincado de suas relações dentro das

costitutivo’ della rivelazione. Questa ‘forma’ è appunto trinitaria. Nell’evento della rivelazione la modalità viene a corrispondere a quanto è comunicato, la forma al contenuto della fede rivelata” (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’inizio e il compimento*, p. 40).

⁶⁶ Idem. *Introdução à fé: aproximação ao mistério de Deus*, p. 10.

⁶⁷ FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 86.

⁶⁸ CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO TEOLÓGICA ITALIANA DE 1983: *Rassegna di Teologia* 25 (1984), apud FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 5.

categorias ecológico-trinitárias. É com a apresentação desse mistério divino que o ser humano vai encontrar a razão maior de sua existência. A fundamentação básica é necessária, para compreender a salvação e a graça oferecidas na gratuidade. Desenvolver-se-á partir da fonte que se revela como Silêncio e Origem.

1.3.1 O Pai – a fonte de amor

O Pai, no evento da Revelação é o Silêncio amoroso e misterioso, absolutamente transcendente, de onde a Palavra tem sua origem para que possa existir e acontecer na História. A configuração trinitária da Revelação de Deus tem início, então, no Silêncio. Um Silêncio divino que é antes de tudo a Não-Palavra, o Silêncio do princípio, e é, portanto, o Deus que no Novo Testamento é identificado como o Pai de Jesus, enquanto a Palavra. É a Fonte da qual a Palavra provém e com quem ela está e sempre esteve na eterna história de Deus (*Jo* 1,1). Para apresentar o Pai como fonte do amor que se revela, Bruno Forte se vale da análise bíblica do Novo Testamento onde Deus aparece como Pai no apelativo usado por Jesus de Nazaré, o Cristo e Senhor. Portanto, é a partir do evento de Jesus de Nazaré que se pode fazer a reflexão teológica sobre o Pai que será apresentado como fonte e origem, que dá início ao amor: em primeiro lugar, a partir do fato de que na economia cabe sempre ao Pai a iniciativa do amor, patenteou-se que o amor do Pai era o amor primeiro, o amor fonte: O Pai é portanto, a origem da vida divina.⁶⁹

A busca de Forte pela definição do Pai, passa pelos Padres da Igreja e sublinha a propriedade característica do Pai, o princípio, utilizando as categorias de Orígenes, Basílio e Gregório Nazianzeno, "que se baseiam na inascibilidade do Pai, na sua origem sem origem: 'O Pai é o não gerado', o *agénneton* (Orígenes): para os padres Capadóciolos o 'não ser gerado', o 'Ser origem', é a propriedade característica do Pai: 'Nós conhecemos só um não gerado e um único princípio de todas as coisas: o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo'.⁷⁰ O autor cita também as definições de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino para afirmar o Pai como princípio absoluto. Agostinho chama ao Pai "*totius Trinitatis principium*" (*De Trinitate* 4,20,29). Tomás de Aquino vê na inascibilidade uma noção própria do Pai⁷¹ e, por ser o Pai aquele do qual outro "procede", afirma que "o Pai é princípio".⁷² Rica linguagem da tradição

⁶⁹ FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 93.

⁷⁰ BASÍLIO, São. *Epistolas*. 128, 3: p. 32, 549.

⁷¹ AQUINO, Tomás. *Suma Teológica I* q.32 a 3c.

⁷² Idem. q.33 a. 1.

da fé veiculada a absoluta liberdade e gratuidade do amor do Pai. Deus ama desde sempre e para sempre. Ele ama e continuará a amar para sempre. À sua fidelidade no amor ele jamais faltará (cf. *Sl* 89,34).

O amor do Pai não precisa em absoluto de nada que o exterior o ponha em movimento, pois, por si só é espontaneidade, soberania e é a inexaurível criatividade do amor divino. O Pai é a eterna proveniência do amor, aquele que ama na absoluta liberdade, desde sempre e para sempre livre no amor, o eterno Amante na mais pura gratuidade do amor.⁷³

Em Santo Agostinho, Bruno Forte encontrará a terminologia mais cara da trindade: *Amante, Amado, Amor*. Ele abraça com segurança e propriedade essa terminologia para caracterizar as três pessoas da Trindade. E com sua experiência nesse caminho da teologia e da antropologia, Bruno Forte evidencia a todo ser humano, de qualquer cultura, a definição no seu entender que a Trindade. O Pai é apresentado como aquele que ama, desde sempre e para sempre: “O Pai ama o Filho”(Jo 5,20). Jesus é o Filho amado, “predileto, em quem o Pai pôs suas complacências” (*Mc* 1,11; *Mt* 3, 17; *Lc* 3,22; cf. *Mc* 9,7 ; *MT* 12,18; *Mc* 12,6; *Lc* 20,13).

1.3.2 O Filho: Palavra amorosa do Pai

Bruno Forte encontra a definição do Filho a partir da análise do evento da paixão e morte de Jesus Cristo e concebe-o como a auto-Revelação de Deus. Lida sob a perspectiva da cruz, a auto-Revelação é a plenitude da história do Deus Uno-Trina que, incansavelmente, busca estabelecer relação-aliança com o ser humano. O evento cruz na vida de Jesus de Nazaré e da Trindade é uma resposta efetiva ao ser humano. É experiência extrema do êxodo, a entrega do Filho na cruz. É a suprema Revelação do Amor proclamado no silêncio.

A partir da cruz o teólogo compreende a pessoa e a missão de Jesus de Nazaré, o Cristo da fé que é o Senhor, Filho amantíssimo do Pai:

A experiência pascal marcou tão profundamente a vida dos homens das origens cristãs que eles não puderam deixar de reler à sua luz o passado, o presente e o futuro da história. A memória tornou-se memória pascal; a consciência do presente - a consciência pascal; a espera do futuro - esperança da Páscoa. E como a explicitação do evento primordial da morte e ressurreição do Senhor é a confissão trinitária, pode-se dizer que a memória, a consciência e a esperança da Igreja nascente são propriamente uma memória, uma consciência e uma esperança trinitárias. A releitura pascal da história, que nos é testemunha no Novo Testamento,

⁷³ FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 94-95.

não é realidade, senão uma releitura trinitária dos eventos passados, do presente das comunidades e do futuro vindouro.⁷⁴

Também é do evento da cruz que as comunidades identificam a luz que leva à compreensão do processo revelador de Deus, desde suas origens, na História e na cultura do povo de Israel. A certeza da experiência vivida pelas primeiras comunidades cristãs no evento pós-pascal de Jesus, leva à propagação da certeza de que ‘Ele Ressuscitou!’ isso é uma certeza que se prolonga até os dias de hoje como *anúncio de esperança*.

A filiação divina do homem de Nazaré, o Cristo da fé, é evidente nas narrativas dos Evangelhos. Através dessa consciência filial é possível entender a aceitação da paixão e morte de Cristo por parte do Filho e do Pai: “A relação imediata contínua e irrepitível com o Pai, a consciência final, única e exclusiva, singularmente revelada pelo mistério do *Abbá*, marca toda a sua existência”.⁷⁵ O Filho, Palavra do Pai, dele recebe tudo, tudo acolhe com gratidão, em tudo faz a vontade d’Aquele que é a Origem sem origem.

A auto-Revelação do Deus Tri-Uno não se dá num momento inexplicável e inesperado, mas num momento histórico. Pode-se dizer que tal Revelação é continuidade que se dá no tempo e no espaço de uma relação da Aliança já vivida com um povo, mas que continua no hoje com cada pessoa que vive seu processo exodal: num espaço, num tempo, inserida numa cultura:

Na experiência trinitária da salvação se passa à compreensão trinitária da origem, do ‘entrementes’. E da meta do caminho do povo de Deus, analogamente como Israel, a partir da experiência do Deus Salvador, confessou o Deus Criador e Senhor da História.⁷⁶

Percebe-se tanto na teologia de Bruno Forte, como em outros teólogos clássicos, o elemento de ruptura e de continuidade com a fé do povo de Israel ao longo do processo. Essa continuidade é a Revelação de Deus na história do povo judeu, num processo ininterrupto. O Deus vivo e verdadeiro, ao qual Jesus constantemente se dirigirá chamando *Abba*, Pai. É dentro dessa compreensão de continuidade histórica com o povo, que se torna aceitável a encarnação de Deus. Logo, o Deus-Trindade dos cristãos, assim compreendido através de Jesus de Nazaré, não é alguém novo, mas é Aquele mesmo, único no seu amor e fidelidade, que sempre esteve presente na história do povo de Israel, caminhando com ele.

⁷⁴ FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 41.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 100.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 41.

Como Israel, assim a Igreja chega do Deus Salvador ao Deus Criador: e como o povo da Antiga Aliança projeta no Deus do Universo os caracteres do Deus da História, assim o novo Israel não pode deixar de projetar neste Deus do início a experiência trinitária do Deus do novo e definitivo cumprimento. À luz do evento pascal – e da reflexão conduzida a partir dele sobre a imanência do mistério –. É possível por isso reconhecer a presença própria das Três Pessoas divinas na unidade da história das origens.⁷⁷

O evento pascal é o ponto de partida de uma reflexão que abrange muito mais do que um momento cronológico. Entra-se na dimensão kairológica da História, onde o tempo *kairós* é considerado um tempo ilimitado, concebido acima, além dos dias, anos, séculos; é acontecimento eterno e por isso mesmo, fora do tempo cronológico; pode ser concebido como o todo do tempo. No entanto, aqui, pode-se entrever uma ruptura: o novo e desconhecido que nasce da gestação do antigo. Sem este, aquele é incompreensível. A novidade, porém, que se descortina com o evento Jesus Cristo, vai muito além das expectativas da História e da cultura do povo de Israel: é a plenitude que, inesperadamente, ultrapassa de modo incomensurável a esperança messiânica do povo judeu.

Entre continuidade e ruptura, há, portanto, a reserva de sentido. O Filho é a Palavra do Pai: “por isso, o conteúdo da Revelação em que se funda a fé cristã, é ao mesmo tempo e inseparavelmente cristológico e trinitário: o Verbo na carne é o Filho eterno que entrou na história”.⁷⁸ O Filho é plena Revelação de Deus-Pai e se revela na sua finitude humana, mas que vai além do humano. Dessa forma, a sua pessoa remete a algo mais: remete ao silêncio amoroso e originalmente, à transcendência eterna e infinita, ruptura com o existir no tempo e espaço. É aqui que Bruno Forte se vale da etimologia da Palavra latina *Revelatio* para assim conseguir uma definição mais próxima da Revelação trinitária.

Por isso a sua Revelação: é um desvelar-se que vela, um vir que rompe caminho, um mostrar-se no retrain-se que atrai. Esta dialética de abertura e ocultamento atinge o seu ponto culminante na auto-comunicação pessoal de Deus no Filho Encarnado: a Palavra que diz nas palavras remete ao abissal Silêncio de onde procede. O Deus em carne humana é ao mesmo tempo revelado e escondido, *Revelatus in absconditate et adsconditus in Revelatione*.⁷⁹

⁷⁷ FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 157.

⁷⁸ “*Perciò il contenuto della rivelazione, su cui si fonda la fede cristiana, è al tempo stesso e inseparabilmente cristologico e trinitario: il Verbo nella carne è il Figlio eterno entrato nella storia*” (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’inizio e il compimento*, p. 39).

⁷⁹ Idem. *A essência do cristianismo*, p. 49-50.

1.3.3 O Espírito Santo: encontro entre o amado e o amante

O Espírito é o elo entre o Silêncio e a Palavra, a conexão, o ativador entre o êxodo e o advento. É o Amor que está disponível ao “Silêncio do Pai para com a Palavra e da Palavra no Silêncio do êxtase”.⁸⁰ É o encontro do amante com o amado no amor. É pelo amor que o evento pascal é compreendido como história também do Espírito Santo.

Bruno Forte apresenta o Espírito Santo a partir da centralidade da cruz. No Espírito o Filho se entrega inteiramente ao Pai, na cruz. No Espírito, o Pai ressuscita o Filho, dando-lhe a plenitude da vida e nele reconciliando o mundo consigo (cf *Rm* 1,4).

Forte foi amadurecendo a idéia da importância da cruz como declaração-e-silêncio-supremo do amor de Deus que se revela. Na cruz aparecem os *Três Distintos* na mais absoluta distinção, revelando-se ao ser humano como unidade de amor. Cristo crucificado e ressuscitado é o lugar em que o Outro veio declarar-se – e calar-se – para nós: “por isso o encontro com a palavra da cruz liberta e muda o coração e a vida”.⁸¹ O Espírito é a garantia da distinção. Na morte, o Espírito assinala a mais profunda distinção entre o Pai e o Filho, sentida como distância e abandono. Logo, o Espírito tem essa dupla função *ad intra*: unir e, ao mesmo tempo distinguir. Se ele é o amor que unifica Pai e Filho, também é o que possibilita que cada um seja si mesmo. Ele é a união, mas, sem a distinção não é possível a comunhão.

A comunhão, por sua vez, se realiza na doação e na acolhida do Outro, diferente, distinto do Eu. O Espírito Santo que procede do Pai une Gerador e Gerado, onde “distinção do amor não é separação: mas é comunhão do Amante e do Amado que garante também a comunhão do Eterno Amante com as suas criaturas e com as suas histórias de sofrimento, não prescindindo do Amado, mas exatamente nele e por intermédio dele”.⁸² Assim é possível a compreensão da paixão, sofrimento e morte de Jesus na cruz como evento trinitário. É o sofrimento em Deus: o Pai que sofre na entrega do Filho Amado por amor aos humanos. “O Espírito garante que a unidade é mais forte do que a distinção e que a alegria eterna é mais forte do que a dor provocada pelo não-amor das criaturas”.⁸³ Bruno Forte, assim expressa tal relação:

Na hora da Cruz também o Espírito faz história: história em Deus porque entregue ao Pai possibilita a alteridade do Filho por ele gerado na solidariedade com os pecadores, embora na infinita comunhão expressa da obediência sacrificial do

⁸⁰ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 90.

⁸¹ *Ibid.*, p. 46.

⁸² *Idem*. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 108.

⁸³ *Ibid.*, p. 91-92.

Crucificado; história nossa, enfim, porque desse modo faz o Filho aproximar-se de nós, permitindo aos distantes que tenham acesso à via, como o Filho, do exílio para a pátria da comunhão trinitária.⁸⁴

Na cruz, o Espírito Santo aparece com a sua especificidade, sustentando o Amor Absoluto, ainda que este se mostre como o avesso da realidade intra-trinitária, enquanto se revela no contexto de morte e de pecado, de rejeição, de abandono, de distância infinita. É aí que o Espírito Santo vive a entrega da cruz como entrega do Amor do Abandono ao Pai, não obstante todas as evidências contrárias, o Filho continua a confiar e a amar.

É na entrega do Espírito Santo que se estabelece a profunda alteridade entre Pai e Filho, alteridade na qual também o ser humano se reconhece:

Sem a entrega do Espírito, a Cruz não se mostraria em toda a sua profundidade de acontecimento trinitário e salvífico: se o Espírito não se deixasse entregar no silêncio da morte, com todo o abandono que esta implica, a hora das trevas poderia ser equivocada como a de uma obscura morte de Deus, do incompreensível extinguir-se do Absoluto, e não poderia ser entendida, tal qual é, como o ato que se desenrola em Deus, o evento da história do amor do Deus imortal, pelo qual o Filho entra no mais profundo da alteridade do Pai em obediência a Ele, ali encontra os pecadores.⁸⁵

Aí acontece o ponto máximo de comunicação e, ao mesmo tempo, o Espírito Santo garante a distinção, presente quando o Filho experimenta a mais profunda distinção do Pai. É nesse momento, entretanto que o ser humano pecador é admitido para fazer parte, com toda a sua opacidade, da verdadeira vida da Trindade: Silêncio, Palavra e Encontro. O Espírito Santo possibilitará o verdadeiro encontro entre Palavra e Silêncio.

Na Trindade econômica, *ad extra*, conforme Forte, percebe-se a presença da Terceira Pessoa a partir de “duas funções do Espírito: *abrir* o mundo de Deus ao mundo dos homens até tornar possível o ingresso do Filho no exílio dos pecadores; e *unificar* o dividido humano, transformando-o na hora da reconciliação pascal, onde se encontra em toda a história da salvação”.⁸⁶ É nesse encontro com o Espírito de Vida que a história humana vai passando por transformações.

O Espírito é o dom da doação - de quem dá ou se dá - é também o dom da acolhida - de quem recebe. Se a doação ativa do Pai é amor, não menos o é a acolhida - espécie de doação de si passiva, do Filho. Tudo é dom, em tudo se vê a presença livre e fecunda do Espírito Santo. “O Cristo recebe e doa o Espírito. Pode, por isso, ser assim descrito: “Aquele

⁸⁴ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 66.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 65-66.

⁸⁶ *Idem. A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 112.

sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é que batiza no Espírito Santo” (*Jo* 1,33).⁸⁷ Na Trindade tudo é dom gratuito e total. “O Espírito é aquele que dá a caridade, atesta-o a economia e por isso, - *in divinis* – é o amor dado e recebido, a *communio* do Pai e do Filho, procedente de um e de outro, embora *principaliter* do Pai, porque tudo o que o Filho tem vem do Pai”.⁸⁸ Ser dom é também proposta para os cristãos. Dom gratuito. Reconhecimento do dom gratuito: gratidão. Apresentam-se para a prática da fé, dois tipos de doação: dar e receber. Não são atitudes óbvias nem esperadas pelo mundo. São sinais da presença do Espírito Santo *ad intra e ad extra*.

Assim participam os homens da vida da comunhão trinitária na comunhão própria do tempo presente (...). Ao mesmo tempo se abre a história inteira, no Espírito, ao advento de Deus (cf. *Rm* 8), e os homens se abrem ao Pai, a quem podemos agora dirigir-nos, no Espírito, como filhos adotivos, chamando-o “Abbá” (*Rm* 8,15. 26s; *Gl* 4,6), enquanto se lhes oferece a possibilidade de viver no amor, caminhando no Espírito (cf. *Gl* 5,13-25).⁸⁹

O Espírito é presença para todos os peregrinos nesta terra. É o dom do Espírito que vivifica o espírito do Filho em seus discípulos. Ele é o agente da missão. Na teologia de Bruno Forte, o Espírito Santo apresenta-se como Encontro: encontro do Amante e do Amado; encontro da Palavra e do Silêncio; encontro dos distintos; encontro dos dons recíprocos; encontro de Amor. “A Revelação no Espírito Santo é, portanto, encontro da Palavra e do Silêncio, uma silenciosa simplicidade contemplativa da vida”.⁹⁰ Ele é o anunciador da verdade, pois não fala de si mesmo, mas do que ouviu. É o Espírito que anunciará as coisas futuras. Nele está a fidelidade do Pai com o Filho e com a humanidade. É ele quem ajuda o ser humano a se transcender em seu processo exodal.

Portanto, confirma Forte:

Quem encontra Deus no Espírito que se comunica nos acontecimentos da Revelação, participa da unidade trinitária, que não aniquila a riqueza das Pessoas e não anula o diferente, e se imerge no movimento do êxodo próprio do amor, que é o êxtase de Deus. (...) Na força do Espírito, a Revelação - encerrada no tempo da plenitude do Verbo - se faz presente a todo tempo, sempre antiga e sempre nova, para que a transcendência e a abertura, próprias do divino sejam a comunicação por excelência e levem a uma sempre maior compreensão do já dado, a um perscrutar o oculto no revelado.⁹¹

⁸⁷ FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 120-121.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 118-119.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 113.

⁹⁰ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 93.

⁹¹ *Ibid.*

Ao olhar a comunicação intra-trinitária, Bruno Forte tem presente em seu objetivo primeiro, responder à pergunta do ser humano de hoje. Ele olha as relações lá e aproxima-as com as daqui. Mesmo tendo reserva da transcendência, da Trindade Econômica e da Trindade Imanente, não vê fronteiras impermeáveis: “O Pai é, portanto, aquele que ama o Filho e nos ama a ponto de entregar à morte o Filho amado no exílio dos pecadores (*Jo* 3,16)”.⁹² É esse amor que envolve também o ser humano, que o faz interlocutor, imagem e semelhança e manifesta-se desde o início da História, como gratuidade e fidelidade, características expressas nas primeiras experiências de relações de Deus com o ser humano. Deus, o Pai, é o Amante que ama com toda fidelidade, Ele ama sempre, sem recompensa, ama gratuitamente.

É o amor gratuito do Pai que o faz *generante* do Filho eterno: não é um amor egoísta por si mesmo, mas a evidência de que o Pai é a Fonte do amor por excelência⁹³. Forte mostra que o Pai é o princípio de todo o amor: “Deus, o Pai de Jesus é aquele que começou a amar e isso é para sempre. E jamais se cansa de amar. É o Pai onipotente no amor”.⁹⁴ É “esse o Pai princípio de todo amor”.⁹⁵ Ele nos foi revelado pelo Filho, o Amor que se instalou, encarnando-se no meio dos humanos (*Jo* 1,14). Só a partir do acontecimento de Jesus de Nazaré, se pode pensar a Trindade. Tal relação estreita com o Pai, revelada por Jesus, não está restrita apenas a “Eles”, mas todos os seres humanos que entram nessa dinâmica de amor. Pois, é no Filho que todos são filhos: “Aquele a quem Jesus ora é o Deus de Israel, seu Pai. Sendo Deus o Pai, e o Pai é aquele que ama ao Filho e a todos os seres humanos, Deus é amor (1 *Jo* 4,8.10.16)”.⁹⁶ Portanto, foi essa a experiência que os primeiros cristãos fizeram de serem filhos amados. Segundo Bruno Forte, aí está o ponto para encontrar o fundamento da fé de cada ser humano, para que assim possa assumir o seu lugar teológico que se funda sobre o amor do Pai e a porta para a esperança dos cristãos: “é a esperança que não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (*Rm* 5,5; cf.1*Jo* 3,1)”.⁹⁷ Conclui-se, portanto, que para quem está no processo de caminhada não basta saber que Deus é Pai. É preciso tornar-se filho, filha desse Pai, ser um dos seus amados. Tal lugar teológico é a possibilidade da auto-compreensão humana e da plena realização, onde o ser humano é criatura envolta pela graça

⁹² FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 93.

⁹³ *Ibid.*, p. 95.

⁹⁴ *Idem. Introdução à fé: aproximação ao mistério de Deus*, p. 25.

⁹⁵ FORTE, B. *Introdução à fé: aproximação ao mistério de Deus*, p. 25.

⁹⁶ *Idem. A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 93.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 93-94.

do Amor de um Deus-Relação que também é Pai. É nesse processo dinâmico, criativo, gratuito que o ser humano é orientado para o encontro na Pátria definitiva.

1.4 A PÁTRIA TRINITÁRIA

Bruno Forte identifica a Trindade como Pátria⁹⁸ e refere-se ao futuro, a eternidade do ser humano em seu encontro definitivo, como um encontro de Revelação do Deus Tri-Uno, fim último do ser humano peregrino na História. Para o autor, a Revelação entendida como advento, é o lugar em que se torna possível entrever a Pátria. A “pátria” não pode ser uma simples prorrogação da expectativa presente, um amanhã que se vive no hoje. Se assim fosse, estaria faltando nela a novidade. Ela ficaria reduzida a uma simples dedução do desconhecido, a partir do que é humano, calculável e conhecido. Expressões de um “futuro relativo”. Pelo contrário, a “pátria” procurada não pertence ao “futuro relativo,” como se o ser humano pudesse prever hoje e realizar amanhã. Essa “Pátria” não está nas mãos humanas da mesma forma como estão as expectativas das coisas que o ser humano pode realizar e esperar para si. A “Pátria” como horizonte final pertence ao mundo do advento, àquele “futuro absoluto” que é meta da caminhada, ao mesmo tempo em que vem, por iniciativa divina, ao encontro do ser humano.⁹⁹ Com a Revelação do Filho e a missão do Espírito Santo, a Trindade manifesta-se como origem, o seio e a Pátria do Amor. Nela tudo tem origem e leva o seu final. Nisso, o futuro da História e da criação destinam-se à Glória.¹⁰⁰ Assim, a chamada consumação marcará toda a criação como morada da Glória de Deus. E através dela, a Origem Silenciosa se comunica mediante a vinda da Palavra, que nos abre as portas para o Encontro no tempo e na eternidade. Nessa sua forma trinitária, a Revelação se apresenta como promessa: anuncia a transcendência de Deus, não esvazia as profundezas de seu ser e do seu amor, ao mesmo tempo em que nos comunica a sua vida.

⁹⁸ O termo “pátria”, usado por Bruno Forte, remete à obra de Ernest Bloch *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt, 1978. Onde o autor faz referência à consumação escatológica que acontece na pátria de identidade, na qual ocorre a superação do sofrimento e da injustiça, frutos da alienação humana. Para Bloch, essa pátria evoca a solidariedade como característica marcante. Moltmann, posteriormente, compreende “pátria” como acontecimento escatológico (Cf. BRUSTOLIN, L. *Quando Cristo Vem... A Parusia na escatologia cristã*, p. 109).

⁹⁹ “*Questa ‘patria’ non può essere la semplice dilatazione dell’attesa presente, ‘il domani che vive nell’oggi’: se così fosse, le mancherebbe fantasia e novità, e si ridurrebbe alla grigia deduzione dell’ignoto da ciò che è calcolabile e noto... La ‘patria’ cercata non appartiene al ‘futuro relativo’, che oggi possiamo prevedere e domani realizzare, né sta nelle nostre mani, come l’attesa delle piccole o grandi cose che l’uomo può fondatamente aspettarsi da sé. La ‘patria’, come orizzonte ultimo, appartiene al mondo dell’avvento, a quel ‘futuro assoluto’ che ‘non é la meta del nostro andare, sì invece quel che di per sé ci si fa incontro’* (Cf. FORTE, B. *Teologia della storia: saggio sulla rivelazione, l’ inizio e il compimento*, p. 338).

¹⁰⁰ Cf. CATECISMO da Igreja Católica, n. 293-294.

Com o acontecer do Advento, nos é antecipada a beleza do mundo que há de vir e nos é garantida e prometida à pátria perfeita da nossa vida pessoal e coletiva e de todo o universo criado. Portanto, o evento pascal, vértice e plenitude da Revelação, nos revela não apenas o sentido da existência pessoal e da comunhão interpessoal, mas também o horizonte final, a pátria prometida da identidade do homem e do mundo, envolvida no misterioso evento do amor eterno, que é a Trindade do Deus vivo.¹⁰¹

O peregrinar na História tem momentos de tensão entre o já do mundo e o tempo em que o ser humano caminha em direção ao ainda não da Pátria. O tempo que simplesmente é quantificado como o suceder-se dos instantes repetitivos do eterno, é substituído, na revelação neotestamentária, pela ideia do tempo qualificado, tornado novo por decisão de fé, diante da palavra do anúncio e da oferta da graça. Diferentemente do tempo *chrónos*, ou seja, o curso do tempo que passa, o tempo kairológico é percebido como *kairós*, isto é, o “hoje da Graça revelado ao ser humano, a hora da salvação doada pelo Eterno a cada um que acolhe o advento.”¹⁰² O humilde hoje do ser humano é assumido pelo hoje do *novum* do advento, que pode tornar-se, pela acolhida, o hoje de Deus. De fato, não se trata simplesmente de uma salvação na História, pela qual o tempo permanece apenas como cenário: trata-se muito mais e intensamente, de uma redenção do tempo histórico, operada pela graça de Deus e pela livre acolhida do ser humano, sujeito e protagonista da História. A história da salvação constrói-se sobre a possibilidade de uma salvação da História, fundada no mistério do advento, pelo qual o Deus vivo fez sua a história dos seres humanos.

A Cruz no cotidiano da História ganha novo significado em Cristo. No encontro entre o sofrimento humano e o “dom de si” do Filho na cruz, por amor, o sofrimento humano assume valor de um seguimento de Cristo como explica Bruno Forte: A noite da dor foi visitada pelo Outro em seu advento, antecipação da Pátria; não a nostalgia ou lamento, mas a realização da esperança que não decepciona. Aquele que é aliança em pessoa faz sua a ‘cruz do tempo’, abrindo no ‘tempo da cruz’, o caminho para a Glória

¹⁰¹ “È così che nell'accadere dell'Avvento viene anticipata la bellezza del mondo che deve venire, ed è garantita e promessa la compiuta 'patria' dell'esistenza personale e collettiva e dell'intero universo creato. Pertanto, l'evento pasquale, vertice e pienezza della rivelazione, rivela non solo il senso dell'esistenza personale e della comunione interpersonale, ma anche l'ultimo orizzonte, la 'patria' promessa dell'identità dell'uomo e del mondo, avvolta nel misterioso evento dell'eterno amore, che è la Trinità del Dio vivo” (Cf. FORTE, op. cit., p. 339).

¹⁰² “Para Israel, o tempo sempre tem uma relação como acontecimento. É por isso que os hebreus rejeitaram as ideias de tempo contínuo, sem fim e linear. E foi justamente o conceito de *Kairós* que sustentou e sustenta a história de Israel: o que conta é o tempo qualificado e não o tempo quantificado *chrónos* (Cf. BRUSTOLIN, L. *Quando Cristo Vem... A Parusia na escatologia cristã*, p. 66).

oferecida a toda criatura: o fragmento de tempo que o Crucificado faz seu é o instante do êxodo humano, enquanto visitado e habitado pelo Advento divino. Precisamente porque a cruz é a cruz do Ressuscitado, ela é o lugar onde a diferença vem encontrar e transformar a identidade, o lugar da decisão salvífica diante da graça oferecida ao mundo, que se atualiza continuamente no *Kerigma*, graça à força do Espírito Santo.¹⁰³

Quando o êxodo da existência humana se abre ao advento proclamado e doado, a gratuidade se torna nova e possível no dom da caridade do Pai. Essa gratuidade se abre, na fé, como evocação à obediência do Filho. Na liberdade da comunhão, realiza-se a verdadeira esperança, marca do Espírito Santo que une todos os tempos na eternidade do amor e a todos abre à perene novidade divina. Permanecendo no amor, tudo tenderá à Trindade, meta e Pátria do caminhante humano: tudo um dia repousará na Trindade, quando o amor não mais conhecer acaso, e o êxodo e o advento tiverem se encontrado para sempre. Então, o amor e a verdade se encontrarão, a justiça e a paz se abraçarão, “(...) da terra germinará a verdade e a justiça descera do céu” (cf. *Sl* 65,11-12). É assim que a Pátria Trinitária tem profundas correspondências com a Terra, com o presente da história. A Pátria que há de vir encontra no agir cristão, segundo a Palavra e no dom do Espírito, a antecipação na História. E no momento em que a criação será transformada plenamente em Pátria, morada do amor, ocorrerá a *parusia*.¹⁰⁴ Logo, a glória final como senhorio do amor sem fim, encontra a antecipação no mundo presente onde o amor recebe espaço de acolhida. O ser humano, amado por Deus que é Amor, pode vir a se tornar capaz de amar o próximo.

Somente a alma amada por Deus pode acolher o mandamento do amor ao próximo até seu cumprimento. Envolvido pelo amor eterno e acolhido na história trinitária do amor, o homem pode, por sua vez, construir histórias de amor nos humildes dias de sua

¹⁰³ “*La notte del dolore è stata visitata dall’Altro nel suo avvento, anticipazione della Patria; non la nostalgia o il lamento, ma la realizzazione della speranza che non delude. Colui che è alleanza in persona fa sua la ‘croce del tempo’, aprendo nel ‘tempo della croce’, la strada verso la Gloria offerta ad ogni creatura: il frammento di tempo che il Crocifisso fa suo è l’istante dell’ésodo umano, mentre è visitato e abitato dall’Avvento divino. Precisamente perché la croce è la croce del Risorto, essa è il luogo dove la differenza viene a trovare e trasformare l’identità, il luogo della decisione salvifica davanti alla grazia offerta al mondo, che si aggiorna continuamente nel Kerigma, grazie alla forza dello Spirito Santo*” (Cf. FORTE, B. *Fede e Ragione, tra Parola e Silenzio*, p. 398).

¹⁰⁴ “O termo grego *parousia* quer dizer simplesmente “presença”. Na época helenística, entretanto, ele tomou o sentido técnico de visita de um príncipe ou de manifestação de um deus. Uma visita imperial numa cidade provincial era um evento considerável (...). No Antigo Testamento, *parousia* é um termo técnico para designar a manifestação de Cristo na glória” (COLLINS, John J. *Parusia*. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1345-1346).

vida. A teologia é *docta caritas, sabedoria do amor; é caritas quaerens intellectum*, amor que quer ser dito para comunicar-se na palavra e na vida.¹⁰⁵

Concluindo, pode-se dizer que cabe ao ser humano acolher a Revelação do Deus vivo, o Deus do advento e, no Silêncio, escutar o que Ele revela pela sua palavra e acolher o sopro do Espírito de vida que alimenta no interior de cada pessoa a esperança do encontro definitivo da Pátria.

No segundo capítulo intentaremos fazer a aproximação entre a teologia de Bruno Forte, no que diz respeito à revelação, tal como descrita no capítulo primeiro, e a Comunicação atual. Em outros termos, trata-se de propor um diálogo entre a Teologia da Revelação e as experiências de fé na era digital. Para tanto, será necessário conceituar, primeiramente, a fé e o que se entende por Era Digital, além de demonstrar como a fé e o relacionamento humano-divino passam a ser influenciados por elementos da cultura que surgem do uso predominante dos meios de comunicação digitais.

No intuito de compreender melhor a fé na Era Digital e de não nos restringirmos à reprodução de conceitos teóricos, empreendemos uma pesquisa de campo sobre o tema. É a partir do resultado dessa pesquisa que iniciamos o diálogo entre a Comunicação e a Teologia.

¹⁰⁵ “Soltanto l’anima amata da Dio può accogliere il comandamento dell’amore al prossimo fino al suo compimento. Coinvolto dall’amore eterno e accolto nella storia trinitaria dell’amore, l’uomo può, invece, costruire storie d’amore negli umili giorni della sua vita. La teologia è *docta caritas, sapienza dell’amore; è caritas quaerens intellectum, amoré che vuole essere detto per comunicarsi nella parola e nella vita*” (Cf. FORTE, B. La Trinità: fonte di ispirazione per la Comunità dei popoli europei. *Il Novo Areopago*, v. 18, p. 40.

2 A FÉ CRISTÃ NA ERA DIGITAL

Vivemos numa sociedade marcada pela complexidade, que continuamente depara-se com o surgimento de *novas* linguagens, novos meios, novas ambiências, que resultam num pluralismo de formas de comunicação. É uma sociedade marcada pela tecnologia na qual tudo vira mercadoria, inclusive a religião. Nela fazem-se presentes novos símbolos, signos e movimentos que ocupam espaços e configuram novas culturas. Essa época marcada pelas mídias digitais é conceitualmente definida por muitos como Era Digital.

Era Digital, também conhecida como Era da Informação¹⁰⁶, é o nome dado ao período posterior à Era Industrial, mais especificamente, após a década de 1980. Suas bases, porém, remontam ao princípio do século XX e, particularmente, à década de 1970, com as invenções do microprocessador, da rede de computadores, da fibra ótica e do computador pessoal. É uma era de muitas transformações que prima pelo diferente, pela inovação, pela transformação, pela diversidade, pela interação, pela pluralidade, enfim, pela novidade. Também se identifica, de modo bem comum e visível, com certa banalização do conhecimento e da comunicação.

Esse ambiente fortemente tecnológico transforma a compreensão do ser humano em relação ao universo e a si mesmo. O computador, a peça centralizadora da atenção do homem atual, que começou como uma ferramenta facilitadora de algumas tarefas transformou-se num meio possibilitador de novos comportamentos e atitudes. Primeiramente o próprio corpo passa por transformações; depois, a possibilidade da comunicação ultrapassa as barreiras físicas e chega aos confins do planeta em segundos, mudando as proporções do mundo. O ser humano, com tantas informações vai promovendo “a substituição do átomo pelo *bit*, do físico pelo virtual, a um ritmo exponencial, vai converter o *homo sapiens em homo digitalis*”.¹⁰⁷

Conclui-se, então, que depois da chamada *Era de Gutemberg* e da Era da Imagem, vive-se na Era da Comunicação midiática: realidade que revoluciona as sociedades e suas referências culturais. Nela estão às tecnologias, a mercadologia, as religiões, as políticas, as artes, as economias, as ciências e os comportamentos. Pode-se dizer que em meio a tantas informações prontas, identifica-se uma superficialidade. Há ilusão de que se sabe alguma coisa, quando na verdade, sabe-se bem pouco ou quase nada. Em meio a tantas informações,

¹⁰⁶ CASTELLS, M. *A sociedade em rede*, p. 67-113.

¹⁰⁷ TERCEIRO, José. *Sociedade digital*. [Internet: o milagre da era Digital ou a ameaça da bomba informática]. p. 31. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/milenium,25/25_30htm>. Acesso em: 03 maio 2011.

faz-se necessário elaborar e construir algo coerente com consistência, para além do que é visto e ouvido. É nessa sociedade marcada pela complexidade que estão as religiões e a teologia contemporânea, deparando-se com as possibilidades que a mídia apresenta para a vivência da fé, especialmente a cristã. Procuremos, inicialmente, fazer uma breve reflexão sobre o significado da fé cristã para depois compreender o impacto das novas tecnologias sobre a religião, a fé e a experiência de Deus.

2.1 O CONCEITO DE FÉ

A Bíblia disponibiliza a todos um conceito de fé a partir da Palavra de Deus. Quando comparada com as concepções da fé do Ocidente, percebe-se que a fé semítica excede a questão da inteligência na sua relação com Deus: “ela é um ato complexo que envolve o homem como um todo, face a uma pessoa reconhecida em toda a sua riqueza”.¹⁰⁸ Identifica-se que a fé no sentido bíblico “é a fonte e o centro de toda a vida religiosa”.¹⁰⁹

O povo hebreu reconhece a autenticidade da palavra de Moisés (*Ex* 4,5. 8.31). Trata-se de dar crédito a quem tem uma palavra firme que merece confiança. Assim, “crer é afirmar a fidelidade de Deus, com plena confiança nele, aceitando seus mandamentos (*Dt* 9,23; *Sl* 119,16) [...]. Ter fé em Deus é crer nele, estar certo de que ele é verdadeiro, é confiar nele e depender totalmente dele”.¹¹⁰ No idioma hebraico há uma rica variedade de vocabulário referente à fé e isso demonstra a complexidade da atitude espiritual de quem crê. O vocabulário grego oferece ainda mais expressões diversificadas. Pode-se concluir que “a fé, segundo a Bíblia, tem dois pólos: por um lado, *a confiança* que se dedica a uma pessoa fiel e engaja o homem por inteiro; por outro, *um procedimento da inteligência* à qual uma palavra, ou sinais, possibilita acesso a realidades que não se vêem (cf *Hb* 11,1)”.¹¹¹ É nessa fonte que se encontram as características racionais da fé: realidade das coisas que esperamos, prova das

¹⁰⁸ MONLOUBON, L.; DUBUIT, F.M. *Dicionário bíblico universal*. Aparecida: Santuário; Petrópolis: Vozes, 1997, p. 286; Cf. LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. *Dicionário de teologia fundamental*, p. 319-320.

¹⁰⁹ LÉON-DUFOR, X. et al. *Vocabulário de teologia bíblica*, coluna 336.

¹¹⁰ MONLOUBON; DUBUIT, op. cit., p. 286; Cf. LATOURELLE; FISICHELLA, op. cit., p. 287.

¹¹¹ LÉON-DUFOUR, op. cit., coluna 337; Cf. MACKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*, p. 341. Esse autor destaca muito mais a dimensão da solidez da fidelidade de Deus, que é digno de confiança. Ele também liga essa fidelidade ao atributo *hesed*, que significa o amor empenhativo de Deus (cf. p. 341). O Papa João Paulo II, em uma de suas encíclicas, diz que “antes de mais nada, o termo *hesed* indica uma profunda atitude de “bondade”. Quando esta disposição se estabelece entre duas pessoas, estas passam a ser não apenas benévolas uma para com a outra, mas ao mesmo tempo, reciprocamente fiéis, por força de um compromisso interior, portanto, também em virtude de uma fidelidade para consigo próprias. E se é certo que *hesed* significa também ‘graça’ ou ‘amor’, isto sucede precisamente na base de tal fidelidade”. (JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Dives in misericórdia*, 1980, n. 2. Esse amor de fidelidade é que suscita a fé).

que não vemos. Assim, a fé é o sustento de nossas esperanças onde subsistem as coisas invisíveis. Logo, tanto a sustentação quanto as provas da fé vêm da força do testemunho e da argumentação, como indica São Paulo ao orientar seu amigo Tito (*Tt* 1,9) sobre a verdadeira doutrina.¹¹²

2.1.1 A fé na Bíblia

No Antigo e no Novo Testamento a fé é entendida, como uma exigência da Aliança, a qual expressa o engajar-se de Deus na história de Israel. Javé é um Deus que caminha com o seu povo. A Aliança “requer que Israel obedeça à Palavra de Deus (*Ex* 19,3-9). Ora, ouvir a Javé, vem a ser primeiramente crer nele (*Dt* 9,23; *Sl* 106,24); a Aliança, portanto postula a fé (cf. *Sl* 78,37)”.¹¹³

Os profetas indicam e denunciam a idolatria que ronda o povo de Israel no exílio, onde aparentemente Javé não mostra mais seu poder. Eles também falam da fé como realidade que será concedida a Israel na Nova Aliança. Os profetas baseavam a vida na fé em Javé.¹¹⁴ Eles reavivavam a fé do povo, pois “para esse povo da fé será uma figura exemplar o Servo de Javé”.¹¹⁵ No Novo Testamento, no Evangelho de Mateus (*Mt* 16,13-16), Pedro é que dá a verdadeira definição do que é a fé. Por isso, “essa fé em Jesus une doravante os discípulos a Ele e entre si, fazendo-os participar do segredo da sua pessoa (*Mt* 16,18-20)”.¹¹⁶ Ao mesmo tempo, pode-se dizer que nos evangelhos sinóticos o conteúdo dessa fé não está estabelecido. Também a fé pode ser definida como “aceitação do próprio Jesus como sendo o que ele proclama ser”.¹¹⁷ Seus discípulos viveram muitos fracassos na caminhada de fé com Jesus. Após a ressurreição, eles o proclamam como Senhor e Cristo, e “a fé dos discípulos é agora capaz de levá-los até o sangue (cf. *Hb* 12,4)”.¹¹⁸ Em João, a fé aparece de modo mais interpessoal do que nos sinóticos. A fé apresenta-se como ponto central e fundamental de sua teologia. Aqui é o próprio Jesus quem convida a crer em sua pessoa. Quem aceita a proposta, estabelece um relacionamento íntimo com Jesus (cf. *Jo* 15,15). Dessa maneira:

¹¹² SOUZA, J. N. *Imagem humana à semelhança de Deus*: proposta de antropologia teológica, p. 146.

¹¹³ LÉON-DUFOR, X. et al. *Vocabulário de teologia bíblica*, coluna 337.

¹¹⁴ *Ibid.*, coluna 339.

¹¹⁵ *Ibid.*

¹¹⁶ *Ibid.*, coluna 341.

¹¹⁷ MACKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*, p. 342.

¹¹⁸ LÉON-DUFOUR, op. cit., coluna, 342.

Crer e conhecer, especialmente em João, são conceitos afins e por vezes até permutáveis entre si, o significado oculto, entretanto, é diferente e desestimulante para aquele que pretende recorrer às modernas teorias do conhecimento. [...] A fé, em outras palavras, abre caminho a um conhecimento e a uma compreensão cada vez maiores, e a uma comunhão cada vez mais profunda com a pessoa que é assim conhecida, até conduzir ao amor.¹¹⁹

No evangelho de João a fé e o conhecimento estão intimamente ligados. Mas esse conhecimento se dá pelo amor, ou seja, com o coração, pois se fosse unicamente pela razão poderia desestimular o crente. Nesse conhecimento emocional, a pessoa conhecida e a que está conhecendo unem-se em uma comunhão bastante próxima, aumentando cada vez mais as próprias relações e os laços de amor. Na experiência de fé do apóstolo Paulo sua vida desde a conversão, é uma vida na fé do Filho de Deus (*Gl* 2,20). “Ele experimenta a mística de ser crucificado com Cristo, mediante a qual Cristo vive nele”.¹²⁰

Para o apóstolo Paulo, crer é entregar-se a Deus, de quem provém a salvação (cf. *Rm* 1,16; *Gl* 2,16; *Ef* 1,13; *2Ts* 2,13.). Essa entrega deve ser total. O crente deve acreditar na mensagem de Cristo totalmente, com todo o ser, e utilizar todas as suas forças para viver, durante toda a existência na graça de Deus. (cf. *1Cor* 15,1-2; 16,13; *2Cor* 1,24;10,15). Logo, a fé deve expressar-se em toda a vida do cristão, esse que é chamado a entregar-se confiantemente a Deus e à sua vontade (cf. *Rm* 13,11; *Fl* 1,27).

Segundo Paulo, a fé deve ser a aceitação da mensagem de Cristo, por parte do crente, para toda sua vida. Nesse sentido, Fisichella, afirma:

Para Paulo é a fé que define o ser cristão e a *identidade* pessoal. Trata-se de uma realidade dinâmica que tem início com a aceitação do batismo que torna as pessoas *justificadas*. É essa dimensão que caracteriza a fé paulina; a *justificação* para a salvação é um processo que deve levar o crente a uma assimilação total com o Senhor. Isso dura toda a vida e não conhece interrupção alguma ou alternância no empenho.¹²¹

A identidade própria dos cristãos se dá mediante o ato de crer. Esse se inicia pelo batismo, quando a pessoa expressa sua aceitação ao plano de Deus revelado em Jesus Cristo. Isso percorre toda a vida do cristão, pois ele testemunhará, pelo seu modo de vida, o que crê. Nessa dinâmica o crente se une totalmente com Cristo, que lhe garante a salvação.

A fé se mostra ainda nos escritos paulinos como algo próprio da comunidade eclesial, isto é, de toda a Igreja. É dom da comunidade eclesial.

¹¹⁹ FISICHELLA, R. *Introdução à teologia fundamental*, p. 94-95.

¹²⁰ MACKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*, p. 342.

¹²¹ FISICHELLA, op. cit., p. 96.

2.1.2 A fé na Teologia Patrística

Os Padres da Igreja e autores cristãos da antiguidade se preocupavam principalmente com questões acerca da natureza da fé, unindo a doutrina bíblica com a reflexão sobre o que é ser cristão: conversão e consequências do ato de crer. A fé era relacionada com a caridade, o testemunho, a pertença à Igreja e o conhecimento. Este exercício chama-se *Teologia da fé*.

A fé em Cristo aparece como algo do âmbito eclesial. Durante a época patrística, ter fé e seguir as afirmações da Igreja; era o que dava possibilidade ao crente de pertencer à comunidade.

Com a crise gnóstica surge o primeiro momento de risco a respeito do conceito da fé. Para os defensores dessas ideias, a fé se dava como um conhecimento de segunda ordem, de um modo secundário e provisório de conhecer. Seria uma opinião pessoal sem fundamentos fortes e firmes. Esse conhecimento secundário devia ser substituído por um primário, que, para os gnósticos, era o conhecimento racional.

Os teólogos cristãos responderam rapidamente às afirmações gnósticas. Para eles a fé é um conhecimento bem fundado e rigoroso, visto que não pode ser medido a partir da fragilidade humana, mas pela fidelidade de Deus, a quem o homem ouve e aceita, pela Revelação. “O ato de fé, livre, do homem não se fundamenta na fragilidade e mutabilidade humanas, mas, sim na firmeza e na fidelidade de Deus, a quem o homem, depois de o ouvir, se entrega na fé”.¹²² A fé, para os cristãos, é um estado definitivo dos mais simples aos mais cultos; todos a possuem. Assim, o ato de fé não pode dissolver-se em um conhecimento superior. Pois, segundo Feiner e Loehrer

[...], a fé é aquele elemento simples e definitivo de que o homem não pode prescindir. É, também algo que – como o tinham observado, sobretudo os teólogos alexandrinos – ele só sabe avaliar em seu justo sentido, quando atinge a *gnosis*. Algo, enfim, que só se completa quando o homem cumpre os mandamentos com amor e perfeição.¹²³

Ao atingir a *gnosis*, o homem recebe a possibilidade de saber qual o sentido verdadeiro do ato de crer. Essa experiência só é completa quando o sujeito atinge a perfeição ao cumprir fielmente o plano e os mandamentos de Deus - afirmam os teólogos da Escola de Alexandria.

¹²² FREINER, J.; LOEHRER, M. Fundamentos de dogmática histórico-salvífica: revelação de Deus e resposta do homem. In: *Mysterium Salutis Compêndio*, v. I/4, p. 30, 1965.

¹²³ *Ibid.*, p. 30-31.

Clemente de Alexandria, como também outros Padres da Igreja dos primeiros séculos, dizem que a fé é a *gnosis* verdadeira, ou a certeza da verdade de fé que se converte em amor e cumprimento dos mandamentos de Deus. Para eles, existe dupla conversão no ser humano. Primeiramente ele se converte aos paradigmas da fé e aceita o que ela afirma como verdade. Em um segundo momento a fé se converte em *gnosis*, a qual se converte, por sua vez, em amor e estabelece uma relação entre o ato de conhecer e o conhecimento que é Deus, o revelado.

Concluindo, é importante ver que perante as afirmações dos gnósticos acerca da Sagrada Escritura interpretada arbitrariamente, criou-se na Teologia Patrística um princípio, extraído das Sagradas Escrituras, que serviu de critério da verdade da fé contra as heresias. Era a *Regula Fidei*: a regra de fé ou de verdade, que os apóstolos comunicaram, conforme a receberam do próprio Jesus e que a Igreja transmite desde suas origens. É o que rege a unidade de fé dos cristãos.

Ao atingir a *gnosis*, mediante a perfeita sintonia com o plano de Deus, o ser humano adquire a capacidade de saber qual o sentido verdadeiro do ato de crer.

2.1.3 A fé nos períodos Medieval e Moderno

Para definir a fé na teologia medieval convém olhar para Santo Tomás de Aquino que a define como “ato do intelecto que assente à verdade divina, por domínio da vontade, movida pela graça de Deus”.¹²⁴ A teologia da Idade Média desenvolveu muito esse conceito estreitamente racional. Também a fé é vista como uma certeza intelectual a respeito das realidades ausentes, superior à opinião e inferior à ciência; e contribui para pensar o equilíbrio dos fatores racionais e afetivos afirmando que a *fides quae* procede da razão, e a *fides qua*, das potências do afeto, que a matéria da fé está no conhecimento, mas sua substância na *affectio*.¹²⁵ Essa característica da racionalidade da fé foi acentuada ainda mais na relação da contra-reforma acerca da obra de Martinho Lutero no início da Idade Moderna.

A fé na modernidade carrega a marca da contra-reforma que dá destaque ao reformador Martinho Lutero. A fé se entende primeiro, segundo Lutero, como processo salvífico cuja obra é realizada no homem pelo Espírito Santo. Ou seja, entende-se a fé como ato de nascimento do homem novo. – *fides facit personam*. Logo, entende-se que o foco na

¹²⁴ AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*, II. II. q. 2^a. 9, p. 2055.

¹²⁵ LATIMIER, H. Fé Teologia Medieval. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 724.

experiência teologal está nas três virtudes: fé, esperança e caridade. A fé nasce da Palavra – *Fides ex audit* (Rm 10,17), mas se apropria de traços comuns com a esperança e a caridade.

Martinho Lutero diz que só a fé permite reconhecer a divindade de Deus. Ele encontra uma linguagem estimulante para afirmar: *Fides est creatrix divinitatis, non in persona, sed in novis* (a fé é criadora da divindade, não em si mesma, mas em nós)¹²⁶. Fora da fé, afirma-se, Deus perde sua justiça e sua glória diante de nós. Onde falta a fé, nada resta da majestade divina que possa ser experimentado pelo ser humano.

A Igreja Católica no Concílio de Trento tomou posição em resposta à teologia protestante sobre a fé. Recusou-se primeiro a concentração teologal sobre a fé e reafirmou a doutrina das virtudes teologais, dizendo que a união do homem com Deus não pode realizar-se só no elemento da fé, mas requer a esperança e a caridade (DS 1531). O Concílio também lembrou, por outro lado, que a vida teologal corresponde no homem a uma graça proveniente (DS 1553), que torna o livre-arbítrio capaz de cooperar com o trabalho de Deus que chama. E pelo livre-arbítrio o ser humano é chamado a cooperar com Deus.¹²⁷

2.1.4 A fé no Concílio Vaticano II e no Catecismo da Igreja

O Concilio Vaticano II (1962-1965) trata de fé em muitos pontos de sua doutrina, porém não do conceito em si, mas da relação da fé com outras realidades. Por exemplo: fé e cultura (cf. GS 57-59); eficácia frente ao ateísmo (cf. GS 21); papel da fé na evangelização (cf. LG 23; AG 36).

Acerca deste assunto, afirmam os teólogos Christoph Theobald e Bernard Sosboué:

O texto estabelece a “analogia” entre a liberdade teologal, o aspecto voluntário do ato de fé e a liberdade religiosa. Quanto ao ato de fé, relembra uma afirmação doutrinária tradicional, que sempre integrou o tratado de teologia fundamental da fé e da qual se tirou há muito a consequência de que não se pode impor pela força a fé cristã. [...] É um direito da consciência religiosa como tal exprimir livremente sua fé, conforme a luz da sua consciência.¹²⁸

O escrito trata sobre a liberdade do ato de fé, que é aqui tratada como questão básica para se falar de liberdade religiosa, que é o tema central desse parágrafo. A consciência religiosa do homem tem o direito de tomar uma decisão livre acerca daquilo em que crê.

¹²⁶ LUTERO, M. Fé Reforma e Teologia moderna. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*, p. 725-726.

¹²⁷ Ibid., p. 726-727.

¹²⁸ SESBOUÉ, B.; THDEOBALD, C. *História dos dogmas*, Tomo 4, p. 470.

Mostra-nos ainda que a resposta da fé, ou seja, o ato de crer foi refletido constantemente na Sagrada Escritura e na doutrina dos Santos Padres.

O ato de fé é por natureza voluntária, uma vez que o ser humano, redimido pelo Cristo Salvador e chamado para a adoção de filho por Jesus Cristo, não pode aderir a Deus que se revela, a não ser que o Pai o atraia. Portanto, defende-se a liberdade do ato de fé e se afirma que ninguém pode ser forçado a abraçar a fé: o homem deve responder a Deus, crendo por livre vontade. A fé é por natureza algo voluntário. Pela atração de Deus (cf. *Jo* 6,44) se deverá dar uma resposta racional e livre de fé. Exclui-se qualquer tipo de coação, afirma assim o dever da liberdade religiosa. Na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, se lê:

Ao Deus que se revela deve-se a obediência da fé [...], pela qual o homem livremente se entrega a Deus prestando “ao Deus revelador um obséquio pleno do intelecto e da vontade” e dando voluntário assentimento à revelação feita por Ele. Para que se preste essa fé, exigem-se a graça prévia e adjuvante de Deus e os auxílios íntimos do Espírito Santo (*DV* n. 5).

Nesse texto, a obediência da fé é a resposta do homem à Revelação de Deus. O homem se entrega pelo intelecto e pela vontade a Deus, ou seja, aceita a Revelação. Fé aqui se apresenta como graça de Deus, que surge com o auxílio do Espírito Santo. Essa move o coração do homem e converte-o a Deus.

Continua Sesboué “Certamente, a Revelação exige a obediência da fé, expressa aqui em estilo paulino. Mas o enfoque continua sendo do encontro interpessoal e dialógico, num ato integral do homem, pelo qual ele põe na balança inteligência, vontade e coração”.¹²⁹

A obediência da fé é expressa na Constituição Dogmática *Dei Verbum* como um ato de entrega total do homem a Deus. Com sua totalidade o homem adere às verdades reveladas e conduz sua vivência para o que se exige no plano salvífico de Deus. O homem entrega-se por completo ao plano do Senhor.

O Catecismo da Igreja Católica, por sua vez, afirma que pela fé, o homem submete completamente sua inteligência e sua vontade a Deus. Com todo o seu ser, o homem dá seu assentimento a Deus Revelador. A Sagrada Escritura denomina *obediência da fé* a essa resposta do homem ao Deus que revela.¹³⁰

O Catecismo segue a doutrina do Concílio Vaticano II: fé é a resposta à Revelação de Deus e só se dirige a Ele e à sua Palavra. O ser humano, ao crer no que foi revelado por Deus,

¹²⁹ SESBOUÉ, B.; THDEOBALD, C. *História dos dogmas*, Tomo 4, p. 431.

¹³⁰ Cf. CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. n^{os}: 143; 153; 154; 160; 161; 163ss; 150; 151; 152.

entrega-se totalmente a essa Palavra divina, ou seja, toda a sua vontade e inteligência são entregues nas mãos de Deus que se revela. Portanto, fé é a adesão completa do ser à Revelação. É um ato pessoal do ser humano, mas também eclesial, porque o depósito da fé é o tesouro da Igreja.

A fé é uma submissão livre do homem à Palavra de Deus. Como no Concílio Vaticano II, aqui se vê a necessidade do ato de crer ser um ato livre. A resposta do ser humano à Revelação deve ser um ato que parta de sua liberdade. A partir disso a pessoa submete toda a sua vontade e dirige sua intelectualidade para as verdades que Deus revelou. A fé é uma graça e sua acolhida, um ato essencialmente humano e livre, uma necessidade para a salvação.

A fé, portanto, é um ato pessoal, mas não é, um ato isolado. Ninguém pode crer sozinho, assim como ninguém adquire a fé para si mesmo. *Eu creio*: esta é a fé da Igreja, professada pessoalmente por todo crente, principalmente pelo batismo na comunidade eclesial, o que implica em dizer: “nós cremos”.¹³¹

Portanto, além do ato de crer ser algo próprio do ser humano, também é um ato essencialmente eclesial que passa do âmbito pessoal. Crer é próprio de toda a Igreja. O crente recebe o conteúdo da fé através da comunidade eclesial e deve auxiliá-la também na transmissão dessas verdades.

2.2 FÉ E ERA DIGITAL

A fé está sempre comprometida com o ambiente cultural em que é vivenciada. Por esse motivo, a definição da experiência de fé na Era Digital é bastante difícil, posto que implica em uma análise das transformações antropológicas e sociais que as novas tecnologias vêm provocando. Tentaremos, aqui, descrever as principais características de nossa sociedade e, a partir disso, conseguir a maior clareza possível sobre a forma como as pessoas vivem e expressam sua fé hoje.

Em virtude dos rápidos avanços das tecnologias digitais, vive-se hoje um processo de mudança social e cultural bem acelerado. De fato, mudança é a palavra que melhor caracteriza o atual momento histórico, justamente denominado como a *era da mobilidade*.¹³² Na verdade, as mudanças sempre deram sentido à história humana. No entanto, pode-se ver na atualidade uma particular aceleração e generalização das mudanças, o que torna nossa era um tempo de

¹³¹ Cf. CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. n^{os}: 166-167.

¹³² SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, p. 180-183.

extrema complexidade e liquidez. Essa mobilidade é mediada pela cibernética que se constitui num vasto campo de estudos, pois penetra em muitos setores da vida humana, a ponto de ser possível identificá-la. Identifica-se um conceito de uma cultura ligada ao digital, a *cibercultura*, denominada por Pierre Lévy como o conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensar, valores presentes e atuantes no mundo da internet, (o ciberespaço também é chamado de rede).¹³³ A internet é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores.¹³⁴ Como não se prende em um espaço físico, a cultura nascida a partir dos seus usuários é denominada *cultura virtual*, a qual se propaga com uma rapidez nunca vista, por ultrapassar os limites do tempo e do espaço. É por isso mesmo que ela carrega a característica da *universalidade*. A internet é um novo contexto existencial, não um lugar específico no qual se entra em algum momento para viver *on line* e do qual se sai para entrar novamente na vida *off line* afirma Antônio Spadaro¹³⁵ “Para ele a internet não é um simples instrumento de comunicação que se pode usar ou não, é um novo modo de estar no mundo”. É um ambiente cultural, que determina um estilo de pensar, contribuindo para definir um modo peculiar de estimular a inteligência e de estreitar as relações, e mesmo um modo de organizar o mundo. Pode-se dizer que a internet não é um “novo meio de evangelização”, mas, antes de tudo “um contexto no qual a fé é chamada a exprimir-se não por uma mera vontade de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens”. Ao contrário da cultura televisiva, ela não descontextualiza seus conteúdos, não os tornam neutros para agradar uma faixa de público. Pela mesma razão, não se submete a leituras ideológicas e totalizantes. Seu universal é totalizável, não implica um “fechamento semântico”.¹³⁶

¹³³ LÉVY, P. *Cibercultura*, p. 17.

¹³⁴ O termo ciberespaço especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (Ibid., p. 17).

¹³⁵ SPADARO, Antônio. *Palestra*. In: SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO PARA OS BISPOS DO BRASIL Realizado em Aparecida, São Paulo, 14, 15, 16 jul. 2011. (Editor da *Revista La Civiltà Cattolica*).

¹³⁶ A palavra semântica é formada do grego *semânô* (significar), derivado de *sema* (sinal), que corresponde a sentido. Semântica é tudo o que se refere a um sinal de comunicação e tudo o que se refere às palavras. Semântica é o estudo da função das palavras, função de transmitir sentidos e significados relativos a um conteúdo. Para Pierre Lévy, o fechamento semântico quer explicar que o significado da mensagem deve ser o mesmo em toda parte, hoje e no passado. Este universal é indissociável de uma visada de fechamento semântico. Seu esforço de totalização luta contra a pluralidade aberta dos contextos atravessados pelas mensagens, contra a diversidade das comunidades que os fazem circular. Da invenção da escrita decorrem as exigências muito especiais da descontextualização dos discursos. A partir desse acontecimento, decorre o domínio englobante do significado, a pretensão ao “todo”, a tentativa de instaurar em todos os lugares o mesmo sentido. No universal fundado pela escrita, aquilo que deve se manter imutável pelas interpretações, traduções, difusões, conservações, é o sentido (Ibid., p. 113 ss).

2.2.1 Cultura Digital e Cristianismo

Num primeiro olhar, a *cultura virtual* é positiva, pois ela indica um universal mais rico, mais interconectado, mais interativo. Contudo, esse universal não dispõe de uma linha diretriz ou de um critério que organize a enorme massa de dados, ou assegure a veracidade do material oferecido, apresenta-se como um meio um tanto caótico, sem garantia de credibilidade, onde cada internauta expressa e defende suas opiniões como as mais verdadeiras, correndo-se o risco do relativismo. Com efeito, nesse ciberespaço o ser humano goza de enorme liberdade na escolha dos dados, no envio de opiniões pessoais, na defesa dos seus valores, como talvez em nem um outro espaço social. Essa liberdade, evidentemente, afeta a compreensão da fé que a cultura virtual tem e atinge, sobretudo, os preceitos mais dogmáticos presentes nas religiões, especificamente na Igreja Católica. Considerou Antônio Spadaro: o desafio para a igreja não é o modo de usar bem a rede, “como se acreditava”, mas “como viver bem o tempo da rede”. “A Rede coloca desafios muito significativos para a compreensão da fé cristã. A cultura digital tem uma reivindicação a fazer ao homem mais aberto ao conhecimento e aos relacionamentos”.¹³⁷

Convém, realmente, confrontar a fé cristã com a realidade da cibercultura. O Cristianismo também se compreende universal ao oferecer um sentido a toda a realidade e a toda a História. Mas enquanto oferecido na liberdade, não é um universal imposto, e enquanto respeita a diversidade cultural não é um universal que generaliza e descontextualiza, embora em sua história nem sempre tenha sido assim. Outro ponto importante é que a fé cristã caracteriza-se pela comunidade eclesial. A mesma existia antes ainda dos textos sagrados, pois manifesta justamente o que experimentaram os primeiros cristãos ao seguirem Jesus Cristo. A própria vivência que os primeiros cristãos tinham na comunidade e a partilha dos bens é real. No mundo da internet, a comunidade desaparece e tudo depende do indivíduo. Há busca, interpretação e uso de dados oferecidos, sem nenhum controle. Abrem-se possibilidades de leituras unilaterais, ou até mesmo de incompreensões. Encontramos uma característica central de nossa sociedade atual que afeta a vivência da fé na atual sociedade digital: o individualismo. O envolvimento com as técnicas e a imposição de um universal que tolhe a liberdade do ser humano leva, no campo religioso, a uma fé com características de individualismo. Percebe-se que com o desenvolvimento da internet nasce uma nova vivência e novas manifestações de fé. Isso ocorre por meio de micro alterações que se caracterizam

¹³⁷ SPADARO, Antônio. *Palestra*. In: SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO PARA OS BISPOS DO BRASIL Realizado em Aparecida, São Paulo, 14, 15, 16 jul. 2011. (Editor da *Revista La Civiltà Cattolica*).

como evolução *antropotecnocomunicacional*.¹³⁸ A possibilidade de interação em sites e em outras ferramentas pelas redes sociais leva o ser humano a tornar-se condutor de sua própria fé. Além disso, o foco das tecnologias digitais opera um deslocamento espacial¹³⁹ da experiência de fé. Nesse novo espaço vive-se distante de uma comunidade física real e a experiência de comunidade dá-se apenas no virtual; que, por outro lado, permite a formação de comunidades bem mais amplas que as possíveis dentro de um espaço real. Um exemplo: uma celebração feita no outro lado do mundo pode agora assistida no quarto, pela TV ou a pessoa pode acessar e assistir missas gravadas e arquivadas num site e não se questiona sobre o tempo real ou o espaço presencial. Alguém pode ver a missa da Páscoa passada em pleno mês de dezembro.

A forma cibernética de experimentar a fé vivida por pessoas materialmente distantes umas das outras não é de todo negativa. É preciso notar que as novas interações possibilitadas pela internet criam também uma nova configuração comunitária. A comunidade de fé não desaparece; porém, o fiel conectado dirige-se à comunidade virtual para nela compartilhar sua vida. O “fiel-internauta” vive uma experiência de fé sem uma presença objetiva, mas com uma ausência objetiva do outro (seja pessoa ou lugar de culto), o que, nem por isso caracteriza uma fé isolada ou *individualista*.¹⁴⁰ A fé na Era Digital depara-se com atos e práticas desenvolvidas pelo fiel que interage com o sistema em busca da construção de sentido. Portanto, constroem-se sentidos para a fé, não mais em catedrais de pedras e sim na “vasta catedral da mente”¹⁴¹ que se atualiza no espaço virtual. Se por meio dos sinais sensíveis da liturgia e da corporeidade é possível ver, ouvir, tocar e ser tocado pelo mistério divino, até que ponto o ambiente de seus novos sinais sensíveis, agora com uma materialidade digital própria, possibilita também uma vivência holística (corpo/mente/coração/espírito) das ações litúrgicas, em que se possa ver, ouvir, pronunciar, sentir, aspirar, tocar as linguagens simbólicas que expressam o mistério divino?¹⁴² Vê-se, portanto, que os vínculos tradicionais do fiel com a Igreja e seus rituais são desconstruídos historicamente, espacial, temporal e até mesmo liturgicamente. Logo, pode-se perceber nesse movimento todo, luzes e sombras e qualquer conclusão, por enquanto, é provisória.

¹³⁸ Cf. SBARDELLOTTO, Moisés. E o verbo se fez bit uma análise da experiência religiosa na Internet. *Cadernos IHU On-line Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 35, p. 47. Disponível em: <<http://migre.me/4zX61>>. Acesso em: 25 maio 2011.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 47.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 50.

¹⁴¹ Cf. CASEY, C. Symbol and Ritual Online. In: XCIV CONVENÇÃO ANUAL DA NATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION. San Diego. *Revista do Instituto Humanitas*, ano 9, n. 35, p. 50.

¹⁴² Cf. BUYST, Ione. Alguém me Tocou! Sacramentalidade da Liturgia na *Sacrosanctum Concilium* (SC). Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 176, p. 4-9, jul.-ago. 2003.

2.2.2 Lógica midiática e fé cristã¹⁴³

O que importa realmente ressaltar é que algumas manifestações presentes em nossa sociedade tornam evidente a revolução que está movendo toda existência. Como em outras épocas, são ondas e movimentos que marcam a história. Não se sabe exatamente para onde vão levar; o que se pode evidenciar são algumas características que têm forte incidência sobre a forma como se vive e se define a fé atualmente. São elas: o predomínio da linguagem visual, a pretensão do fator econômico e a tendência de homogeneizar os conteúdos.

Com relação à linguagem visual, pode-se ver que grande parte do fascínio e do sucesso das emissões televisivas está na facilidade de captar a comunicação feita através das imagens. O acelerado ritmo de vida das pessoas e o conseqüente cansaço e redução do tempo disponível, favorecem o apelo à “lei de menor esforço”, propiciando certo domínio da comunicação sobre os sentidos.

De fato, encontra-se na cibercultura uma informação que dispensa a atitude reflexiva e crítica, que não contextualiza os acontecimentos e tende a ser superficial, repetitiva, objeto de consumo, podendo também ser etiquetada como entretenimento. Tal linguagem desanima exposições mais sérias que exigem mais tempo e temas complexos são simplificados e facilmente assimiláveis, ficando no silêncio suas verdadeiras causas, sejam elas de cunho religioso, cultural, social, econômico ou político. Pode-se dizer que a leitura midiática descontextualiza e reelabora em sua ótica, também os temas religiosos, podendo reduzi-los a entretenimento. Com isso, a proclamação cristã dos conteúdos essenciais da fé corre o risco de se tornar prisioneira do estilo meramente informativo, perdendo sua característica fundamental de apelo à liberdade para a conversão ao Evangelho e um compromisso com o próximo. Não se nega o impacto das imagens, apenas se questiona seu efeito real na vida das pessoas.

A questão econômica aponta para o alto custo das emissões nos espaços visuais, o que exige patrocinadores que somente se interessam por um público cada vez maior, que compense o investimento feito, através do sucesso de venda de produtos anunciados. Nisso percebem-se os índices de audiência que ganham uma importância desmesurada, gigantesca e se tornam a preocupação principal dos que trabalham na mídia. Identifica-se que essa mentalidade age como uma censura camuflada, eliminando ou transformando informações de peso ou produções de boa qualidade. Priorizam-se programas que garantem bons dividendos,

¹⁴³ FAUSTO, A. N. *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008.

mesmo que sejam propagadores de valores duvidosos. A luta pelo público por parte dos diversos canais de comunicação pode levar tais programas a níveis lamentáveis.

O domínio do valor econômico sobre todos os outros é visto na supervalorização do consumismo como estruturador de valores. As pessoas se identificam com as coisas, pois acreditam que tudo o que elas possuem e consomem é o que lhes dá a identidade. Como bem evidencia Leomar Brustolin “tudo se transforma em *coisa*, mas os objetos de consumo determinam quem são as pessoas. Tudo torna-se *mercadoria*: Deus, o ser humano, a terra, as sementes e até a vida”!¹⁴⁴

Acerca desta problemática tão atual, Gilles Lipovetsky, declara:

[...] o império do consumo e da comunicação gerou um indivíduo desinstitucionalizado e operacional, disposto, em todos os planos, a ter direito de dirigir a si mesmo. [...] Os lugares tradicionais de sociabilidade (trabalho, Igreja, sindicatos, cafés) cedem, por toda parte, terreno ao universo privatizado do consumo de objetos, de imagens e de sons.¹⁴⁵

Outra característica presente em nossa sociedade é a homogeneização dos conteúdos transmitidos pela *mídia*. Pelo fato de se dirigir sempre para um grande público, a mídia tende a padronizar suas emissões para atingir a todos. Logo tende a reproduzir ideologias e valores culturais dominantes. Dá-se prioridade ao sensacionalismo, ao chocante, ao extraordinário, sem explicações acerca das verdadeiras raízes da vasta problemática social. O que é apresentado passa por um complicado processo de seleção e construção de imagens. O acontecimento só se torna notícia quando se vê transformado num produto noticiável. Trata-se sempre de uma realidade construída.

É nessa lógica que se insere a fé vivida pelas pessoas que costumam usufruir dos modernos meio comunicacionais para cultivar o aspecto religioso de sua vida. Assim, os espaços criados nos meios de comunicação para temas religiosos, recebem o mesmo tratamento sensacionalista. Também eles serão traduzidos numa versão *soft*, universal, que enfatiza o informativo e atrofia o interpretativo. O Evangelho, contudo, não é apenas informação, mas também interpretação e autocomunicação de Deus. Por isso, a evangelização que se realiza conforme a mentalidade “índice de audiência” corre o risco de se ver reduzida a um produto de consumo. Afetada pelo sensacionalismo, o emotivo, o chocante, acaba a mídia por consagrar a Igreja-espetáculo, deixando em silêncio elementos mais importantes da vida

¹⁴⁴ Cf. BRUSTOLIN, Leomar A. *Deus como mercadoria na era digital*. Disponível em: <www.catedraldecaxias.org.br>. Acesso em: 27 maio 2011.

¹⁴⁵ LIPOVETSKI, G. *Metamorfose da cultura liberal: ética, mídia e empresa*, p. 71.

cristã: como a fé viva, a oração, as obras de caridade, o esforço missionário, as renúncias cotidianas.

O maior perigo que a lógica midiática representa para a fé cristã é a supressão da verdade. Isso porque a linguagem das imagens pode distorcer a integridade dos fatos apresentados. Aceita-se as imagens como fiel representação da realidade, sem se discernir se são realmente verdadeiras.¹⁴⁶ Em função dessa tendência da linguagem midiática e diante das exigências essenciais da proclamação do Evangelho, torna-se à primeira vista, bastante improvável a inculturação da fé na linguagem midiática enquanto não houver nela mudanças substanciais. Como visto, a linguagem televisiva deturpa a verdade; quanto para a internet vale o pensamento de alguns: o conteúdo é cristão, mas o *software* que o transmite tem sua lógica que pode reduzir ou até deformar a mensagem. Mesmo assim, dada a importância que esses meios de comunicação assumiram não se pode negar: de qualquer modo, o Evangelho, a Igreja, deve aprender, embora criticamente a linguagem midiática.

O Evangelho necessita da linguagem midiática para ser proclamado, pois esta linguagem condiciona fortemente a atual cultura. “Vivemos com a mídia e pela mídia”.¹⁴⁷ Pode-se dizer que a mídia audiovisual constitui o material básico dos processos de comunicação, fornecendo símbolos, induzindo comportamentos, afetando inconscientes, privilegiando temáticas. Como bem lembra Marshal McLuhan, o meio é a mensagem porque configura de certo modo as ações e associações humanas.¹⁴⁸ A mídia se apresenta como o palco dos acontecimentos e das realidades na sociedade. Hoje, gastam-se fortunas na publicidade, porque “não estar na mídia é como não existir”. Portanto, no âmbito da fé, a presença na mídia representa um importante respaldo social para a crença do indivíduo.

2.2.3 O kerigma e a mídia

Aproximar nossa reflexão do conceito de cultura parece pertinente, posto que ela fornece a identidade, plasma as estruturas mentais do ser humano, configura a afetividade e capacita a construir sentidos e a interpretar a existência. É ela que constitui a vida social antropológica e fornece orientações que modelam o comportamento. A cultura não é algo separado da normatividade da vida social e não é só representação, mas também ação. Como

¹⁴⁶ SEQUERI, P. Comunicazione, fede, cultura. Rassegna di teologia, n. 40, 1999. In: MIRANDA, M. F. *Existência cristã*, p. 835.

¹⁴⁷ CASTELLS, M. *A sociedade em rede*, p. 358.

¹⁴⁸ MCLHUAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*, p. 23.

também o ser humano não é apenas conhecedor, mas é ator cultural. Assim, a presença em todos os aspectos da vida atual dos meios digitais, fornece ao humano uma realidade e um *ethos* correspondente, que afeta o imaginário, muda o comportamento, localiza as preocupações e estimula as próprias aspirações humanas. Afirma Joana Puntel falando das transformações

[...] que existe uma mudança de época [...]. Vivemos uma época da história com sinais evidentes de transição. Em tais momentos, o ser humano passa sempre por uma sensação de vazio, de falta de senso e de normas, de incertezas e de crises permanentes [...]. Estamos passando por uma grande mutação cultural.¹⁴⁹

No dizer de João Paulo II, a mídia audiovisual representa o “principal instrumento de informação e de formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais”.¹⁵⁰ Logo, vê-se que o que está aí não é um meio neutro, mas uma fonte real de significados e atitudes, de estímulos e metas; numa palavra: uma cultura. Nesses novos espaços a fé atual se insere, manifesta-se e é vivida por muitos.

Com efeito, pode-se dizer que a cultura cibernética, abre um campo vasto, como nunca visto, para a proclamação cristã: um auditório imenso. Mas não se pode garantir que essa proclamação não sofra deturpações e mutações. O importante é que o *querigma*¹⁵¹ seja captado como interpelação à liberdade do indivíduo e não apenas como objeto de conhecimento e curiosidade. O objetivo desse processo comunicativo é sempre levar a pessoa a uma experiência salvífica plenificadora e significativa. Essa mensagem, porém, nem sempre é devidamente experimentada e testemunhada nas comunidades virtuais. Uma consequência é a crise da esperança, uma das marcas da atual sociedade pragmática e utilitarista. Os vínculos nascidos nas comunidades virtuais têm pouca consistência e solidez e o consumismo e o hiperindividualismo afetam boa parte da humanidade. A busca da fé se dá de forma

¹⁴⁹ PUNTEL, J. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*, p. 85-86.

¹⁵⁰ Cf. JOÃO PAULO II. *Encíclica Redemptoris Missio*, n. 37, p. 63.

¹⁵¹ “A fé no Querigma é a identidade do cristão. De fato a identidade cristã se define pelo fato da Encarnação. A Trindade decide a Redenção do gênero humano, e por esta decisão o Pai entrega o seu Filho ao mundo, com muito amor, afirma o evangelista João (3,16). Esta decisão afeta profundamente nossa identidade cristã. O que recebemos, pela fé, o conhecimento desta decisão de Deus é sermos uma parte da humanidade, mas responsável por comunicar a todos a verdade da Redenção. E o fazemos reconhecendo na pessoa de Jesus, o Filho de Maria, o enviado de Deus. Portanto, nossa identidade estará marcada pela referência a Deus como Pai de Jesus e nosso Pai: é uma identidade religiosa marcada pela filiação e, portanto, pelas relações com Deus totalmente opostas às do medo, da justiça vingativa, do fanatismo. Estabelece-se, pois, um modo de relação de paz, de bondade, de compreensão, que se une à identidade humana e nos une a todos os seres humanos da Criação. Pertence à identidade cristã não somente o reconhecer em Cristo a “humanidade de Deus”, mas também a “humanização do mesmo ser humano”, de modo que a identidade cristã se abre, por um lado, à transcendência de Deus (de caráter metafísico) e de outro à transcendência do desumanizado (de caráter sócio-histórico). A primeira transcendência pode ser superada pela iniciativa divina, e isto acontece na Encarnação. A segunda depende da liberdade humana” (Cf. PUNTEL, J. *Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática*, p. 168-170).

fragmentada, pois hoje não se aspira mais a totalidade. Isso leva o ser humano a pensar que basta-se a si e não precisa de alteridades. Em função da comunicação construída nos sentidos, percebe-se que a fé vivida por boa parte dos cristãos não é suficientemente comprometida com o testemunho do Evangelho porque carece de referenciais básicos de discernimento. A cultura midiática valoriza o espetáculo e a satisfação de necessidades ou desejos e essas parecem ser também as referências de grande número de expressões da fé presentes na mídia, tais como curas, milagres e *shows* religiosos.

Pode-se dizer que a razão e a liberdade se desvincularam de Deus para tornarem-se autônomas na construção do reino do homem, contrapondo-se ao Reino de Deus. Nisso identifica-se a falência histórica das esperanças sociais, a desilusão, a crise de sentido, a depressão e o cansaço psicológico que caracterizam o indivíduo e até a sociedade atual.

No entanto, o ser humano não se basta e sempre quer encontrar-se com o divino. Essa procura intrínseca provém de sua origem em Deus. A capacidade de acolher o dom da fé faz parte da constituição humana, pois é uma característica inegável e inerente ao ser humano, mesmo quando envolvido pelas tecnologias comunicacionais, que criam uma situação sócio-cultural dita por alguns como era do pós-humano.¹⁵² Nesse novo modo de ser insere-se o real, mas também o tecnológico, o virtual.

É preciso notar que o conceito de pós-humano emergiu ao lado da revolução digital e da cibercultura. Pode-se dizer que o ser humano, mesmo envolto por máquinas e assumindo, por vezes, comportamentos de máquina, ainda necessita de Deus e o procura, mesmo de forma confusa, e que a fé cristã continua viva nos sujeitos sociais caracterizados pela cultura midiática.

Por fim, é significativo ver nos Evangelhos que o desafio mais profundo que Jesus propôs aos que queriam segui-lo foi a *transformação*. No Evangelho de João, Nicodemos interpela Jesus ressaltando que ele é um ‘*Mestre vindo da parte de Deus*’ e que não poderia fazer os sinais que fazia, ‘*se Deus não estivesse com ele*’ (cf. *Jo* 3,4ss). A resposta de Jesus não está focada nos milagres, mas na transformação da vida. Jesus pergunta: *que é mais fácil dizer ao paralítico: os teus pecados estão perdoados ou levante-se, pegue a sua cama e ande?* (*Mc* 2,9). Será que no mundo de hoje também não se opta pelo mais fácil, por um Jesus milagreiro, curandeiro? Ou se optaria por um Jesus que transforma o interior do ser humano?

¹⁵² SANTAELLA, L. esclarece o conceito de pós-humano que emerge com a revolução digital e a cibercultura. Trata-se de um conceito que tem buscado enfrentar os dilemas que as interfaces entre seres humanos e máquinas inteligentes estão trazendo para a fisiologia, a ontologia, a epistemologia do humano (Cf. SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, p. 70-71).

O crescimento na fé é um processo contínuo como qualquer conhecimento humano. Desenvolve-se com reflexão, cultivo pessoal, oração e encontro com a Palavra de Deus e interpretação da realidade. Isso demanda tempo, discernimento, confronto, especialmente nas relações com as outras pessoas. Reconhecer isso não significa negar a graça divina, mas abrir-se para incorporá-la nas vivências humanas do cotidiano'. Ora, as transformações sempre se apresentam carregadas de possibilidades e limites. Não há como negar que estamos em outra era, com outros fenômenos. Mas a essência do espírito cristão continua vivo, mesmo que muitas vezes sufocado pelo fascínio e colorido propiciados pelas criações humanas, tal como são as tecnologias digitais.

Identificar teoricamente todo o movimento de conversão, transformações e mudanças que a fé atual vive, imersa em tantos desafios reais é significativo, mas para maior compreensão e vivência da fé experimentada na Era Digital partiu-se para uma pesquisa de campo que traz compreensão e interpretação do fenômeno, como também identifica dados mais concretos da realidade evidenciada. A pesquisa permite observar melhor os fenômenos acima descritos e dá acesso a diferentes aspectos da presente reflexão.

3 A EXPERIÊNCIA DE DEUS NA ERA DIGITAL: A PESQUISA

A pesquisa foi realizada com estudantes de Teologia de Porto Alegre (RS) em três instituições: Faculdade de Teologia da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul); curso de graduação em Teologia da Unilasalle (Universidade La Salle) e curso de graduação em Teologia da ESTEF (Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana). Os entrevistados são pessoas de diferentes partes do Brasil, alguns fazem o curso de Teologia no período de férias na ESTEF. Têm idades entre 20 e 40 anos e são seminaristas, religiosos e leigos. Há 12 homens e 5 mulheres, sendo um deles natural do Haiti.

O objetivo da pesquisa foi recolher respostas acerca da questão: de que forma os modernos meios de comunicação da atual era digital influenciam os atos de falar com Deus e de escutar Deus? A todos os entrevistados, num primeiro momento, foi apresentado o objetivo da pesquisa e solicitado que assinassem o termo de consentimento.¹⁵³ Foi-lhes encaminhado via e-mail, o questionário, com sete perguntas.¹⁵⁴ Um fator limitante da pesquisa pode ser o fato de todos os entrevistados estarem ligados a grupos de Teologia e serem todos católicos. Por outro lado, trata-se de um público que busca uma relação de diálogo com Deus. Pessoas que não tem essa busca, evidentemente, não interessariam para o nosso objetivo. Se a delimitação constitui um limite, a precisão do grupo permite focar bem o objetivo das entrevistas.

A pesquisa qualitativa, seguiu as orientações da obra *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, de Martin W. Bauer e George Gaskell.¹⁵⁵ Segundo estes autores, a pesquisa qualitativa: “refere-se à entrevista do tipo semi-estruturada com um único respondente (a entrevista em profundidade) é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada”.¹⁵⁶

Optamos pelo método qualitativo por ser mais pertinente para a identificação do fenômeno religioso que nos propomos analisar, posto que sua metodologia favorece o conhecimento antropológico social dos entrevistados, seu meio cultural, sua linguagem, seu comportamento e o seu *ethos*. Os autores do método confirmam: “o mundo social não é um

¹⁵³ Ver Termo de Consentimento (ANEXOS A e B).

¹⁵⁴ Ver Questionário com sete perguntas (APÊNDICE A).

¹⁵⁵ BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2010.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 64.

mundo dado natural, sem problemas: ele é ativamente constituído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condição que elas mesmas estabelecem”.¹⁵⁷

A pesquisa qualitativa permite que a pessoa fale sobre o que é importante para ela e como pensa suas ações e as dos outros. Ela evita números e lida com interpretações das realidades sociais. É considerada uma pesquisa que favorece mais conhecimento e maior profundidade. É vista como maneira de dar poder e voz às pessoas, sem tratá-las como objetos.¹⁵⁸ Isso favoreceu a pesquisa, posto que não se procurou coletar opiniões em quantidade, “mas, ao contrário, explorar as diferentes representações sobre o assunto em questão”.¹⁵⁹ Bauer e Gaskell ressaltam a pesquisa qualitativa como um olhar para as pluralidades dentro da sociedade.

Ver a realidade e analisar as respostas de cada respondente foi o método aplicado aos resultados da pesquisa. Tentou-se observar as opiniões dos entrevistados e intuir algo além do literalmente expresso. Essa teia foi tecida num trabalho manual de operação estabelecida de analogias e categorizações.

A seguir apresenta-se uma síntese das respostas colhidas em cada questão. Os trechos em itálico são transcrições literais das respostas.

3.1 ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS

Primeira questão: Qual a sua relação com a Igreja Católica?

Percebe-se diferentes maneiras de relacionamento com a Igreja, algumas pessoas o fazem através de sacramentos e participação na comunidade, nos encontros com a Palavra de Deus ou junto às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Outras se relacionam por meio de encontros com as pastorais e serviços. Algumas assinalam terem sido *educadas na fé de modo mais ativo desde criança com os pais*. Constata-se que a relação mais profunda vem da própria família, por ser religiosa e participante na vida eclesial. Os consagrados afirmam que por meio da Congregação Religiosa são participantes da Igreja.

Para os seminaristas a forma de participação na Igreja é a atuação em comunidades e, de modo especial, nas formações para catequistas e agentes de pastorais. Alguns entrevistados

¹⁵⁷ BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, p. 65.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 21-30.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 68.

dizem ter uma relação com a Igreja identificando-a como o centro de sua própria vida, pois nela encontram os ensinamentos bíblicos e os mistérios da fé cristã.

Evidencia-se que a relação com a Igreja é muito integrada no compromisso entre fé e vida.

Segunda questão: De quais práticas religiosas você participa?

Há uma variedade de práticas expressas pelos respondentes, tais como: *celebração da Eucaristia, liturgia das horas, recitação do terço, leituras espirituais, retiros e prática dos sacramentos*. Destaca-se o envolvimento com grupos de paróquias, dioceses e pastorais.

Concluindo, percebe-se que as práticas são diversificadas. Mas a mais forte é a participação na celebração Eucarística.

Terceira questão: Como você costuma escutar Deus?

Esta pergunta nos interessa sobremaneira na dissertação. É expressivo constatar que 13 dentre os 17 respondentes, afirmaram escutar Deus através do silêncio; nos momentos de oração pessoal a sós; nas celebrações vividas em comunidade e no encontro com a Palavra e com a Eucaristia. Para alguns, a escuta de Deus também se faz presente nos momentos de atividades sociais.

Há quem considere a família como o espaço onde aprenderam a escutar Deus. *Aprendi com meu pai a cultivar a consciência da presença permanente de Deus em minha vida. Repetia-se um refrão sistematicamente: 'Tudo em nome de Deus'. E toda hora era hora de orar.* – afirmou uma pessoa. Outra escreveu: *pela manhã, com a leitura dos textos bíblicos e do Jornal procuro disponibilizar-me ao Espírito*. Há os que dizem que a escuta de Deus ocorre na atenção aos sinais dos tempos e no discernimento sobre a sua presença atuante no meio do povo.

Outros entrevistados afirmaram perceber que a escuta de Deus se dá através da história vivida, celebrada e transmitida por tantas pessoas que viveram e testemunharam sua experiência anteriormente. Também os espaços da missão no convívio com as pessoas são percebidos como lugares da escuta de Deus. Os mais envolvidos em questões sociais, escutam Deus junto aos mais empobrecidos, nas experiências de dor e de sofrimento ou nos momentos de alegria, de felicidade, de harmonia e de paz.

Alguns dizem que a escuta de Deus se dá ao contemplar toda a criação e a caminhada na história do povo de Deus. Merece destaque a escrita de um jovem: *Escuto Deus na vida de maneira mais intensa. Ter chegado aonde estou hoje certamente não é por acaso, mas sim por inspiração é por ouvir alguém maior.* Outros responderam ser difícil delimitar as circunstâncias da escuta, pois não há um tempo, muito menos um lugar para perceber a presença de Deus. Um respondente, afirmou que: *tudo o que nos circunda carrega os sinais da presença de Deus. Inclusive as mídias sociais podem ser meio para se ouvir a voz de Deus.* Embora reconheça ser a oração o lugar primordial por excelência para escutarmos a voz de Deus, ressalta que *às mídias, e as novas tecnologias não podem ser condenadas, pois, se bem utilizadas, também podem auxiliar na comunicação com Deus. Creio que através destes meios podemos também ouvir Deus.*

Quarta questão: Como você costuma falar com Deus?

Também esta questão é importante para o conjunto de nossa pesquisa. Alguns responderam que falam com Deus como se falassem com um Pai íntimo, na certeza de que Ele os conhece muito mais do que eles mesmos. Falam tanto em palavras quanto em sentimentos. Outros falam pela contemplação de todos os seres criados ou pela oração comunitária e pessoal.

Em algumas respostas isso ocorre nos momentos de oração pessoal, no encontro com a Palavra ou nos momentos de desafios do cotidiano. Por isso, fala-se com Ele ao experimentar e contemplar a sua presença as coisas criadas, e na comunidade. Para outros, falar com Deus é sentir sua presença como Guia, Mestre, Força e a Ele entregar a missão cotidiana. Contata-se, em outras respostas, que falar com Deus implica abertura de coração para amar e deixar-se amar, permitindo que o seu amor fale através da vida do respondente. Alguns dizem que procuram relacionar-se com Deus diariamente e com Ele compartilham vivências pessoais, deixando de fazer isso só quando o cansaço ou a distração os impede. Outros reconhecem ser uma grande ajuda a vivência da comunidade e que verbalizar é uma necessidade do ser humano, e assim dela se comunicam com Deus.

Percebe-se que a experiência de falar com Deus exige a capacidade de abrir-lhe espaço e tomar consciência de sua presença que pode ser percebida por meio da relação com o outro, com as coisas e com a criação. Vale destacar a seguinte resposta:

Ele vai se revelando com toda a beleza do nascer ao pôr do sol através de suas obras e de sua Palavra. Com Ele, Por Ele e Nele o ser humano pode mergulhar no seu íntimo mais íntimo e verdadeiro, nas diferentes dimensões, de modo especial na dimensão da espiritualidade, por ser a morada do sagrado.

Outro respondente escreveu:

Tenho me dado conta de algo novo, que mexe muito, assusta um tanto, mas percebo como o que pode me levar a fundo: Permitir-me ser encontrado por Deus nos e pelos pobres, meus redentores. A oração de Helder Câmara, 'Lázarus', tem me ajudado a perceber esse momento, que reescrevo todos os dias. 'Lázarus, não vos deixeis enxotar por ninguém, nem por mim. Insisti e adentrai os nossos espaços (Associações, capelas, escritórios, gabinetes, locais de trabalho, casas...) e, sobretudo, os nossos corações. Desacomodai-nos, inquietai-nos. Trazei-nos a face desfigurada de Cristo de que tanto precisamos. Tantas vezes, sem o sabermos e sem o crermos. Eis-me. Amém!'

Quinta questão: *Com que frequência você acessa sites religiosos?*

Há quem acesse todos os dias, outros, só algumas vezes por semana, outros, ainda, raramente. Boa parte dos respondentes acessa sites religiosos como ZENIT, Vaticano, CEBI, site de dioceses ou das congregações religiosas. Três pontos chamaram atenção nessas respostas. a) um seminarista diz: *Antes de entrar no seminário, na época em que tinha mais tempo livre, acessava praticamente todos os dias os sites religiosos;* b) o acesso frequente a alguns sites ecumênicos; c) Um dos respondentes destaca que costuma receber mensagens religiosas pelo correio eletrônico que lhe têm feito muito bem.

Sexta questão: *Que tipo de acesso você faz? O que procura?*

Entre as falas destaca-se: a procura para conhecer melhor a própria fé como também de um maior nível de espiritualidade. A busca se dá em sites religiosos tais como o dos Monges Cartuxos ou o das irmãs Carmelitas Descalças. Outras pessoas buscam mais os sites da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos Brasil) ou da Editora e TV Canção Nova, dentre outros, para enriquecer-se de conteúdos úteis em celebrações ou na catequese. Há quem busque na internet modelos de devoções populares, pesquisas de conteúdos para os trabalhos acadêmicos ou sites bíblicos, de textos e reflexões sobre gênero, juventude, espiritualidade, liturgia, ecumenismo, Teologia, fé e Política e outros temas.

Alguns entrevistados buscam ainda sites que discutem temas polêmicos e procuram opinar nos espaços interativos e participar desses debates virtuais.

Sétima questão: Como esses acessos influenciam a vivência de sua fé no cotidiano? Eles mudam a sua relação de escutar e falar com Deus? Como?

Constata-se, em pequena proporção, que a internet e a cibercultura em seu todo, influenciam a vida de fé. Alguns entrevistados evidenciaram uma ou outra experiência que ajudou quando queriam conhecer algo mais para crescimento da fé. Nesses casos, pesquisaram a respeito da comunidade monástica ou procuraram textos de espiritualidade. Em um dos relatos o respondente mostra que a relação de escutar Deus e falar com ele, melhorou devido ao conhecimento da fé adquirido pela pesquisa nos meios virtuais.

Para outros, a internet fornece conteúdos que qualificam a relação com Deus como também a atividade pastoral. Alguns dizem que a rede virtual se torna uma ferramenta essencial para articulação de setores da Igreja, sobretudo da juventude. Outros afirmam que a internet é ferramenta de atualização que alarga o campo para novos conhecimentos. Os acessos auxiliam a atualização das informações sobre a sociedade e o mundo. Percebe-se que os *sites* cristãos não só influenciam como ainda, fortalecem a fé e permitem entrar no mundo digital que também é campo de atuação do Espírito Santo, pois, conforme a linguagem analógica do próprio Jesus, o Espírito “sopra onde quer” (cf. Jo 6). Outros entrevistados afirmam ainda que na ambiência da internet ocorre um compartilhamento de ações, orações e experiências de fé, todas elas fundamentais para a vivência e o testemunho, seja no âmbito pessoal, como também na comunidade de fé real. Por fim, ficou evidente nas respostas que, segundo a opinião dos entrevistados, a internet é sem dúvida, campo de atuação cristã e de missão. Pode-se dizer que são novas maneiras de se falar com Deus hoje. Poucos dizem que os acessos não influenciam ou que exercem pouca interferência em sua vida de fé.

Logo, merece destaque o que alguns responderam:

A internet até pouco tempo atrás era satanizada por muitos cristãos que tinham uma fé sincera, mas ao mesmo tempo, sentiam medo de não resistirem aos apelos do mundo virtual. Hoje, cada dia mais, estes meios novos da comunicação tem-se tornado ferramentas para a evangelização e a pastoral na Igreja.

Um dos entrevistados, porém, advertiu que não basta a Igreja ocupar espaço nos meios da cultura midiática. Ela precisa apresentar os conteúdos da fé com clareza, de modo que as pessoas sejam de fato evangelizadas e entrem livremente no processo de transformação e amadurecimento que requer compromisso real e mudança de vida. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que as redes digitais são um novo lugar de evangelização.

Além de darem acesso à comunicação e à notícia em tempo real, as redes sociais, os *sites* e outras ferramentas do cibercultura disponibilizam muitos conteúdos bons para reflexão. Portanto, vistas sob o aspecto da experiência de fé, não é errado dizer que elas auxiliam na comunicação com o Pai, porque não é só na oração contemplativa que se ouve a voz de Deus ou se fala com ele, mas também no cotidiano.

De volta à análise dos resultados da pesquisa, vemos que algumas pessoas disseram estar habituadas a localizar na internet bons artigos de teólogos e aproveitá-los para o seu crescimento na fé e maior relacionamento pessoal com Deus. É significativo evidenciar a seguinte resposta:

É preciso ficar com aquilo que é bom e o lixo, deletar. Basta escolher com critérios: selecionar o prestável e deletar o descartável. Os acessos mudam a relação com Deus, pois facilitam a minha própria compreensão de fé. Creio que Deus tem seus filhos sempre em seu seio. Ele nunca os abandona, mas de nossa parte precisamos fazer opções. De acordo com o que vemos e escutamos, começamos a modificar nossas relações com o próximo e com a natureza, reconhecendo a importância de cada um no universo magnífico que nos circunda.

Ao longo dessa pesquisa percebe-se que a fé transcende as tecnologias. E que a necessidade de sintonia com a Revelação divina por meio da fé é intrínseca ao ser humano. Voltando-se à teologia de Bruno Forte que lê a peregrinação humana na terra como um constante êxodo em direção ao advento do Deus que vem ao seu encontro, podemos afirmar de que é possível compreender e experimentar Deus sem excluir a ajuda das linguagens e dos meios de comunicação que caracterizam a Era Digital. A seguir identificar-se-á por meio de algumas categorias evidenciadas a realidade pesquisada com o pensar de Bruno Forte.

3.2 OS DADOS DA TEOLOGIA E DA ENTREVISTA EM DIÁLOGO

Nessa parte da dissertação recuperamos algumas categorias que mais recorreram nas entrevistas e passamos a confrontá-las com a Teologia da Revelação segundo Bruno Forte. Evidenciamos as seguintes categorias da pesquisa: Experiência de Deus, Discernimento, Atualização e Relação.

3.2.1 Experiência de Deus

A experiência de Deus é dom gratuito, oferecido ao ser humano, que, na fé, aberto à graça, acolhe a manifestação de Deus pessoal e comunitariamente. É no humano que ocorre a

experiência de Deus. Pode-se dizer que todo o cristão seja qual for seu estado, é chamado a viver o que se denomina experiência de Deus, a descobrir o fato tão grandioso e ao mesmo tempo tão simples de que Deus se revela e, mais do que isso, deixa-se experimentar. E essa experiência não é unilateral, mas tem duas vertentes e duas vias: Deus mesmo se deixa encontrar pelo ser humano que o busca. Assim, ao mesmo tempo em que propicia a que o ser humano sinta o gosto e o sabor de Sua vida divina, Deus entra por dentro da realidade humana, mortal e contingente, por meio da encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. É o processo que o teólogo Bruno Forte traz presente quando lembra o encontro do êxodo com o advento¹⁶⁰, categorias que ocorrem no peregrinar humano, tanto na experiência de Deus no cotidiano pela fé, como na esperança do encontro definitivo na pátria escatológica onde haverá a comunicação trinitária por excelência que se dá no Silêncio e na Palavra.

No evento trinitário do amor, narrado no evento pascal, início e fim, protologia e escatologia se entrelaçam: a Trindade é a origem e a Pátria, o primeiro e o último (...). Tudo o que veio do Pai pelo Filho no Espírito, na unidade e na liberdade do mesmo Espírito, através da acolhida do Filho, retornará ao Pai.¹⁶¹

O êxodo humano é experimentado até o fim como amadurecimento. A pessoa humana, pela fé e a Graça do Espírito, ‘aprende’ da pessoa de Jesus Cristo - o único gerado pelo Pai, encarnado na realidade humana, morto na cruz e ressuscitado -, o jeito de ser e de amar ‘kenoticamente’. Despojando-se, a pessoa vive cada vez mais profundamente o seu modo mais original e próprio na existência que é ir ao encontro do advento do Deus-amor. A Revelação de Deus em Jesus Cristo é, pois, o fundamento teológico da relação do ser humano com o mundo, pois concede a dimensão cristológica a tudo que é criado e ressalta a dimensão cósmica da encarnação. O procedimento do Deus da fé hebraico-cristã é o Deus do advento, o Eterno que tem tempo para o homem, conforme relata Bruno Forte. Ele abre caminho, acende o desejo, oferece uma promessa sempre maior do cumprimento realizado.

Algumas das pessoas que responderam a pesquisa aplicada na preparação deste trabalho confirmam que a experiência de Deus é uma experiência de fé, que acontece na esfera pessoal e é transformadora no indivíduo, mas implica numa dimensão comunitária. Mesmo assim, ultrapassa o conhecimento, a informação, o meio em si. Bruno Forte apresenta a Trindade como caminho de realização humana,¹⁶² de relação que transcende, mas que se

¹⁶⁰ FORTE, B. *A teologia como companhia, memória e profecia*: introdução ao sentido e ao método da teologia como história, p. 19ss.

¹⁶¹ Idem. *A Trindade como história*: ensaio sobre o Deus Cristão, p. 200 e 202.

¹⁶² Ibid., p. 6ss.

realiza na humanidade, no encontro com a alteridade. É uma relação ética, transformadora, modelo de relação e de comunicação por excelência. É na Trindade que o ser humano encontra o sentido da vida e da própria História. Pois, pelo Pai encontra-se a Origem, o Silêncio, e a fonte de amor; pelo, Filho a Palavra, a experiência extrema do êxodo, a entrega na cruz que é a suprema Revelação do Amor proclamando, no silêncio, a nova aliança, a filiação divina do homem de Nazaré, o Cristo da fé. Bruno Forte evidencia ainda o Espírito Santo como encontro entre o Amado (o Pai) e o Amante (o Filho). O Espírito é o elo entre o Silêncio e a Palavra, a conexão, o ativador do processo e do movimento recíproco entre o êxodo e o advento. É o amor que está disponível ao Silêncio do Pai para, com a Palavra e da Palavra, no Silêncio do êxtase, identificar o lugar da revelação divina na história, pois o Deus da fé bíblico-cristã é um Deus solidário, trino e comunitário. Logo, também em relação ao ser humano, pode-se dizer que é o encontro do Amante com o amado no amor.

Identifica-se na pesquisa que muitos dos entrevistados já trazem a experiência de Deus que vem de uma família, grupo eclesial onde compartilhava-se a fé e vivia-se mais em comunidade. Hoje com a troca de paradigmas e “modelos tecnológicos comunicacionais” identificam-se outros vértices que a Era Digital oferece. Pode-se constatar um limite que a pesquisa nos apresenta por identificar pessoas que vivem e cultivam valores já despertados, alimentados e cultivados na família e comunidade. Estes buscam através das tecnologias novas possibilidades para aprofundamento e enriquecimento pessoal. Porém, hoje, nota-se uma maior aproximação das novas tecnologias e das redes sociais que possibilitam novas experiências de comunidades virtuais, mas se sabe que para uma experiência de Deus é preciso haver uma comunidade real, física onde se pode encontrar o Outro no outro que antecede a experiência virtual.

A teologia trinitária e relacional de Bruno Forte, marcada pela consciência histórica e antropológica desenvolve-se no centro da cultura moderna. É aí que ele descobre o sujeito da história, capaz de decidir sobre sua vida e dar orientação ao seu futuro. Percebe-se no pensamento do autor um sempre renovado interesse pela história e pelo mundo. Para ele, a vivência da fé cristã é influenciada pela evolução do pensamento humano.

Pode-se dizer que a Era Digital trouxe maior evolução, ou revolução ainda, na mobilidade, nos avanços tecnológicos, na globalização, enfim, em um mundo sem fronteiras no qual tudo muda com maior rapidez. No entanto, Teologia e História se unem para auxiliar e interpretar a Revelação divina que se realiza no mundo. Há dois aspectos que influenciaram a entrada da História na Teologia. O primeiro foi o impacto das ciências históricas no

pensamento moderno, e o segundo é o conjunto de mudanças que ocorreram na Igreja nesses últimos anos. Portanto, a História entra na Teologia propondo-lhe problemas novos e abrindo-a para perspectivas ainda não conhecidas e pouco exploradas.¹⁶³

A atualidade proporciona uma riqueza de possibilidades, mas, ao mesmo tempo, vive-se envoltos de uma hipercomplexibilidade de informações, de novas tecnologias que oferecem novos espaços e que estão ocupando o centro da vida das pessoas. Em alguns estudos, já é comum encontrarmos reflexões e variedade de abordagens sobre a sociedade atual, na qual se percebe uma espécie de reorganização dos seres humanos, devido às tecnologias de comunicação e as novas mídias sociais. As novas tecnologias não significam necessariamente o abandono das anteriores, mas elas as incorporam e criam “novas” formas de agir na comunicação na interação entre os seres humanos. Será o discernimento uma categoria necessária nesse processo de desenvolvimento?

3.2.2 Discernimento

O discernimento é um dom dado por Deus às pessoas, mencionado já desde as cartas do Apóstolo Paulo (cf *1Cor* 12). Consiste na sensibilidade inspirada pela graça para perceber entre opções à primeira vista igualmente boas, qual é a melhor e mais de acordo com a vontade de Deus. Em (*1Cor* 2,13) Paulo diz: *desses dons Não falamos segundo a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas segundo aquela que o Espírito ensina, exprimindo realidades espirituais em termos espirituais*. O discernimento é essencial no processo de tomar decisões sábias confirma o livro dos Provérbios (cf. *Pr* 13,16).

Na Era Digital em que as novas tecnologias se tornaram uma característica atual, o discernimento é uma ferramenta indispensável. A velocidade das mudanças e o movimento de liquidez¹⁶⁴ são instantâneos. Isso traz mais rapidez, facilidade de acesso e interatividade na informação. É uma fantástica conectividade interativa, um estar no mundo sem sair de casa. Expressávamos no texto da dissertação que as novas tecnologias são novas formas de falar com Deus e de escutá-lo. Algumas expressões presentes na pesquisa de campo dizem: *A Era Digital oferece suportes vários, basta selecionar o aproveitável e limpar o descartável*. São novos espaços que estão a disposição na nova cultura, espaços importantes para a teologia.

¹⁶³ BRUSTOLIN, Leomar. *A cristologia como história em Bruno Forte*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Orientador: Prof. Dr. Carlos Palácio SJ, BH CES, 1993, p. 9 ss.

¹⁶⁴ SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

Cabe à pessoa, conhecer e discernir o que vê e lê na internet ou em outros canais de comunicação, ou seja, das redes sociais.

Não se pode confundir a própria presença de Deus com qualquer coisa, mas o meio, o suporte da comunicação pode ser um espaço da presença de Deus. Deus não está no meio em si, mas o meio pode ser uma mediação, uma provocação para o ser humano chegar à experiência de Deus, pois o meio em si não é fim é apenas meio. O discernimento tem como fundamento a Teologia e a fé, pois crer é entregar-se a Deus, de quem provém a salvação (cf. *Rm* 1,16; *Gl* 2,16; *Ef* 1,13; *2 Ts* 2,13). Essa entrega deve ser total. E com tanta ‘oferta’ de ‘salvação’ na *mídia*, precisa-se discernir, pois o individualismo é uma das marcas da realidade social, política, religiosa e cultural. A imposição de um universal que tolhe a liberdade humana, a própria fé e carrega a marca de dúvida, desconfiança, desinteresse, indiferença. Pode-se dizer que a fé na Era Digital depara-se com atos e práticas desenvolvidas pelo fiel por meio de ações e operações de construção de sentido, interagindo com o sistema. No entanto, para o cristão, um dado que Bruno Forte evidencia é a tomada de consciência de que a História está marcada pela certeza da presença de Deus que faz história com seu povo.¹⁶⁵ Não é o ser humano emancipado de Deus que faz História, mas diante de e com Deus!

Diante de tantas “ofertas”, o sentido da fé cristã na História está, antes de tudo, no reconhecimento da divindade de Deus e da ‘mundaneidade’ do mundo, no respeito à soberana transcendência de um e à profunda dignidade do outro; mas também na alegre confissão da comunhão existente entre o Criador e a criatura, que do Pai, no Filho, recebe o ser e a vida na força do Espírito vital, na relação tão profunda que motiva para além de todo limite, a dignidade afirmada no mundo, porque a história inteira é em Deus. Enfim, acima de tudo, a boa notícia pascal é a participação na própria vida de Deus, viabilizada pela missão do Filho, pela qual Deus vem armar a sua tenda no meio de nós e fazer sua a história dos homens para nela manifestar, com eles e neles, a glória eterna do seu amor.

Afirmou um dos entrevistados na pesquisa: *Vejo sites que me ajudem a compreender melhor a religião e o andamento da Igreja, como por exemplo, o do Vaticano, da CNBB que ajudam a conhecer, a encontrar e me orientar para a experiência de Deus.* Experiência esta que, na sua dinamicidade de ser presença, mistério e Revelação, se mostra constantemente, mas que também se vela. De fato, com a Internet ocorre uma revolução cultural e até mesmo existencial. Em grande parte vive-se uma experiência de fé sem uma presença objetiva, mas com uma ausência objetiva do Outro.

¹⁶⁵ FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 204.

Um dos entrevistados disse: *Através das novas tecnologias e da comunicação na era atual é possível elaborar minha compreensão de fé, mas é preciso fazer opções*. Pode-se dizer que o mundo atual é uma provocação para a fé cristã diante de novos desafios e da descrença, no entanto o discernimento é o termômetro para escutar e seguir a vontade de Deus. Deus provoca a reflexão acerca da fé porque, revelando-se, Ele faz com que a profundidade do seu mistério seja percebida pelo ser humano e que a pessoa deseje sempre mais adentrar o Mistério. Para Bruno Forte, a Cristologia há de considerar o Deus revelado e oculto que fez história em Jesus Cristo. Este paradoxo tende a crescer: enquanto Deus mais se revela, tanto mais permanece oculto em seu Mistério.

Forte confirma que as opções humanas são fundamentais quando se refere à Revelação de Deus na História. Isso remete ao desejo de uma profundidade maior: O próprio Cristo, Palavra eterna, nos dias da carne, é plenitude da Revelação, enquanto expressa da forma mais elevada e mais densa possível para nós, o Deus que se tornou visível e acessível; mas ele próprio reenvia à ulterioridade da qual ele mesmo vem, para se tornar Caminho, Verdade e Vida, sem deixar de ser verdade do Eterno presente no tempo.

As novas tecnologias são novas formas de falar e escutar Deus, mas também são provocações para a fé cristã em nossos dias, pois, como diz Bruno Forte “Crer em Deus é movimento, entrega de si, êxodo, coração, crer no que se revela é profissão de fé, acolhimento expresso e reflexo do mundo que vem do alto nas obras e nos dias dos homens”.¹⁶⁶ Logo, em Jesus Cristo significa estar continuamente em estado de tensão entre o repouso do já possuído e a sede do ainda não possuído. Logo a tensão cristã é chamada a manter-se sempre atenta a qualquer desejo de posse definitiva e de condição estática, pois o Deus da fé cristã que está sempre adiante e além do horizonte que nos é dado captar, por isso mesmo nos incentiva a estarmos em frequente estado de êxodo.

Para compreender melhor a provocação de Deus para a vivência e reflexão cristã, Bruno Forte aborda a relação entre êxodo e advento: dizendo que no peregrinar humano a ação reveladora de Deus em Jesus Cristo, que é Boa-Nova, refere-se, desde o início a uma resposta do homem que a recebe por ela se deixa transformar no pensamento e na vida. Ao advento corresponde já na experiência que a Escritura registra, um êxodo. Se não fosse assim a Palavra de Deus ressoaria no vazio, sem uma criatura histórica que a acolhesse, sem

¹⁶⁶ FORTE, B. *Teologia como companhia, memória e profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história*, p. 55.

palavras em que pudesse habitar e por isso sem possibilidade de comunicar-se ao homem e dar-lhe a vida, que o torna verdadeiramente vivo.

Crer não significa, pois, aceitar alguma coisa, mas aceitar Alguém renunciar a habitarmos em nós mesmos em ciumenta posse, para que o Outro nos habite, entregando-lhe totalmente a nossa existência.¹⁶⁷ Portanto, o ser humano é convidado a estar em constante discernimento, frente ao mundo das novas tecnologias, pois, elas obtêm relações: mais profundas e mesmo nos conduzirá a um pensar que terá muito de superficialidade, subjetividade e pouco de realmente refletido e assimilado¹⁶⁸. Logo, é indispensável o discernimento, para participar da comunhão divina. Isso supõe uma resposta de obediência à fé, escuta segundo a vontade de Deus, escolha a um bem maior e um abandono nas mãos do Pai. Este abandono deve estar disposto a acolher o mistério que se revela. Jesus Cristo a plenitude e o mediador da revelação. Ele mesmo encarnou a subversão da revelação, isto é, frustrou todas as expectativas humanas de messianismos e revelou-se um Deus Servo¹⁶⁹ de todos. Nele percebe-se como Deus comunica-se com as pessoas. Nele compreende-se como Deus revela-se e ao mesmo tempo oculta-se, porque não é possível capturá-lo em nossos esquemas mentais. E uma das grandes provocações de Deus está na necessidade da pessoa acolher e aceitar aquilo que Deus comunica.

O discernimento aplicado, presente em tudo que vivemos, funciona como uma vacina que nos imuniza do ódio e de todas as suas consequências. Aprender-se-á discernir quando reconhecemos que tudo funciona através de um tripé de processamento dos estímulos, que define todos os estímulos que recebemos e seguem extremamente o caminho traçado por:

¹⁶⁷ FORTE, B. *Teologia como companhia, memória e profecia*: introdução ao sentido e ao método da teologia como história.

¹⁶⁸ Cf. BINGEMER, Maria Clara. *Teologia: saboreando as razões de nossa fé*. Disponível em: <http://www4.familia24horas.comBingemer>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

¹⁶⁹ Cf. BINGEMER, viver a mística do serviço, transforma a Imagem de Deus. Este então poderá ser encontrado não apenas nas circunstâncias belas, justas e perfeitas, mas nas situações sem saída, nas vidas fracassadas e mesmo destruídas. A mística do serviço segundo o próprio Jesus Cristo nos leva a descer ao encontro de Deus em seguimento a Jesus, que se humilhou e esvaziou até chegar ao último degrau da condição humana (*Fil 2,6-8*). A mística Inaciana, que é a mística do seguimento de Jesus servindo, não leva a olhar para cima, procurando um Deus impassível e invulnerável aos sofrimentos de suas criaturas. Mas pelo contrário, levando a manter os olhos fixos em Jesus Cristo, leva a encontrar cada vez mais um Deus apaixonado, que se deixa afetar pela dor e não se preserva dos espaços poluídos pelo pecado, a injustiça... Esta mística encontra Deus na beleza da criação, na justiça, na harmonia e no amor. Conforme os<EE 23>É uma mística que pretende encontrar e experimentar Deus em todas as coisas. Da experiência de amar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus, nasce uma espiritualidade radicalmente mundana, de contemplação do mundo e de ação no mundo (BINGEMER, Maria Clara. *O eu, o outro e os outros (mística Inaciana em tempos mutantes e conflitivos)*. Disponível em: <http://www.clfc.puc-rio.br/artigo_fc8.html>. Acesso em: 11 dez. 2011).

*informação, conhecimento e discernimento em natural correlação com o corpo, mente e espírito.*¹⁷⁰

Ao se falar de discernimento na Era Digital, remetemos o olhar a um dos maiores momentos de discernimento de Jesus: a páscoa. É o momento de uma decisão de Deus e de Jesus para a história humana. Nessa decisão é determinado um novo início para a humanidade. O evento pascal também revela a unidade da Trindade aberta para nós no amor, e por isso é oferecimento de salvação na participação da vida do Pai, do Filho e do Espírito. A Trindade, história trinitária de Deus revelada na Páscoa, é história de salvação, história nossa.¹⁷¹ É o momento de uma decisão de Deus e de Jesus para a história humana. O evento pascal é o grande SIM que o Deus *da* vida profere sobre o seu Filho, e nele sobre nós. O Pai tem a iniciativa de ressuscitar Jesus e torná-lo Cristo. Jesus tem um papel ativo que nada contradiz à iniciativa do Pai: Cristo ressuscitou (*Mc*16,6). Logo se a cruz é triunfo do pecado, da lei do poder que levou o Filho a ser entregue pela infidelidade do amor (por Judas – *Mc* 14,10), pelo ódio dos representantes da lei (pelo Sinédrio – *Mc* 15,1) e pela autoridade do representante de César (por Pilatos- *Mc*15, 11), a Ressurreição do Crucificado é a derrota do poder, da Lei e do pecado decretada pelo próprio Deus. Na ressurreição do Filho há o triunfo da liberdade, da graça e do amor. O Cristo ressuscitado é o sujeito da história onde a vida vence a morte. O abandonado, e acusado de blasfemador e subversivo é o “senhor da Vida. O Ressuscitado confirma a sua pretensão pré – pascal e confunde a sabedoria dos entendidos e sábios. Jesus, agora vive (*At* 1,3) e dá a vida (*Jo* 20,21) . Ele é o Senhor da glória, as primícias de uma humanidade nova (*ICor* 15,20-28). É a novidade de Deus na História. É no Crucificado Ressuscitado que se realiza a plenitude dos tempos, marcando a História definitivamente. É na ressurreição de Jesus que Deus revela-se de maneira que vai além de todas as revelações. Aquele que afirmou ser ele próprio a vida, a libertação e a salvação, pois é o Deus vivo. No entanto, identifica-se que a trindade faz história na Páscoa.

A teologia fortiana centra a Ressurreição de Jesus Cristo como a chave interpretativa de toda a História. Por ela, Jesus de Nazaré apresenta-se como o vivente e revela a presença da Trindade na História. Ele é o critério do discernimento da fé cristã. No Ressuscitado está o ponto central da Cristologia de Bruno Forte. Cristo é o Ressuscitado evocado na memória da páscoa; ele é o Vivente que faz companhia ao presente do humano; ele é o Senhor da história futura, é a profecia do Reino de Deus - a Pátria Trinitária. Bruno Forte afirma que a

¹⁷⁰ BINGEMER, Maria Clara. *O eu, o outro e os outros (mística Inaciana em tempos mutantes e conflituos)*. Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudoBingemer>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

¹⁷¹ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 236.

crisologia é trinitária, no sentido de que em Jesus Cristo revela-se o Deus cristão como o Deus vivo no Amor, capaz de dar força e esperança à práxis cristã e à existência humana. Logo, o objetivo de Forte de conduzir a crisologia numa perspectiva trinitária é para explicitar que o Deus cristão marca constantemente a história humana e assim, a crisologia provoca o cristão a traduzir sua ação na história como práxis cristã: práxis de libertação.¹⁷²

Trindade como História “resgata toda a reflexão trinitária do evento pascal e a inter-relação dos três”.¹⁷³ O Pai, o Filho e o Espírito Santo envolvidos na dinâmica da vida humana. A ressurreição não revela apenas o destino de Jesus de Nazaré junto de Deus, mas revela o próprio Deus Trindade comprometido com a história humana. Tal acontecimento é Boa-Nova para o gênero humano seja na Era Digital ou não. A Verdade é: a páscoa é a manifestação da salvação de Deus na História. Diante das tentações, Jesus faz sua escolha: o Pai:

o Nazareno diz não às sugestões do seu tempo: ele não busca o consenso fácil, não satisfaz as expectativas dos homens, mas as subverte. Jesus escolhe o Pai: com um ato de soberania liberdade prefere a obediência a Deus e a abnegação de si, à obediência a si que implicaria na negação de Deus.¹⁷⁴

O discernimento é parte integrante no caminhar humano, em constante desafio ante o novo que vai se apresentado. Tudo o que a “revolução tecnológica” introduz na sociedade atual, não são apenas quantidades de novas tecnologias, criativas, potentes e abrangentes, mas de novos processos simbólicos, sensibilidades e relações. É preciso caminhar, presentes à realidade e atentos aos sinais dos tempos. É preciso atualizar e atualizar-se.

3.2.3 Atualização

Atualização, é ato ou efeito de atualizar-se, é estar a par do que acontece no presente.¹⁷⁵ E tocar nessa proposta é voltar o olhar para o que envolve a sociedade que, com seus vários matizes, exige nossa atualização. Ancorados no Magistério da Igreja, é preciso prosseguir no êxodo que também está presente na Era Digital como se vê no Documento de Aparecida, onde uma das preocupações evidenciadas é o perfil do ‘novo sujeito’ que vem surgindo na atualidade. O documento enfatiza a necessidade de adentrar e de conhecer a

¹⁷² FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 22.

¹⁷³ Idem. *A Trindade como História: ensaio sobre o Deus Cristão*, p. 32.

¹⁷⁴ Idem. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 249.

¹⁷⁵ BUARQUE, Aurélio de Holanda Ferreira. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 198.

comunicação. O Documento se propõe a formar discípulos e missionários, conhecendo e valorizando a “nova cultura” da comunicação.¹⁷⁶

As diretrizes da CNBB para a evangelização na Igreja do Brasil encontram incentivo nas palavras do papa Bento XVI que mostra a necessidade de evangelizar na Era Digital e desenvolver uma esperança criativa e ativa, na fidelidade a um Deus que é esperança.¹⁷⁷ Por isso nessa atualização uma das razões maiores é a de construir uma comunicação interativa onde as relações comunicacionais não sejam de combate, mas de uma presença que se revela onde, realmente, está aquele que é a razão de ser da vida humana: Deus.¹⁷⁸

Bento XVI, em sua mensagem para o 43º dia Mundial das comunicações escreveu sobre as tecnologias da comunicação.

É importante considerar não só a sua indubitável capacidade das tecnologias de favorecer o contato entre as pessoas, mas também a qualidade dos conteúdos que aquelas são chamadas a pôr em circulação. Desejo encorajar todas as pessoas de boa vontade, ativas no mundo emergente da comunicação digital, a que se empenhem na promoção de uma cultura do respeito, do diálogo, da amizade.¹⁷⁹

O Papa continua:

Desta nova cultura da comunicação derivam muitos benefícios (...). Embora seja motivo de maravilhas a velocidade como as novas tecnologias evoluíram (...), não deveria surpreender-nos a sua popularidade entre os usuários porque elas respondem ao desejo fundamental que têm as pessoas de se relacionar umas com as outras. Esse desejo de comunicação e amizade está radicado na nossa própria natureza de seres humanos, não se pode compreender adequadamente só como resposta às inovações tecnológicas.¹⁸⁰

Lembra ainda em sua mensagem o papa Bento XVI:

Nos primeiros tempos da Igreja, os Apóstolos e os discípulos levavam a Boa-Nova de Jesus ao mundo greco-romano: como então a evangelização, para ser frutuosa, requereu uma atenta compreensão da cultura e dos costumes daqueles povos pagãos com o intuito de tocar as suas mentes e corações, assim agora o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo delas para se chegar a uma conveniente utilização.¹⁸¹

¹⁷⁶ Conferência Episcopal Latino Americana. Texto conclusivo da V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. CNBB; n. 484-490.

¹⁷⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes gerais de ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*, p. 25ss.

¹⁷⁸ PUNTEL, Joana. *Mutirão de cultura – América Latina e Caribe*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, fev. 2010, p. 70ss.

¹⁷⁹ BENTO XVI. *Novas tecnologias, novas relações*. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. Mensagem para o 43º Dia Mundial das comunicações Sociais, 2009.

¹⁸⁰ Ibid.

¹⁸¹ Idem. Em discurso à Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal: *L'Osservatore Romano*, p. 6 (em 21-22 dez. 2009).

Pode-se dizer que estamos como que no limiar de uma ‘história nova’, porque quanto mais intensas forem às relações criadas pelas modernas tecnologias e mais ampliadas forem as fronteiras pelo mundo digital, tanto maior será o apelo de revelar o ‘rosto de Deus’, no mundo da comunicação. O que nos é pedido, como pessoas que creem e professam a fé, é a capacidade de estarmos presentes no mundo digital em constante fidelidade à mensagem evangélica, para desempenarmos, com o conhecimento e a competência necessária, a evangelização que a sociedade hoje necessita. E o que ela necessita acima de tudo, é expresso cada vez mais frequentemente através das muitas vozes que surgem do mundo digital. É necessário perceber que a amorosa atenção de Deus em Cristo por nós não é algo do passado nem uma teoria erudita, mas uma realidade absolutamente concreta a atual. De fato, a ação cristã no mundo digital há de conseguir mostrar às pessoas de nosso tempo e à humanidade desorientada de hoje, que Deus está próximo, que em Cristo, somos todos parte uns dos outros¹⁸² confirma o Papa Bento XVI.

A pesquisa aponta o fenômeno de que os acessos a *sites* buscam informações e muitas vezes tais informações entram na oração, como por exemplo, a beatificação de João Paulo II e o aniversário de Bento XVI. Isso atualiza e faz perceber a revelação de Deus nos acontecimentos do mundo. E na vivência do dia a dia, quando se abrem espaços, conscientes à fé identifica-se uma Presença na relação com o outro, com as coisas, com a obra criada. Nisso é evidente sua revelação e beleza.

Para tanto, a atual sociedade faz compreender a necessidade de atualizar a linguagem, conhecer as novas formas de comunicação, o manuseio das novas tecnologias, o conhecimento e o domínio tecnológico. Mas não dá para esquecer que sobre o tecnológico está o ser humano. Vê-se que a antropologia de Bruno filosoficamente fundamentada, é claramente uma antropologia teológica. Isto é, compreender o ser humano é compreendê-lo em relação a Deus e com Deus. Portanto, o pensar, o procurar da pessoa é atitude concreta que, precisamente, se expressa na história, no cotidiano, nas relações, nas escolhas, logo, a reflexão é também Ética e Moral. A força da reflexão de Bruno Forte se mostra exatamente no momento em que o pensar leva a uma ação concreta voltada para o bem. É nessa tensão para o bem que se percebe a harmonia, a lógica e a beleza do agir humano. A ética e a estética são companheiras íntimas no seu pensar. E ele não furta essa união. O bom e o bem é também o belo. A beleza é o todo que se expressa no fragmento por amor. A cruz é a beleza máxima

¹⁸² Cf. BENTO XVI. Discurso à Cúria Romana na apresentação dos votos de Nata: *L'Osservatore Romano*, p. 6, (em 21-22 dez. 2009).

que salva, pois é a máxima expressão do amor de Deus-Trindade no aniquilamento do Crucificado.¹⁸³ É a Palavra mais potente no momento do Silêncio, quando a própria Palavra se faz doação e, então, deixa espaço para que o encontro aconteça.

Bruno Forte sublinha a estética também na concepção da revelação trinitária que se manifesta no conteúdo e na forma e que revela o Amor. É o encontro amoroso do Silêncio e da Palavra que se manifesta como uma espécie de novo Silêncio, enriquecido, pleno de significado. A Palavra, na história da revelação de Deus-Trindade, silencia na suprema hora da Cruz e é justamente aí que, no silêncio do Abandono, ela fala mais alto que nunca. Eis a beleza do todo que se manifesta no fragmento, como Amor abandono. Para Bruno Forte, é na Cruz que se dá o sentido completo da Eucaristia, pode-se dizer a comunhão por excelência. O Sacramento da entrega, da doação, do serviço acontecido em toda a vida e missão de Jesus de Nazaré. Isso revela-se como um único tempo: o da entrega de si, que vai da última Ceia à morte na Cruz. Bruno Forte apresenta a cruz como a expressão finita do acontecimento infinito que se desenvolve no seio da Trindade: por isso ela é a humilde porta que abre ao ser humano, o mundo de Deus.¹⁸⁴ É a ‘beleza da cruz’ que salva o mundo e esta passa pela doação ao outro.

Logo, a atualização implica: na descoberta da própria identidade humana que se dá em si, na relação com o outro e com o Outro. E dessa descoberta faz parte integrante a vivência cotidiana. O outro – Outro – faz parte da vida do eu. A vida leva a novas descobertas e a novas formulações, é o que coloca a pessoa diante de novas decisões, novas posições e novos compromissos a serem assumidos. É por isso que Bruno Forte tem plena consciência de que “a fundamentação do compromisso moral não se situa em normas abstratas em si, nem em uma arbitrária decisão do sujeito, mas sim na relação com os outros e na correspondência que a simples experiência do outro como outro exige do mundo do eu”.¹⁸⁵ Logo, é um dos pontos centrais para ser levado em conta na comunicação digital na relação entre fé e vida.

O círculo hermenêutico da reflexão de Bruno Forte não se fecha, e nem pode fechar-se, em absolutizações, em engessamentos teóricos ou práticos, pois é sempre um ‘processo’ dinâmico em movimento.

¹⁸³ FORTE, B. *A porta da beleza. Por uma estética teológica*, p. 6-12.

¹⁸⁴ Idem. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 289.

¹⁸⁵ Idem. *Um pelo outro: por uma ética da transparência*, p. 10.

3.2.4 Relação

Assim se expressa um dos respondentes da pesquisa: “*Costumo escutar Deus através do rosto sofrido de cada irmão. É a partir do pobre e excluído, com suas misérias humanas que se realiza a minha caminhada*”. O humano necessita do contato, do toque, de uma relação mais humana. São sentimentos, manifestações concretas coletadas na pesquisa que se concretizam no cotidiano, nas pequenas realizações que vão acontecendo. A relação é uma maior transformação no mundo configurado no Deus de Jesus Cristo. A fé experimenta na Era Digital, passa por esse processo de relação-escuta. Logo, a relação humana é indispensável mesmo com a tecnologia. O Ser humano é um dos primeiros canais onde se dá a experiência de fé. É no contato físico, pois, que a lógica da comunicação acontece. A comunicação digital é marcada por uma lógica diferente daquela que as pessoas vivem. A lógica da atualidade é uma lógica que se esvazia rapidamente, porque o brilho do mercado se esvai e a frustração fica. Por isso faz-se necessário um acompanhamento para não ocorrer a inversão de valores.

A Era Digital é carregada de possibilidades e benefícios, mas traz seus limites, como já foi evidenciado quando se desenvolveu a fé. Ao partir da fé bíblica, percebe-se que o ser humano é visto como um todo e não como fragmento é um ser de relações. A Bíblia apresenta um polo de confiança que se dedica a uma pessoa fiel que assume a humanidade por inteiro. É um procedimento da inteligência à qual uma palavra ou sinal possibilitam acessos a realidades que não se veem (cf. *Hb* 11,1). É na Palavra de Deus que se encontra o alimento e é na prática da vida que se realiza o confronto para uma consciência e uma fé que se torna vida e ação.

A cultura virtual indica um universal bem rico e abre um vasto campo para se chegar a uma infinidade de pessoas, mas não dispõe de uma linha diretriz ou de um critério que organize a enorme massa de dados, ou assegure a veracidade do material oferecido. Apresenta-se como um meio sem garantia de credibilidade, onde cada internauta expressa e defendem suas opiniões como as mais verdadeiras.

Com efeito, no ciberespaço o ser humano goza de enormes possibilidades, de liberdade na escolha dos dados, no envio de opiniões pessoais, na defesa dos seus valores, como talvez em nenhum outro lugar social. Outro ponto importante é que a fé cristã caracteriza-se pela comunidade eclesial que identifica a experiência das comunidades na vivência do seguimento de Jesus Cristo. No mundo virtual, na Era Digital identifica-se uma nova maneira de ver e viver o “novo mundo” que vai nascendo. Noções como tempo, espaço, comunidade, presença participação – tão centrais ao contexto religioso- vão sendo

reconstruídos e readaptados a uma nova configuração social.¹⁸⁶ Cabe ao indivíduo a escolha, a interpretação e o uso de dados oferecidos, sem nenhum controle. No entanto, é preciso notar que as novas interações possibilitadas pelo “novo mundo” através da internet e das redes sociais criam também uma nova configuração, uma modificação de fundo vai ocorrendo.

Um dos maiores desafios ou perigos que a lógica midiática representa para a fé cristã é a distorção da verdade. Isso porque a linguagem das imagens pode distorcer a integridade dos fatos apresentados. É preciso discernir se aquilo que é dito é realmente verdadeiro. É muito bom levar em conta que a fé e a vida andam juntas. Percebe-se que falar de Deus e o escutar com os meios oferecidos pela Era Digital tem influência, na caminhada. E reconhecer que Deus está livre das amarras que o ser humano tenta lhe impor. Portanto, enquanto alguns ficam preocupados em delimitar espaços e formatos para a graça, a Boa-Nova irrompe onde menos se espera. Boa parte dos pesquisados sentem que a própria convicção da fé, se originou de uma família, numa comunidade. O que as novas propostas oferecem são possibilidades para esclarecer, repensar a própria fé dentro de um “novo mundo” com novos traços culturais.

Bruno Forte evidencia “[...] a história de Jesus foi marcada como toda a história humana, por um avanço progressivo em direção à luz de uma autoconsciência mais clara e de um conhecimento mais completo dos outros e de Deus”.¹⁸⁷ Tal conhecimento era sustentado pela relação que Jesus de Nazaré estabelecia com Deus, na intimidade, na oração, no diálogo com o Pai Ele, quando ele desenvolvia o que já estava em sua consciência. Por outro lado, se realizava no encontro com as pessoas, no relacionamento diário, no conhecimento das Escrituras, na cultura de Israel, de onde ele usufruía por experiência os novos conhecimentos. A fé de Jesus caminhava em meio às novidades de sua época, no escutar e falar com o Pai e sentindo a necessidade do povo do seu tempo. Sua atenção se realizava para com todos, porém priorizava os que tinham fome e sede de Justiça, os ignorados na sociedade, os que necessitavam de vida e saúde. Pode-se identificar em *Jo* 10, 1-4 que diz: Em verdade, em verdade, vos digo: quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por um outro lugar é ladrão e assaltante; o que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre: as ovelhas ouvem sua voz e ele chama suas ovelhas uma por uma e as conduz para fora. Tendo feito sair todas as que são suas, caminha à frente delas e as ovelhas o seguem, pois conhecem a sua voz. Ele é o centro da vida e deseja que a comunicação seja um espaço de

¹⁸⁶ SBARDELLOTTO, Moisés. *Entrevistas igreja e internet uma relação de amor e ódio*. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/>. p. 5-6. Acesso em: 28 jan. 2012.

¹⁸⁷ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 220-221.

vida para todos. Ele é a luz em seu advento no ser humano: deseja acabar com as trevas e evidenciar a luz que ilumina e que dá vida em plenitude. Ele fez uso de todos os canais, linguagens e espaços do seu tempo. As redes sociais, a interatividade, os espaços são possibilidades e caminhos para levar a Boa-Nova do Reino de Deus. Jesus o faria no mundo atual sem perder a essência divina, qualificando a fé cristã e realizando a proposta de Deus de forma muito sábia e criativa, pois se a era digital implica em rede de relacionamentos, a fé não pode prescindir da relação. O que não pode existir é a substituição de relação presencial pela virtual.

3.2.5 Considerações finais da pesquisa de campo

A capacidade criativa que está no ser humano acompanha-o nas descobertas diárias, dentro do movimento da História, da atualidade. O olhar antropológico em relação à comunicação e à Teologia levanta perguntas: qual é o papel dos meios de comunicação na relação das pessoas com Deus? Ou, o que os meios de comunicação têm a ver com a experiência pessoal de Deus?

Partindo do dizer de *IJo 4,16: Deus é amor*, pode-se dizer que a comunicação tem a ver com a experiência de Deus, pois, Deus é comunicação. E se a Teologia é a ciência que estuda o mistério de Deus, ela se debruça, sem dúvida, sobre esse mistério santo, que é mistério de salvação que salva comunicando-se, revelando-se, dizendo seu nome e mostrando seu rosto. Pois, todo o mistério de nossa fé é um mistério de amor, portanto de comunicação.¹⁸⁸ E o Cristianismo é uma religião revelada. É a religião da Revelação de Deus aos homens e mulheres. E para definir o Cristianismo, não se encontra melhor expressão do que dizer que é a religião da Revelação do Outro nos outros. A revelação que foi recebida pelos homens e mulheres do povo de Israel e depois por muitos outros e outras e continua a ser recebido por nós hoje, pois está guardada por escrito no Livro Santo. O Cristianismo é, pois, uma religião da Revelação e do Livro, da Revelação e da Palavra.

Bruno Forte referindo-se à centralidade da fé cristã: Jesus de Nazaré, o Cristo da fé, evidencia a partir do mundo bíblico, um Jesus não abstrato, mas conhecido a partir da experiência salvífica; uma experiência viva e transformante. Ele é visto como Caminho, Verdade e Vida, aspectos estes atribuídos no processo salvífico que vai se realizar no concreto

¹⁸⁸ BINGEMER, Maria Clara. *Comunicação*. Disponível em: <<http://www.muticom.comBingemer>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

da vida. “Eis porque aquele que é profeta da verdade é contemporaneamente aquele que conduz o caminho, o Rei é aquele que nos enche com sua vida”.¹⁸⁹

Em repostas colhidas na pesquisa vê-se que os meios são suportes, canais que alimentam a própria fé. A palavra do teólogo, os conteúdos, a informações, as mensagens podem ser canais do bem e da paz. Depende de como se faz o uso dos mesmos. O lugar que eles ocupam na vida das pessoas são como meios e não como um fim. Assim pode-se afirmar que as redes sociais (a *mídia* digital) são novos lugares para o pensar teológico.

A Era Digital, urge com rapidez, um despertar, um apreender as novas linguagens, pois, as novas gerações querem interagir. A Teologia oferece os conteúdos, onde professores e alunos interagem e partilham via redes. O novo mundo exige uma atualidade das linguagens, das interações multimidiáticas. A fé, contudo, pode ser afetada, mediante conteúdos alienantes e distorcidos, o conteúdo central é o mesmo, mas precisa ser comunicado numa linguagem adequada ao tempo e ao meio.

¹⁸⁹ “Ecco perché colui che è profeta della verità è allo stesso tempo colui che conduce la strada, il Re è colui che ci riempie con la sua vita” (Cf. VV.AA. *L’Eredità cristocentrica di Don Alberione, saggi teologici, Gesù Cristo Via, Verità e Vita e Gesù Maestro in prospettiva trinitaria*, p. 517).

CONCLUSÃO

A Internet fornece conteúdos que qualificam a relação com Deus, conforme alguns relatam nas respostas da pesquisa. Neste momento histórico ela se tornou um espaço extremamente útil e necessário para a articulação de setores da Igreja, porque agiliza informações e, acima de tudo, atualiza e alarga horizontes. Para alguns serve como fonte de pesquisa. Vê-se também em menor proporção que a Internet, enquanto rede social pode ser um novo lugar teológico para falar e escutar Deus. A internet, sem dúvida, é campo de atuação cristã e de missão. Pode-se dizer que são novas maneiras de falar com Deus hoje.

A comunicação na Era Digital oferece um “mundo sem fronteiras” e favorece novas oportunidades a partir do virtual. Os novos suportes tecnológicos caracterizam um novo rosto da comunicação e também um novo rosto da relação com Deus, com as pessoas e com a comunidade. Um exemplo para melhor compreender: muitos utilizam um *notebook* para disponibilizar a Bíblia, Palavra de Deus aos amigos conectados a sua rede. Outros servem-se do *notebook* para celebrar. Outros, ainda, têm seguidores via web que seguem celebrações e outras “manifestações de fé”. Alguns dizem que “o seu *iPad* é tão inseparável quanto o *crucifixo*”. Um dos jornais recentemente evidencia que, estimulados pelo papa Bento XVI, sacerdotes recorrem a *tablets*, *smartphones* e redes sociais para resgatar novos fiéis.¹⁹⁰ E identifica-se um crescente número de fiéis conectados, para “alimentar a sua fé”. Porém confirma o arcebispo Cláudio Maria Celli, presidente do Conselho Pontifício das Comunicações Sociais, que apenas metade das 8,4 mil dioceses do mundo têm página na rede da Internet.¹⁹¹ E algumas ainda estão um tanto desatualizadas. Hoje os meios, as novas tecnologias estão a serviço do ser humano.

Portanto, o *iPhone*, o *iPad*, o *Twitter*, o *Facebook*, o *MSN* e outros tantos aplicativos que a comunicação oferece, são suportes que favorecem possibilidades das pessoas se

¹⁹⁰ MELO, Itamar. Igreja digital. *Zero Hora*, Porto Alegre, domingo 20 nov. 2011. p. 24-25.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 24-25.

comunicar até na religião. Importante é identificar que a tecnologia é nova, mas o conteúdo e a centralidade da fé cristã, não. O que a cibernética e a cultura digital oferece não deixa de ser experiências que mediam e despertam a própria fé que está na pessoa. Porém a fé transcende as tecnologias. A mudança de paradigmas deu um elevado status às tecnologias e colocou os meios a disposição as pessoas. Estes têm papel positivo enquanto forem meios e não fins para a comunicação. Os Meios podem servir de canais para despertar e abrir espaço entre a pessoa e Deus, e estabelecer relações mais profundas, em que a própria pessoa O encontre no outro real. As comunidades virtuais deveriam proporcionar um encontro mais profundo, pois, parece que a religião que emerge da *mídia* só é possível a partir do mundo real da vida dos fiéis. O meio é e será um suporte, um canal.

Somos sujeitos da comunicação, da comunhão e não da solidão. Feitos para a comunhão com Deus e com os outros. A pessoa só se realizará na comunicação do que é e do que tem, porque Deus se comunicou no amor, por primeiro e inteiramente, a todos. E toda a vida humana só encontrará sentido se for capaz de sair de si mesma e comunicar o amor d’Aquele que cria, recria salva e santifica: o Deus Uno e Trino, Pai, Filho e Espírito Santo.

Bruno Forte evidencia que “no Espírito está o princípio e a força da contemporaneidade de Cristo: aquele que recebeu o Espírito em plenitude está para sempre vivo no Espírito”.¹⁹² Jesus Cristo, não é apenas um mestre que veicula verdades intelectuais, mas aquele que revela e comunica a verdade do amor, a verdade como amor, e faz compreender que o sentido da vida é crer no amor de Deus que se revelou na própria pessoa. Na perspectiva da fidelidade no amor, Bruno Forte relaciona o Cristo Verdade ao Cristo profeta: “A profecia para o cristão é sempre experiência de amor. É entrar na experiência da história do amor, porque quem é fiel à palavra de Cristo conhecerá a verdade e a verdade o fará livre”.¹⁹³ Esse processo se dá pela palavra, força e coração de sua manifestação, pois, Palavra de Deus significa Deus mesmo. Deus, através de sua Palavra se faz presente com a fidelidade do seu amor, através da tradição viva da Igreja na qual o Ressuscitado se torna contemporâneo aos seres humanos de todos os tempos e os salva.

Os sinais dos tempos são lugares da História, os fatos e as palavras, os novos meios, são sinais misturados à complexidade das manifestações da História, são ambíguos e devem

¹⁹² FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 327.

¹⁹³ “*La profezia per il cristiano è sempre esperienza d’amore. È entrare nell’esperienza della storia dell’amore, perché chi è fedele alla parola di Cristo conoscerà la verità e la verità lo farà libero*” (Cf. VV.AA. *L’Eredità cristocentrica di Dom Alberione, saggi teologici, Gesù Cristo Via, Verità e Vita e Gesù Maestro in prospettiva trinitária*, p. 512).

ser objetos de discernimento. Logo toda essa mudança de paradigmas precisa ter o referencial no qual se possa discernir entre a vida, a imagem e a palavra. A atenção aos sinais dos tempos deve andar ao lado do espírito de vigilância, para traduzir-se na coragem de ações provisórias e credíveis, sempre abertas à contestação de Deus.¹⁹⁴ É preciso ler sempre a história no Evangelho e o Evangelho na história, para que o Cristo seja acolhido e transforme as situações humanas. Bruno Forte propõe aos cristãos de hoje levarem a sério o texto de Mt 25,35 para falar sobre a história de amor que está intimamente ligada ao “Sacramento do irmão”.¹⁹⁵ Quando o Senhor julgar, não partirá da Era Digital, nem usará critérios de normas e formas, nem mesmo os preceitos litúrgicos, mas julgará pelo muito ou pouco que amamos.

Em força desse amor, o Senhor vem armar a tenda no meio do seu povo. A doutrina da divina presença (em hebraico *Shekinah*) é maravilhosamente expressa no texto do mestre judeu Mekilta de Rabbi Yishma, Pisha citado por Bruno Forte: Em qualquer lugar para onde foram exilados os hebreus, a Shekinah foi ao exílio com eles. Eles foram ao exílio no Egito e lá foi a Shekinah... Foram para o exílio na Babilônia e ela foi com eles, foram para Elam e a Shekinah os acompanhou... Quando voltarem, a Shekinah retornará junto a eles.¹⁹⁶

O Deus bíblico é o Deus humilde, o Pai das misericórdias, o Deus que se faz pequeno para que o ser humano possa existir. O Filho se deixa conter no infinitamente pequeno, contrai-se, é o verdadeiramente divino O todo mora no fragmento, o Infinito irrompe no finito: o Deus crucificado é, para a fé cristã, a forma e o esplendor da eternidade no tempo. Quanto ao advento, o Verbo que se esvazia de sua condição divina revela que Deus não se comunica como que de uma forma distante, mas assumindo a natureza humana e revelando a possibilidade salutar do ‘mínimo presente’.

É por ação do Espírito que somos contagiados pela vida de Cristo. A cada instante do seu caminho desde a Palestina, com os seus, e na cruz, Ele chega até a Era Digital pelo Espírito. O Espírito torna presente o Cristo Vida, a Nova Aliança, que dá acesso à vida trinitária. Cristo Caminho, Verdade e Vida, torna-se contemporâneo das pessoas através do Espírito Santo. É no Espírito Santo que o seguimento de Jesus atualiza a ação do Nazareno ao

¹⁹⁴ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 338.

¹⁹⁵ “Sacramento del fratello” (Cf. VV.AA. *L’Eredità cristocentrica di Dom Alberione, saggi teologici, Gesù Cristo Via, Verità e Vita e Gesù Maestro in prospettiva trinitária*, p. 515).

¹⁹⁶ “In qualunque posto verso dove sono stati esilati gli ebrei, la Shekinah è andata all’esilio con loro. Essi sono andati all’esilio nell’Egitto e là è andata la Shekinah... Sono andati all’esilio nella Babilonia ed essa è andata con loro, sono andati a Elam e la Shekinah gli ha accompagnati... quando ritorneranno, la Shekinah ritornerà con loro” (FORTE, B. *Fede e Ragione, tra parola e silenzio. Humanitas*, n. 54, p. 390).

longo dos tempos e permite a compreensão de Jesus Cristo como o Deus da história. Ainda, Bruno Forte caracteriza o ser humano que faz a experiência da contemporaneidade de Jesus como um peregrino rumo à Pátria Trinitária. Em uma de suas obras, o autor nos ajuda a compreender qual é a dinâmica para o peregrino que vive em constante êxodo e nos diz:

Quem acolhe a Cristo, que no Espírito se torna o contemporâneo ao seu hoje, torna-se filho no Filho, preposta a paz da comunhão trinitária, aprende, ainda que na dureza do tempo penúltimo e na fadiga da fé, a amar e a esperar em sintonia com o coração de Deus (...) ele não é tirado do mundo mas chamado a caminhar, nesse mundo, cheio de amor fiel e de esperança, para o futuro, futuro das suas mãos e da graça do Pai. (...) Peregrino neste mundo e pobre entre os pobres, o homem que reconhecer a contemporaneidade de Jesus Cristo não se cansará de celebrar sua força de ressurreição e de vida: se viver, viverá por Ele; se morrer, morrerá por Ele.¹⁹⁷

Logo, pode-se concluir que a Pátria trinitária é a meta de todo caminhar cristão, que em constante êxodo, é chamado a sair do acampamento e caminhar em Direção a Deus. Assim foi a revelação vetero-testamentária, que mostra, na dinâmica da caminhada de Israel, Deus expressando o seu amor e compromisso para com a humanidade, até no hoje da história. Pois, para Bruno Forte o recapitular todas as coisas em Cristo como *universale concretum et personale* não é uma norma abstrata, mas é a eternidade no tempo. E a soberania de Jesus Cristo é a soberania sobre a História. Neste sentido, a História não é apenas o lugar da revelação de Deus, mas é o caminho que pode levar o ser humano à comunhão com Deus Trindade, nisso, a Era Digital tem seu “lócus”.

É indispensável ter claro o pressuposto de que a fé revelada transcende toda forma de comunicação humana, desde os primeiros meios de evangelização da Igreja até as tecnologias da Era Digital. A experiência de Deus não pode ser retida pelos meios que a facilitam. O meio pode ser espaço onde a pessoa encontra um estímulo, uma novidade, algo que a atrai a realizar a experiência de fé. No entanto, é a participação pessoal que dará ou não o “espaço” no coração humano, indispensável para a graça do Deus que se comunica e se revela. A necessidade de sintonia com a revelação divina por meio da fé é intrínseca ao ser humano, portanto cabe a ele estar atento aos sinais de Deus e às suas manifestações na vida contemporânea. E isso precisa levar a uma vivência pessoal e comunitária, pois a proposta do Reino de Deus é de comprometer-se com o irmão, a com sua alteridade. Confirma-se que comunicação e religião sempre marcaram a experiência humana, é importante o *como* se utiliza o meio. Jesus utilizava o meio e a linguagem de sua época: as

¹⁹⁷ FORTE, B. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*, p. 346.

parábolas eram anunciadas para os mais diferentes públicos e transformavam a fé das pessoas. Mas sempre se percebe a ética com que ele promovia a vida e salvava o ser humano de situações de exclusão. Pode-se imaginar que Jesus se serviria das linguagens dos meios atuais e facilitaria a descoberta de Deus para tantos que ainda não tiveram acesso à fé por outras formas e vivem em uma exclusão da sintonia com Deus.

O pensamento, desenvolvido na dissertação, nos permite concluir que a forma cibernética de experimentar a fé (falar e escutar Deus) vivida por pessoas materialmente distantes umas das outras não é *apriori* negativa. É preciso notar que novas interações possibilitadas pela internet criam também novas configurações comunitárias. É uma experiência mais do indivíduo, o fiel conectado dirige-se à comunidade virtual para nela compartilhar sua vida de fé. O fiel-internauta vive uma experiência de fé sem uma presença material, que não significa que não seja presença objetiva. Logo o ser humano atual é informado e conectado, acessa dados e “convive” entre os espaços virtuais. A ausência religiosa nesses meios é quase inconcebível.

REFERÊNCIAS

- ALTEMEYER, Fernando Junior; BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Teologia e Comunicação: corpo, palavra e interfaces cibernéticas*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. Porto Alegre: Condição Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Universidade de Caxias do Sul; Sulina, 1980.
- BARBOSA FILHO, André. *Comunicação digital: educação, tecnologia e novos comportamentos*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BIBLIA PORTUGUÊS. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.
- BRITO, Rovilson Robbi. *Cibercultura: sob o olhar dos estudos culturais*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRUSTOLIN, Leomar A. *Quando Cristo vem... A Parusia na escatologia cristã*. São Paulo: Paulus, 2001.
- _____. *A cristologia como história em Bruno Forte*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Orientador: Prof. Dr. Carlos Palácio SJ, BH CES, 1993.
- BUARQUE, Aurélio de Holanda Ferreira. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BUYST, Ione. Alguém me Tocou! Sacramentalidade da Liturgia na *Sacrosanctum Concilium* (SC). Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 176, p. 4-9, jul.-ago. 2003.
- CARNICELLA, M. C. Comunicação. In: LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. *Dicionário de teologia fundamental*. Aparecida: Santuário; Petrópolis: Vozes, 1994. p. 136-141.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.
- CELAM. *Documento de Aparecida n° 484-490*. Texto conclusivo da V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. CNBB; São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

COLLINS, John J. Parusia. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas - Loyola, 2004. p. 1345-1346.

COMUNICAÇÃO PONTIFÍCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. *Instrução Pastoral Communio et Progressio – sobre os meios de comunicação social*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CONCILIO VATICANO II. *Inter Mirifica, Decreto sobre os meios de comunicação social*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Dei Verbum, Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina*. 16. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretrizes gerais de Ação Pastoral da Igreja do Brasil (2011-2015)*. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. *Diretrizes gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2011.

DARIVA, N. Comunicação Social na Igreja, Documentos fundamentais. *Inter Mirifica 40 anos (1963-2003)*. São Paulo: Paulinas, 2003.

DEBRAY, Régis. *Deus, um itinerário: material para a história do eterno no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ELIADE, Mircea. *II Mito dell'Eterno Ritorno*. Roma: Borla, 1989.

FAUSTO NETO, Antônio. *Midiatização e processos sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008.

FISICHELLA, Rino. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2000.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da história: ensaio de uma Cristologia como História*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *Teologia da história: ensaio sobre a Revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história*. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *La Trinitá: stória di Dio nela stória dell Uomo*. In: AA.VV. *Trinitá. Via di Dio progetto dell'UOMO*. Roma: Città Nuova, 1987.

_____. *A teologia como companhia, memória e profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Teologia della Stória: saggio sulla rivelazione, l' inizio e il compimento*. Milano: Pauline, 1991.

_____. *L'Eternità nel Tempo: saggio di antropologia ed ética sacramenale*. Milano: Pauline, 1993.

- _____. *Introdução a fé: aproximação ao mistério de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.
- _____. *Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação*. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. A experiência de Deus em Jesus Cristo. *Concilium*, n. 2, 1995, p. 70-79.
- _____. L'Esperanza di Dio in Gesù Cristo. *Concilium*, v. 31, 1995/1.
- _____. *La Parola della Fede: introduzione alla simbolica ecclesiale*. Milano: San Paolo, 1996.
- _____. La Trinitá: fonte di ispirazione per la Comunitá dei popoli europei. *Il Novo Areopago*, Forlí, v. 18, p. 25-42, 1999/4.
- _____. Fede e Ragione, tra Parola e Silenzio. *Humanitas*, n. 54, p. 390, 1999/3.
- _____. *Teologia em diálogo: para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *A essência do cristianismo*: Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Para onde vai o Cristianismo?* São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *Piccola introduzione allá vita cristiana*. Milano: Edizioni San Paolo, 1995.
- _____. *À escuta do outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- _____. Deus Pai no amor quer todos salvos em Cristo, o Filho amado. *Revista Teocomunicação*, v. 33, n. 142, p. 717-733, dez. 2003.
- _____. O tempo Esplendor de Deus e a parada como experiência espiritual. *Revista Teocomunicação* v. 34, n. 146, p. 771-782, dez. 2004.
- _____. *O mendicante do céu: a oração de um teólogo*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *A guerra e o silêncio de Deus comentário teológico na atualidade*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *A porta da beleza. Por uma estética teológica*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.
- _____. *La bellezza de Dio*. Milano: Edizioni San Paolo, 2006.
- _____. *Um pelo outro: por uma ética da transparência*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *Nos caminhos do Uno: metafísica e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- _____. *O caminho da beleza: uma aproximação do mistério de Deus*. Aparecida, SP: Santuário, 2010.

FREINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium Salutis. Fundamentos de dogmática histórico-salvífica: revelação de Deus e resposta do homem*. Petrópolis: Vozes, 1965. v. I/4.

- GASPARETTO, Paulo Roque. *Midiatização da religião*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- GOMES, Pedro Gilberto. *Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *Carta Apostólica Dives in misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- _____. *Carta Apostólica: o rápido desenvolvimento*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.
- LATIMIER, Hugo. Verbetes 2. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.
- LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. *Dicionário de conceitos fundamentais em teologia*. Aparecida: Santuário/Petrópolis: Vozes, 1994. p. 816-852.
- _____. *Dicionário de teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes; Aparecida: Santuário, 1994.
- LÉON-DUFOUR, Xavier et al. *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1998.
- _____. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 2001.
- _____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LIPOVESTSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaio sobre individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.
- _____. *Metamorfose da cultura liberal: ética, mídia e empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LUTERO, Martinho. Verbetes 3. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.
- MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MARTIN, W. Bauer; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com o texto, imagem e som de Martin*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MARTINEZ-DIEZ, F. *Teologia da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- MATEOS, J.; BARRETO, J. *O Evangelho de São João – análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989. (Col. Grande Comentário Bíblico).

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

MELO, Itamar. Igreja digital. *Zero Hora*, Porto Alegre, domingo 20 nov. 2011. p. 24-25.

MOLTMANN, Jüngen. *Teologia della Speranza*. Brescia: Queriniana, 1971.

_____. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Editora Teológica: Edições Loyola, 2005.

MONLOUBOU, L.; DUBUIT, F.M. *Dicionário bíblico, universal*. Aparecida: Santuário; Petrópolis: Vozes, 1997.

MORAES, Denis de. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORO, Celito. *Fé e cultura: desafios de um diálogo em comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2010.

NEGRO, Mauro. A Teologia da revelação a partir da Escritura na Igreja. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo: IESP/PFTNSA, v. 17, n. 68, p. 41-63, jul./dez. 2009.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS: Igreja e internet. São Paulo: Paulinas, 2002.

PUNTEL, Joana T. *Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática*. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Mutirão de cultura - América Latina e Caribe*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, fev. 2010.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SEQUERI, P. Comunicazione, fede, cultura. *Rassegna di Teologia*, n. 40, 1999. In: MIRANDA, Mario de França. *Existência cristã*. São Paulo: Loyola, 2005.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In: MORAES, Denis de (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p. 19-31.

SOUZA, José Nivaldo de. *Imagem humana à semelhança de Deus: proposta de antropologia teológica*. São Paulo: Paulinas, 2010.

SPADARO, Antônio. *Palestra*. In: SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO PARA OS BISPOS DO BRASIL Realizado em Aparecida, São Paulo, 14, 15, 16 jul. 2011. (Editor da *Revista La Civiltà Cattolica*).

TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital*. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VV.AA. *L'Eredità cristocentrica di Dom Alberione, saggi teologici, Gesù Cristo Via, Verità e Vita e Gesù Maestro in prospettiva trinitária*. Milano: Edizione Paoline, 1989.

VANASSI, Volnei Junior. A missão na Força do Espírito Santo. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 33, n. 142, p. 735-765, dez. 2003.

_____. *Êxodo e advento: encontro de alteridades na Teologia de Bruno Forte*. Dissertação (Mestrado em Teologia), Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

SITES ELETRÔNICOS

BINGEMER, Maria Clara. *Comunicação*. Disponível em: <<http://www.muticom.comBingemer>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

_____. *O eu, o outro e os outros (mística Inaciana em tempos mutantes e conflituos)*. Disponível em: <http://www.clfc.puc-rio.br/artigo_fc8.html>. Acesso em: 11 dez. 2011.

_____. *Teologia: saboreando as razões de nossa fé*. Disponível em: <<http://www4.familia24horas.comBingemer>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

BRUSTOLIN, Leomar A. *Deus como mercadoria na era digital*. Disponível em: <www.catedraldecaxias.org.br>. Acesso em: 27 maio 2011.

CASEY, Cheryl. Symbol and Ritual Online. In: XCIV CONVENÇÃO ANNUAL DA NATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION. San Diego, 20 nov. 2008. Disponível em: <<http://migre.me/4zX6I>>. Acesso em: 27 maio 2011.

SBARDELOTTO, Moisés. E o verbo se fez bit uma análise da experiência religiosa na Internet. *Cadernos IHU On-line (Revista do Instituto Humanitas Unisinos)*, ano 9, n. 35, p. 50. Disponível em: <<http://migre.me/4zX6I>>. Acesso em: 25 maio 2011.

_____. *Entrevistas Igreja e internet uma relação de amor e ódio*. p. 5-6. Disponível: <www.ihu.unisinos.br>. Acesso em: 28 jan. 2012.

TERCEIRO, José. *[Internet: o milagre da era Digital ou a ameaça da bomba informática]*. Disponível: <<http://milagre.me/4zx61>>. Acesso em: 25 maio 2011.

ANEXO A - Questionário

Tópico Guia - Perguntas da Pesquisa de Campo

- 1. Qual a sua relação com a Igreja Católica?**
- 2. De que práticas religiosas você participa?**
- 3. Como você costuma escutar Deus?**
- 4. Como você costuma falar com Deus?**
- 5. Com que frequência acessa sites religiosos?**
- 6. Que tipo de acesso você faz?**
- 7. Como esses acessos influenciam a vivência de sua fé no cotidiano? Eles mudam a sua relação de Escutar e Falar com Deus? Como?**

ANEXO B – Parecer do CEP

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER

Cadastro do Projeto CEP/PUCRS
10/05278

Título:

“Teologia e comunicação: Diálogo entre fé experimentada na Era digital e a Teologia da revelação em Bruno Forte”.

Pesquisador Responsável:

Leandro Miguel Chiarello (Orientador) e Jurema Andreolla (Mestranda)

Aspectos Científicos e Metodológicos

Observamos que o presente protocolo não seguiu as normas da ABNT ou de Vancouver.

Aspectos Éticos

Não há restrições. Entrevistas personalizadas com primeiro encontro presencial e depois com a utilização do MSN e Facebook (via Internet).

Recomendação

Aprovar

Considerações Gerais

Não há restrições. É bem-vindo ao CEP projetos do Programa Pós-Graduação em Teologia

Data do Parecer 03/12/2010

ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título da Pesquisa: Teologia e Comunicação: Diálogo entre a Fé Experimentada na Era Digital e a Teologia da Revelação em Bruno Forte.

Pesquisador responsável: Dr. Leomar Antônio Brustolin

Mestranda: Jurema Andreolla

Instituição: PUCRS – Programa de Pós-Graduação em Teologia.

O projeto busca investigar a Teologia e Comunicação: diálogo entre a fé experimentada na Era digital e a teologia da Revelação em Bruno Forte, fazendo uma coleta de dados qualitativos entre usuários de redes pela internet. Essa coleta será feita através de entrevistas personalizadas tendo o primeiro encontro pessoal e depois será via internet por MSN e ou Facebook. Posteriormente esse material será transcrito e analisado, para uma comparação com as categorias Êxodo, Advento e Alteridade do teólogo Bruno Forte. Ao participar deste estudo você não terá nenhum tipo de despesa, bem como será pago por sua colaboração.

NOME E Assinatura do pesquisador _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Ao concordar com este termo, estou ciente de que fui informado de forma clara e detalhada dos objetivos e da justificativa do presente projeto de pesquisa. Tenho conhecimento que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos relacionados com a pesquisa, assim como garantia de privacidade.

Entendo que as informações que fornecerei serão utilizadas para fins de pesquisa, podendo contribuir com a mesma desta forma. Sendo assim, concordo em particular deste estudo, bem como, autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das informações coletadas.

Eu, _____, CPF _____,

Concordo com a minha participação na pesquisa Teologia e Comunicação: Diálogo entre a fé experimentada na Era Digital e a Teologia da Revelação em Bruno Forte.. Fui devidamente informado e esclarecido pelos pesquisadores sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim com os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer prejuízo. Caso tiver novas perguntas sobre este estudo, posso chamar o Prof. Leomar Antônio Brustolin (51 3320.3572); a mestranda Jurema Andreolla (51 9917-6963) e o comitê de Ética em Pesquisa CEP – PUCRS (51 3320.3345).

Local e data _____/_____/_____/_____

Nome e Assinatura do participante _____